

LETRAS DO SERTÃO



Redação: — Rua Pe. Cordeiro, 290 — Sousa-Paraíba

Imp. e Papelaria de Marques & Cia.

ANO - I

NOVEMBRO de 1951

Nº. 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

| | pag. |
|---|------|
| Advocacia na roça — João Bernardo de Albuquerque | 2 |
| Soneto NOS CAMINHOS DO PROGRESSO, NAS VEREDAS DA | 4 |
| Historia MODERNIZAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE | 5 |
| Palavras de Estimulo — Mons. Gervasio Coêlho | 6 |
| Cousas do Passado — Caio Monte | 8 |
| A Imprensa — Co. José Vianna | 9 |
| Poema Nº. 19 da letra S — João Bernardo de Albuquerque | 10 |
| Um feito notavel — E. M. Pereira | 12 |
| O Snr. Meu Pai — Otavio Martins | 14 |
| Frei Herculano — Co. Oriel Fernandes | 16 |
| Poetas Sousenses — (J. Adalberto Pinheiro) | 17 |
| O poeta fundiu-se no advogado — Rossine Camargo | 18 |
| General Almeida Barreto — (Linha de Pesquisa: História Regional) Virgilio Pinto | 20 |
| Um simbolo — Emilia Melo | 22 |
| Infortunio — Sergio Fontes | 23 |
| Cartas — Iara Cajá | 24 |
| O poeta futurista) — João Noberto | 25 |
| O verdadeiro poeta) | |
| Chove no mar — Gastão de Alencar | 26 |
| Notas para a historia de Sousa — Dr. Antonio M. M. Mariz | 31 |

JOÃO PESSOA - PB

ABRIL-2012

**NOS CAMINHOS DO PROGRESSO, NAS VEREDAS DA
MODERNIZAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE SOUSA-PB
(1951- 1963).**

Rafaela Pereira Dário

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UFPB em cumprimento as exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof^o. Dr. Damião de Lima

Linha de Pesquisa: História Regional

JOÃO PESSOA

2012

D218n Dário, Rafaela Pereira.

Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização: representações da cidade de Sousa-PB / Rafaela Pereira Dário.-- João Pessoa, 2012.

140f. : il.

Orientador: Damião de Lima

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. História Regional. 2. Historiografia -

**NOS CAMINHOS DO PROGRESSO NAS VEREDAS DA MODERNIZAÇÃO:
REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE DE SOUSA (1951-1963).**

Rafaela Pereira Dário

Dissertação de Mestrado Avaliada em ____/____/____ com conceito _____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Damião de Lima
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Orientador

Professor Dr. Severino Cabral Neto
Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Campina Grande
Exterminador Externo

Professor Dra. Serioja Rodrigues Mariano
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Interno

Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba

Professor Dr. Paulo Geovanne Antonino Nunes.
Programa de Pós Graduação em História- Universidade Federal da Paraíba
Suplente Interno

**A João Bosco Pereira (in memoriam).
“Das lembranças que eu trago da vida
Você é a saudade que eu gosto de ter
Só assim
Sinto você bem perto de mim
Outra vez”**

Agradecimentos

Temos esse poder.

O poder de dar significado às pessoas que amamos.

(Gabriel Chalita).

Chegamos ao final de mais uma etapa de nossa jornada acadêmica. Agora é a hora de dizer muito obrigada a todos aqueles que mesmo de forma involuntária participaram da escrita deste trabalho dissertativo. Fico imaginando como teria sido chegar até aqui sem vocês. Creio que teria sido impossível, sem dúvidas teria.

Em primeiro lugar, como serva de um Deus vivo, o agradeço, ele que é o autor e consumidor da minha fé. Obrigada meu Deus por ter me motivado a ir até o fim até mesmo nos momentos que tudo pareceu difícil, obscuro, impossível, tu senhor me mostraste que menor que meu sonho não posso ser. Obrigada Senhor e “tudo que eu possa conquistar não se compara a tua presença e nem ao prazer de te adorar”.

Sai de casa pela primeira vez para passar uma noite fora quando eu tinha mais ou menos nove anos de idade, ainda me recordo a cena, arrumei tudo na mochila e esperei ansiosa um tio meu terminar seu expediente de trabalho para ir com ele para sua casa. Minhas primas preferidas moravam lá, existia todo um clima de euforia e até mesmo de “emancipação” naquela espera. Ao chegar tudo parecia perfeito, mas no apagar das luzes, depois das brincadeiras e até mesmo da glotonaria que fizemos aquele dia, todo aquele sentimento de “emancipação” cessara, senti que ficar sem mainha e painho por uma noite era difícil demais. O sono não chegava e a única saída de me libertar daquela saudade tão precoce era chorar e chamar por vocês meus pais queridos. Não deu outra, parece que vocês me ouviram, minutos depois vocês vieram me buscar e me levaram para casa.

O tempo foi passando e eu fui começando a dosar as pequenas ausências. Até que consegui passar dias e até semanas sem vocês. E eu agora me lembro da noite de 24 de fevereiro de 2010 quando me mudei para João Pessoa para fazer o mestrado. Tudo era tão novo para mim, preparamos tudo, celebramos aquele momento de vitória e enfim nos despedimos. Apesar do medo que o novo me causava vocês me ajudaram a entender que “grandes medos só podem ser vencidos mediante o cultivo de pequenas coragens”.

Tive a sensação de ter uma casa só minha, confesso que mais uma vez me senti “emancipada”, mas, tiveram certas noites que eu, em silêncio gritei por vocês e a porta do

quarto em nenhum momento se abriu para que entrassem e dissessem: “viemos te buscar”. Mais foi por vocês que eu havia chegado naquele lugar e isso me encorajou a ir mais longe e vencer todos os medos que foram aparecendo e olha que não foram poucos.

A vocês meus pais queridos, muito obrigada por tudo, principalmente por ter cuidado de mim mesmo de longe, não me deixando nenhum dia sequer me esquecer que eu sempre poderia contar com vocês.

A minha vó querida, meu muito obrigada pelo amor, pelo carinho e pelo cuidado de todos esses anos. Já disse e repito que a tenho como um grande modelo de perseverança e de humanidade.

Aos meus irmãos Fernanda e Lucas. Como foi difícil ficar sem esses guris quase dois anos, sem acompanhá-los na escola, sem assistir programações de tv com eles, sem nossas brincadeiras. Amo muito vocês meus tesouros, obrigada por cada telefonema, por cada conversa nas redes sociais, por cada mensagem, por tudo que fizeram para amenizar a falta que senti de vocês.

Obrigada ao meu grande cunhado/irmão Hebert Figueiredo pelo carinho e cuidado com o povo de minha casa em especial com minha irmã enquanto estive longe e por sempre apostar em mim mesmo quando nem eu mesma acreditava que chegaria no lugar desejado.

Obrigada ao meu amigo mais chegado que irmão Nicélio que durante boa parte dessa jornada me ofereceu seu ombro e seu ouvido para que eu desabafasse sempre que precisei. Quantas vezes você meu amigo querido adivinhou que eu estava meio para baixo e me ligou para me distrair e me devolver a alegria. Como você foi importante para mim meu grande.

Ao amigo e companheiro Almair Moraes, obrigada pela tolerância e por cada momento que compartilhamos da mesma saudade de casa, da mesma sensação de perigo, enfim, obrigada por tudo, grande moras.

Aos amigos queridos Eligidério, Corrinha e Simone obrigada por me ouvir, me ajudar e não me deixar desistir nos momentos em que mais precisei apenas da companhia de alguém.

Ao meu orientador professor Damião por ter confiado em mim nos momentos que até eu mesma me julguei incapaz .

Aos professores Severino Cabral, Waldeci Chagas e Serioja Mariano por terem aceitado o convite de participar da banca, lendo atentamente meus escritos e colaborando nessa conquista.

Obrigada aos professores Angêlo Pessoa, Claudia Cury, Paulo Geovani, Regina Bear, Elio Flores, Raimundo Barroso e Doralice Sátiro pela experiência gratificante de aprendermos juntos.

Obrigada a todos os amigos de turma, em especial Marcos José de Melo, Carla Carine e Vanderlan Paulo por me terem feito sentir-se em casa em um lugar que não era o meu.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma com esse trabalho muito obrigada, sem vocês chegar até aqui não teria sido possível.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. Introdução..... | |
| 2. Como de fz história: relatos de nossa operação historiográfica..... | 9 |
| 2.1 As fontes..... | 31 |
| 2.2 Organização do texto..... | 36 |
| 3. A cidade de Sousa na escrita intelectual..... | 40 |
| 3.1 Revisitando a historiografia sousense..... | 43 |
| 3.2 A imprensa escrita na cidade de Sousa..... | 47 |
| 3.3 A cidade de Sousa nas <i>Letras do Sertão</i> : progresso e modernização..... | 53 |
| 4. A cidade de Sousa no contexto da modernização..... | 69 |
| 4.1 A <i>Proclamação da República</i> brasileira e a emergência do Rio de Janeiro enquanto metrópole moderna..... | 73 |
| 4.2 A modernidade rompendo fronteiras: características de uma <i>Belle</i> <i>Èpoque</i> tardia..... | 77 |
| 4.3 A cidade de Sousa no contexto do Projeto Nacional Desenvolmentista..... | 93 |
| Considerações finais..... | 106 |
| Anexos..... | 108 |

Resumo

A presente dissertação pretende demonstrar as formas como um periódico sertanejo – A revista *Letras do Sertão* – representou a cidade de Sousa em suas duas primeiras fases de circulação que foram de 1951-1963. Levando em consideração o papel social que a imprensa assume, ousamos dizer que os editores da revista, ancorados no lugar social que assumiam, extrapolaram o conteúdo literário da mesma e a partir de artigos e notas estamparam no magazine um conteúdo político onde uma série de críticas e reivindicações foram evidenciadas. Tais críticas se fizeram devido a realidade da Nação naquele momento ser bem diferente da vivenciada no início do século XX, pois assim como boa parte das cidades brasileiras, Sousa empreendeu conquistas materiais importantes durante o citado período que a conferiu ares de moderna. Durante os anos 1930, a cidade continuou crescendo e desta feita, as atividades comerciais e industriais foram fortalecidas em detrimento das melhorias infra-estruturais tais como pavimentação de ruas, melhorias no sistema de abastecimento de água e de luz elétrica, limpeza urbana, etc. Podemos dizer que as reivindicações feitas pela elite letrada que compunha *Letras do Sertão* foram baseadas na observação da “precária” infra-estrutura da cidade, que subsistia desde o início do século e que impedia na visão deles, que Sousa alcançasse vãos mais altos em direção ao desenvolvimento. A partir do ano 1955, a cidade passou a ser representada de outra forma uma vez que o poder público municipal optou em acompanhar o desenvolvimentismo Juscelinista investindo e infra-estrutura na tentativa de impulsionar o crescimento econômico de Sousa. Este estudo se agrega a linha de pesquisa história regional do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba com área de concentração em História e Cultura Histórica.

Palavras chave: Representações, Letras do Sertão e Sousa.

ABSTRACT

This dissertation aims to demonstrate the ways a regular backcountry - The magazine letters Hinterland - represented the city of Sousa in his first two phases of movement were from 1951 to 1963. Taking into consideration the role that social media takes, we dare say that the magazine's editors anchored in the social place that assumed, extrapolated content literarário the same and from articles and notes stamped in a political magazine where a lot of criticism and claims was evidenced. Such criticisms are made because the reality of the nation at that time to be quite different from the experienced in the early twentieth century, as well as most Brazilian cities, Sousa undertook important material gains during that period that gave an air of modern. During the 1930s, the city continued to grow, and this time, the commercial and industrial activities have been strengthened at the expense of infrastructure improvements such as street paving, improvements in the system of water supply and electric light, street cleaning, etc.. We can say that the claims made by the literate elite who composed letters Hinterland were based observação of "precarious" infrastructure of the city, which subsisted since the beginning of the century and that kept in their view, that Sousa alçasse fly higher toward development. From the year 1955, the city began to be represented otherwise since the municipal government decided to follow developmentalism Jusceliniano investing and infrastructure in an attempt to boost economic growth Sousa. This study adds to the research line regional history of the Graduate Program in the History of the Federal University of Paraíba with a major in History and Historical Culture.

Keywords: Representations, letters and Hinterland Sousa.

1.Como se faz a história: Relatos de nossa operação historiográfica

1. Como se faz a história: Relatos de nossa operação historiográfica

Letras do Sertão sai a lume como obra simples que é: sem o aparato nem o reboiço de que geralmente se engalavam suas congêneres das metrópoles. Revista da roça, desataviada, singela – revista matuta- apresenta-se sem temeridade, nem vexame de sua simpleza rude, propondo-se principalmente difundir a cultura sertaneja e compelindo dessa maneira ao exercício mental todas as inteligências do sertão, cuja continência intelectual por escassez de meios de publicidade redunde em desconcertante prejuízo de nosso patrimônio cultural. Fazemos obra desinteressada e quase nenhuma vaidade nos assiste: verdadeiramente o nosso único e principal objetivo é proporcionar aos intelectuais de nossa terra, ensejo de publicarem seus trabalhos (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p. 01).

Em 02 de Novembro de 1951 passara a circular na cidade de Sousa PB o primeiro número da revista de letras intitulada “*Letras do Sertão*”. Sua nota de abertura sugere que ela seria o veículo de divulgação dos trabalhos literários dos sertanejos.

Seus editores, ao referirem-se a ela, procuraram aproximá-la dos sertanejos, numa relação de alteridade, classificando-a de revista matuta, simples, diferente de outras revistas que nasceram nas capitais e que procuravam, segundo eles, se apresentar de forma ruidosa¹ servindo as escolas literárias do país. Ao colocarem que agora os sertanejos teriam um espaço de divulgação dos seus trabalhos eles estariam criando certo vínculo identitário que aproximaria as produções dos mesmos.

¹ A revista Letras do Sertão redigiu uma carta convite que fora entregue a alguns intelectuais Paraibanos. Na carta os seus editores colocam que aquela revista não pretendia ser um instrumento a serviço das escolas literárias vigentes no Brasil, pelo contrário, ela seria um espaço reservado à escrita dos sertanejos, e estes teriam total liberdade para escrever, seguindo, cada qual, o estilo que mais os chamavam atenção. Vejamos: “A direção da nossa revista tem como norma principal do seu programa servir ao sertão paraibano na divulgação de trabalhos literários que falem à alma de nossa gente e, para isso, contamos com a imprescindível colaboração dos nossos intelectuais que, de certo, não ficarão indiferentes à iniciativa dos que, mais uma vez, tentam servir à imprensa indígena. Sem filiação a nenhuma das escolas literárias que atualmente revolucionam os meios culturais do país e mesmo sem a menor inclinação para quaisquer dessas “igrejinhas”, respeitaremos a opinião dos nossos colaboradores porque a nossa intenção é pura e simplesmente criar um veículo para manifestação da cultura e da inteligência sertanejas” (Matos, 2003, p. 08). ”

Esse vínculo a nosso ver, tanto pode ser associado ao pouco espaço que os sertanejos gozavam para divulgar seus trabalhos em outros periódicos como a valorização que tais trabalhos teriam se fossem publicados em um periódico idealizado no sertão. Dessa forma, segundo seus editores, *Letras do Sertão* tinha uma função: “compelir as inteligências do sertão” a escreverem e publicarem seus trabalhos nas páginas daquela revista de letras.

Ao longo de nossas análises percebemos que não apenas versos e rimas compuseram a trajetória editorial de *Letras do Sertão*. Existiu na revista um espaço reservado à prosa política e tal espaço, de certa forma, representou as visões políticas de seus idealizadores, o que nos autoriza classificar o conteúdo político da revista como sendo engajado, ou seja, portador de um interesse.

Esse interesse ora esteve ligado a denunciar certos aspectos que não correspondiam a realidade da época, a saber, os anos 1951- 1963- ora esteve ligado a promover o nome da urbe sousense. Essa dubiedade de interesses a nosso ver possui uma estreita relação com as mudanças políticas, econômicas e sociais que o país vivenciou em diferentes momentos, ou seja, a consolidação da primeira república, a Era Vargas e o desenvolvimentismo Juscelinista.

Em todos esses momentos a cidade de Sousa atravessou mudanças em seu quadro político, social e econômico. No início do século XX, o poder público da cidade entrou em cena como sendo o principal agente do progresso local, garantindo a aquisição de elementos modernos para o meio urbano e enquadrando Sousa no prumo da modernidade.

A partir de 1930, a cidade assistiu a um acentuado crescimento econômico marcado pelos investimentos da iniciativa privada. O papel do poder público na cidade a partir de então estava ligado a conceder, na maioria das vezes, certas “regalias” para que se investisse em Sousa. Na área de infra- estrutura urbana, pouco modificou- se a paisagem da cidade, mesmo tendo respondido satisfatoriamente as estratégias de crescimento da Era Vargas.

Na década de 1950, quando a realidade do país mais uma vez é modificada, o pouco investimento que se fez em infraestrutura poderia representar o entrave mais importante para o atraso material e econômico da cidade de Sousa nos tempos desenvolvimentistas que se anunciavam. Talvez esse tenha sido o motivo pelo qual a elite letrada que colaborava com *Letras do Sertão* pautou seus reclames a partir dos anos 1950.

Assim, a afirmação de que quase “nenhuma vaidade” assistia o corpo editorial de *Letras do Sertão* pouco a pouco se desmitificava, uma vez que, ao longo da trajetória editorial do magazine, o conteúdo político extrapolou o literário e com isso, a revista tornou-se um dos espaços do debate político da cidade de Sousa.

Cabe-nos colocar que a elite letrada que compôs aquela revista era parte interessada no tocante ao crescimento da cidade e a sintonia da mesma com a modernidade e esse interesse se liga tanto as visões e pretensões políticas, quanto às visões ideológicas e culturais que os assistiam. Ou seja, o lugar social ² que eles ocupavam influenciava de forma direta o que eles escreviam na revista *Letras do Sertão*.

Da mesma forma, nós, enquanto historiadores, temos nossas motivações, nossas influências, nossos interesses. No segundo capítulo de “*A escrita da história*” Michel de Certeau lançou as seguintes questões: O que fabrica o historiador quando faz história? Para quem trabalha? Que produz?

Para responder tais questionamentos Certeau trata a história como uma operação. Dessa forma, entender e tratar a história como uma operação consiste em compreendê-la enquanto a relação entre um lugar mais certos procedimentos de análise, culminando na construção de um texto.

Assim, uma operação historiográfica é basicamente o percurso que o historiador faz até chegar num dado ponto. Seu texto, seu discurso. Logo, para Certeau, a história³ seria uma prática⁴ que resulta em um discurso. Prática esta que parte de um lugar social, ou seja, que sofre as influências do meio ao qual o historiador está inserido.

Portanto, o discurso – resultado da prática – destina-se ou deve destinar-se também a um lugar social. Escrevemos para algo, escrevemos para alguém, por mais que tentemos tornar nossos textos enxutos e mais “democráticos”⁵, a influência do lugar social ao qual

² Sempre que nos referirmos à expressão lugar social estaremos fazendo menção ao gral de instrução, a profissão, a filiação cultural e política dos letrados que colaboraram escrevendo para *Letras do Sertão*. Michel de Certeau compreende o lugar social como sendo um recrutamento, um meio, uma profissão. Assim, o lugar social daquela elite letrada os autorizava a expor seus ideais, uma vez que, é comum, no sertão, alguns serem vistos do alto, ou seja, aqueles que tinham/tem o poder de “fazer crer” sobre o mundo, através de suas visões e pontos de vista, gozavam de certo prestígio e respeito. Sobre Sousa nas décadas que antecederam a criação da revista o escritor Eilzo Matos colocou que devido a visível desigualdade social, que impedia o acesso de muitos ao rádio, a televisão e até mesmo aos livros, por causa do analfabetismo, cabia aos detentores do saber difundir o conhecimento sobre o mundo. Vejamos o que Matos colocou: “Vivíamos em Sousa, na Década de Quarenta, um clima de distinção, religiosidade católica, apostólica, romana, e muito conservadorismo na sociedade. E de atraso material e social. Televisão não existia, e na cidade, em termos otimistas não havia mais de dez receptores de rádio. Poucas pessoas, além disso, interessavam-se em possuí-los. As contradições e choque de interesses, apesar de evidentes, passavam impercebidos no dia-a-dia, extravasavam somente nos períodos eleitorais. A história, o mundo, a rigor, conhecia-se através dos livros, de relatos e explanações de pessoas requintadas, superiores, influentes, diferentes do comum dos mortais – padres, mestres, doutores, algo neste nível, vistos sempre à distância”. Logo, fica claro que o prestígio da revista está ligado também aos seus idealizadores devido o lugar social que eles ocupavam.

³ Certeau afirma que a ambiguidade que o termo história assume sugere uma proximidade entre a operação científica e a realidade que analisa. Segundo ele, outros domínios do conhecimento não confundem “prática e resultado”, o ato produtor e o objeto produzido.

⁴ Quanto ao termo prática Certeau o define como: procedimentos de análise (uma disciplina).

⁵ O que queremos dizer com tal expressão é que procuramos escrever de forma mais clara pensando no leitor.

pertencemos, nossas Universidades, Programas de Pós Graduação, Grupos de Pesquisa, etc., acabam por marcar nossa escrita.

Ao nos referirmos neste tópico ao termo operação historiográfica, estaremos tratando a história como uma operação, onde uma prática- que partiu de um lugar social- resultou num discurso, numa versão sobre algo. Estaremos apresentando ao leitor nosso percurso teórico-metodológico: o que nos motivou, como tivemos acesso as nossas fontes, o que mudou e o que permanece do projeto anterior elaborado para nosso ingresso no mestrado, que conceitos nos fundamentam, enfim, como esse texto dissertativo foi construído.

O principal objetivo dessa dissertação é perceber como a revista *Letras do Sertão* representou a cidade de Sousa nos anos 1951-1963 tendo em vista que nem sempre ela adotou o mesmo discurso de modernidade para se referir a cidade ao longo de suas edições. Como dissemos, o contexto histórico nacional esteve ligado à forma como os editores de Letras do Sertão representaram Sousa e tais representações apontam para a ideia de um projeto de cidade.

Ao tomarmos conhecimento que existiu na cidade de Sousa uma revista que circulou dos anos 1950 até 1968, nos veio à ideia de investigarmos onde e como teríamos acesso a alguns de seus exemplares. Nossa busca pela revista nos fez encontrar outras fontes que embasam essa dissertação: *Minha terra, minha gente*, escrito por Gentil Medeiros Forte, um livro de crônicas que rememora certos aspectos do passado de Sousa, o romance *A Barragem* da sousense Ignez Mariz, e um trabalho da escritora Lucíola Marques Pinto intitulado *Sousa: uma cidade perdida em sua história*.

Já conhecíamos o trabalho de Julieta Pordeus Gadelha, “*antes que ninguém conte*”, ele passou a ser o nosso norte, tendo em vista as informações sobre o passado da cidade e também por conter alguns fragmentos da revista *Letras do Sertão*. As informações que a autora trouxe no livro despertaram em nós o interesse por fatos como: a chegada do automóvel, da iluminação, do abastecimento de água, do primeiro cinema, do trem, do telefone, dentre outros fatos.

Desde a graduação que o tema cidade nos chama atenção. No contato com o professor Osmar Luiz da Silva Filho, um estudioso do tema, começamos mapear alguns lugares de memória⁶ da cidade de Sousa para tentarmos construir um objeto de trabalho e assim iniciarmos um projeto de pesquisa.

⁶ Na tentativa de conhecermos mais sobre o passado de Sousa, visitamos o museu Tosinho Gadelha, pertencente à escritora Julieta Pordeus Gadelha, onde encontramos uma série elementos que fazem parte da história de Sousa como fotografias, objetos antigos, documentos, dentre outros. Fora nesse espaço de memória onde tomamos

O foco na modernização urbana nos chamou atenção. Que elementos nos permitiriam caracterizar a modernidade naquela pequena cidade sertaneja? Naquele momento pesou o contexto político em que a cidade vivia⁷, carente em muitos aspectos infraestruturais e sem muito atrativo estético que nos permitisse intitulá-la de moderna.

Mas, cremos que de maneira proposital o professor Osmar foi aguçando nossa curiosidade, ele continuou indicando leituras e a cada nova descoberta nos encantávamos mais ainda pelo tema, porém, ainda não era palpável para nós que Sousa também experienciou sua modernidade.

Foi quando lemos um artigo⁸ do professor Gervácio Batista Aranha que tratava exatamente sobre as formas de sentir e experienciar a modernidade, que segundo ele, variam e são únicas em cada realidade.

Intencionávamos pesquisar como Sousa viveu sua modernidade e para isso, as considerações de Aranha, de que o ritmo da modernidade nas cidades do Nordeste em especial, era ditado também pela aquisição de elementos do progresso como é o caso da luz elétrica, do trem de ferro, do telefone, cabiam perfeitamente. Nosso recorte temporal a princípio fora os anos 40/50, devido algumas conquistas importantes que tínhamos conhecimento ter se dado a partir de então. Seria oportuno interligar os fatos, fazer conexões, entender o porquê das coisas, mas, não era bem isso que queríamos fazer, queríamos inovar, escrever o que ninguém escreveu, custava-nos entender que contextualizar as coisas remeteria a aspectos políticos e econômicos, tão debatidos nos trabalhos sobre cidades, inclusive sobre Sousa, só queríamos saber da cultura, como se esta andasse separada de outros aspectos que caracterizam a vivência humana.

Já na condição de aluna do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, quando do nosso seminário de pesquisa, foi que a revista *Letras do Sertão* foi cogitada para ser não apenas fonte, mas também objeto de investigação. Daí em diante aquilo que o orientador falava a respeito de uma História Cultural que pretendíamos fazer foi sendo mais bem entendido, e fomos analisar o conteúdo da revista de letras que simbolizava a

conhecimento da existência da revista *Letras do Sertão*, pois na parede de uma das salas havia um quadro contendo uma nota da revista acerca da administração do senhor prefeito Tosinho Gadelha. Fomos também ao arquivo da Igreja Matriz, na Prefeitura Municipal e no arquivo da Câmara de Vereadores da cidade de Sousa.

⁷ Informamos o leitor de que esse contexto refere-se à situação que a cidade de Sousa se encontrava. Enquanto cidades como Cajazeiras atraía empresas a cidade de Sousa via seus jovens terminarem seus estudos e ter que ir embora da cidade para conseguir emprego, a falta de infra estrutura nos bairros, as precárias condições da saúde pública e também escândalos políticos reforçavam nossa ideia de que a cidade de Sousa estava longe de ser uma urbe moderna.

⁸ Seduções do moderno na Parayba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). IN: “**A Paraíba no Império e na República**”.

aventura da cidade de Sousa no mundo da cultura. Novas inquietações apareceram. Redefinimos nosso recorte temporal que corresponde aos anos 1951- ano em que a revista começa a circular- 1963, quando encerra-se a segunda fase do magazine. Esses anos compreendem inclusive algumas conquistas materiais importantes para a época e que foram empreendidas na cidade, como é o caso da energia elétrica vinda de Coremas, do abastecimento de água da cidade a partir da companhia de água e esgoto do Nordeste (Caene), com água tratada vindo do açude de São Gonçalo, do calçamento de algumas ruas, da renovação comercial e também das novas sensibilidades que os sousenses estariam vivenciando em seus cotidianos⁹.

Ao ler a nota de abertura publicada na revista e que citamos acima, algo nos chamou atenção: *Letras do Sertão* seria uma revista puramente a serviço das letras! De fato fomos percebendo que o conteúdo literário da revista existia, mas, para além disso, *Letras do Sertão* também trazia um conteúdo político, e como dissemos, com o tempo, notamos que esse conteúdo chegava a extrapolar as missões literárias do magazine.

É sobre o conteúdo político da revista que lançamos nossas lentes e vimos que era possível representarmos certos aspectos do passado de Sousa através da revista. Como nosso interesse pelo tema modernidade persistiu, o desafio era investigar nas páginas de uma revista literária algo que instigasse ainda mais nosso apetite pela temática modernidade urbana.

A revista começou a circular no ano de 1951, sendo assim, não seriam as observações feitas por Aranha e por outros estudiosos da modernidade urbana ultrapassadas para a época? A nosso ver nunca existiu ou existe uma única modernidade, cada época permite que a modernidade se renove e investigando nossas fontes acabamos por descobrir que na época em que a revista circulou já era possível dar novas definições ao termo modernidade como veremos adiante. A partir de então, ousamos dizer que a revista, em seu conteúdo político, elaborou um projeto de cidade, pautado no discurso de modernidade que era empreendido na época, e com isso, a revista construiu representações sobre Sousa.

As representações da revista *Letras do Sertão* sobre a cidade de Sousa, apontam para a ideia de um projeto de cidade ideal, ou seja, percebemos que o magazine construiu um lugar especial para a cidade em suas páginas, a partir daquilo que seus editores e colaboradores concebiam como moderno para a época. Dessa forma, eles tentaram intervir nos rumos e

⁹Ao falarmos de sensibilidades nos referimos às formas de vivenciar os tempos modernos na cidade a partir dos símbolos do progresso, ou seja, os novos hábitos e as novas práticas sociais que os mesmos fizeram refletir na urbe sousense.

destinos da cidade de Sousa propondo certos requisitos tidos como indispensáveis para que se aspirasse para a urbe ares de moderna.

Os seguintes temas serão utilizados ao longo deste texto: *Projeto de cidade*, *História Cultural*, *Representação*, *Modernidade/Modernização* e *Cidades* (enquanto temática). Vejamos, na sequência, como cada um desses temas contribuiu para /na composição de nossa dissertação.

Desde a segunda metade do século XIX que grande parte das cidades de todo Brasil experimentaram incipientes mudanças estéticas e higiênico-sanitárias¹⁰, especialmente em suas áreas centrais. Tais experiências inspiravam-se na medicina social e articularam-se em torno do binômio progresso/civilização, comuns em países como França e Inglaterra.

E isso foi devido aos problemas de saúde pública e as constantes epidemias que assolavam muitas cidades brasileiras naquele momento. Tais mudanças também giraram em torno das exigências do capitalismo em expansão.

Além de mudanças materiais podemos dizer que as cidades brasileiras viram nascer naquele momento novas sensibilidades. De acordo com Maria Stella Bresciani (1987) o crescimento e a transformação urbanística fizeram com que emergissem novas sensibilidades em torno da questão do urbano. O conceito de sensibilidades foi elaborado para compreender a reação de letrados, principalmente das grandes metrópoles europeias, às suas transformações.

Diante disso é possível afirmarmos que:

As tensões e apreensões vividas por letrados europeus, com particularidades, foram apreendidas por intelectuais brasileiros que, de óticas diversas, puseram na ordem do dia a necessidade de transformar as nossas cidades, tornando-as higienizadas e aprazíveis para seus moradores, investidores e visitantes. (SOUSA, 2005, p.137).

Baseados nessas apreensões, tendo em vista que a partir delas os letrados brasileiros redimensionaram o olhar sobre questões como embelezamento de ruas, saneamento básico, higienização, dentre outras práticas, podemos dizer que nasceram esboços do que chamamos de projetos de cidades.

Antes de conceituarmos o termo projeto de cidade é necessário dizermos que na maioria dos casos eles não eram palpáveis, ou seja, eram construções imagéticas de cidades

¹⁰ Tais mudanças tornaram-se mais amplas e eficazes no início do século XX. No Rio de Janeiro elas irão representar a chamada *Belle Époque*, onde se copiava o modelo parisiense de modernização.

progressistas e civilizadas, aptas para a habitação, o comércio, o lazer, a religião, a intelectualidade, enfim, eram caudatários de novas formas de ver e perceber o mundo, tendo o moderno como inspiração.

Dessa forma, entendemos por projetos de cidade toda iniciativa ou discurso que pretenda modificar certas características, que no caso da modernidade, já podem ser consideradas ultrapassadas, no intuito de celebrar o novo. Boa parte dessas iniciativas e discursos teve na escrita jornalística seu porto seguro e assim, letrados e intelectuais defenderam e discutiram suas propostas e seus “sonhos” para suas cidades.

Devemos lembrar que tais projetos de cidade refletem diretamente nas visões e pretensões de certos grupos. Nosso trabalho se relaciona com tudo isso porque, como dissemos, as representações construídas pela Revista Letras do Sertão, apontavam para a ideia de um projeto de cidade.

A elite letrada que compunha o magazine, de certa forma, tentou intervir nos rumos da cidade de Sousa, publicando suas opiniões acerca dela, e em muitos casos, apontando o caminho a ser percorrido para que a cidade merecesse foros de modernidade. Em outros momentos, portanto, percebemos que uma determinada administração municipal¹¹ pareceu refletir em suas ações alguns anseios daqueles homens de letras no tocante a modernização de Sousa e estes, expuseram nas páginas da revista novas representações da cidade.

Assim, os ideais modernos¹² que circundavam o projeto de cidade dos editores da revista Letras do Sertão é considerado o termômetro que verificava o grau e a sintonia da cidade de Sousa com a modernidade. As medidas ou os discursos que se aproximassem dos ideais modernos daqueles homens de letras foram aclamados e publicados na revista, do

¹¹ Como veremos ao longo do texto a administração do Sr prefeito Felinto da Costa Gadelha (Tosinho) caiu nas graças do corpo editorial da revista apesar do prefeito não ser da UDN. Fruto dos anos JK, a administração de Tosinho empreendeu na cidade de Sousa uma série de melhoramentos que segundo os editores da revista tenderam a conferir a Sousa ares de moderna. Todas as representações que a revista construiu sobre Sousa nos anos dessa administração se mostraram otimistas com relação ao progresso, em muitos casos, cada conquista que foi realizada foi devidamente registrada e aclamada nas páginas de Letras do Sertão. No último ano daquela gestão, a revista divulgou as principais realizações do governo, com fotografias das obras e um discurso elogioso que aclamava a administração como sendo progressista e operosa. Vale salientar que naquela fase a revista não trabalhava com a propaganda como recurso comercial e segundo Eilzo Matos numa conversa que tivemos a matéria não foi paga pela prefeitura, a revista divulgou porque se importava com o progresso da cidade. As representações que naquele momento se construiu sobre Sousa e que tiveram na administração de Tosinho Gadelha certa referência, faz parte das nuances de uma Cultura Política, trabalharemos melhor essa ideia no terceiro capítulo dessa dissertação.

¹² Pelas análises que realizamos podemos dizer que os ideais modernos daqueles homens de letras estavam ligados a melhoramentos estéticos e materiais para a cidade de Sousa como: calçamentos de ruas, arborização, iluminação eficiente, melhor qualidade da água, e incentivos para dinamizar o comércio e a indústria na cidade de Sousa. Para eles, aquilo que foi empreendido no início do século XX em Sousa já não correspondia a realidade histórica dos anos 1950-1960.

contrário, foram combatidos, silenciados ou representados de forma negativa nas páginas de *Letras do Sertão*.

Essa ideia de trabalhar o urbano a partir dos projetos de cidades que ressoam da escrita jornalística, quer seja por meio de notícias, de crônicas, de editoriais, de outros gêneros, vem ganhando espaço na historiografia paraibana e brasileira. O professor Fabio Gutemberg de Sousa (2005, p.134) representou a cidade de Campina Grande a partir das crônicas de Cristino Pimentel, que segundo ele, *“na grande maioria de seus escritos, intervinha, polemicamente, nos rumos e destinos de Campina Grande, cidade que exaltava como sendo o único e principal interesse de suas investidas jornalísticas”*.

O cronista campinense possuía um projeto de cidade e tratou de defendê-lo nas crônicas semanais que escrevia em alguns órgãos da imprensa campinense. Questões como a iluminação da cidade, a qualidade da água, a arborização urbana, dentre outros assuntos, pulsaram nas penas de Pimentel.

Ele também se envolveu em querelas com prefeitos e outros políticos campinenses. Segundo ele, o desenvolvimento da cidade de Campina Grande era o motivo que o levava a expor opiniões pessoais e debater com tais políticos. Na visão de Fabio Gutemberg, além dessas motivações, o cronista na certa possuía outros desejos. A postura do cronista, que segundo o autor era dúbia, permitiu que ele criasse e representasse uma ou mais imagens daquele escritor. Assim, ele diz que:

Para onde minha vontade olhar aparecerá um diferente Cristino Pimentel. Sinto que ele pode ser transformado em um bom cronista da cidade, ou em um político frustrado que, com ares de ilustrado, sempre alimentou o desejo de ser conduzido pelo povo (ou não) ao posto máximo de sua cidade para, informado por uma leitura iluminista, por alguns preceitos do urbanismo moderno e pelos ideais legados por João Pessoa, fincar de vez em massas incultas os valores da civilização e do progresso; ele pode aparecer também como um dos muitos intelectuais brasileiros que, idealisticamente, lutaram pelo progresso e civilização da sua cidade e do seu país, ou como um projeto utópico, que com sutis traços autoritários, tentava impor uma concepção de cultura e sociedade aos seus leitores e ouvintes; ainda como um poeta frustrado que, ruim de métrica e pobre de rima, tentou sair do anonimato implicando com prefeitos e governadores através de suas crônicas, o caminho mais promissor para chamar atenção, para aparecer no cenário local, talvez estadual; como um escritor que, filho de pais pobres, ascendeu através de seu esforço, superou as adversidades de sua condição social, trabalhou muito e ao final chegou a ser reconhecido como um “nome das letras tabajaras ou de Campina Grande. (SOUSA;2005,P.182).

Tanto Cristino Pimentel quanto a elite letrada que compunha *Letras do Sertão* tinham o conhecimento do papel da imprensa na sociedade e passou a usá-la como mecanismo de divulgação de seus ideais políticos para suas cidades- quem sabe até de ascensão social para eles próprios- de ação pedagógica e disciplinadora para as “massas ignaras” e de transformações culturais, estéticas e higienistas para Campina Grande, no caso do cronista, e para Sousa, no caso dos editores e colaboradores de *Letras do Sertão*.

Ultrapassando a fronteira geográfica a qual nos detinha até então, vejamos como outros trabalhos que lidam com a ideia de projetos de cidades foram escritos e se relacionam com o nosso. Começamos pela produção historiográfica de uma potiguar e depois de um paulistano.

No trabalho intitulado “*Mossoró: uma cidade impressa nas páginas de o Mossoroense*”, dissertação de mestrado defendida em 2010, no programa de Pós Graduação em História da UFCG, a autora Paula Rejane Fernandes, identificou que o jornal O mossoroense elaborou para a cidade de Mossoró nos fins do século XIX e início do XX um projeto de cidade, divulgado e defendido naquele periódico como sendo ideal para que a cidade trilhasse os rumos da modernidade.

O jornal era dirigido por empresários ligados a um determinado partido político da cidade, o que nos autoriza reforçar a ideia de que a escrita jornalística que ressoa da imprensa reflete as visões de mundo e até mesmo os ideais políticos de seus editores. Mais uma vez devemos dizer que todo escrito parte de um lugar social e acaba por estampar as marcas do lugar de onde partiu.

Em *A cidade: os cantos e os antros*, José Roberto do Amaral Lapa também dedicou um espaço para debater sobre o projeto ou os projetos de cidade que a imprensa de Campinas elaborou para pensar a modernidade na cidade de Campinas- SP. A pesquisa do autor permeia a segunda metade do século XIX, onde segundo ele o Brasil, secularmente atrasado, passou a viver seu “primeiro grande momento de modernidade”.

No tocante a imprensa e seu papel civilizador Lapa afirma que esta contribuiu decisivamente para a formação de uma consciência crítica da modernidade. Mesmo reconhecendo a parcialidade que certos jornais da cidade faziam questão de evidenciar, o autor chega a dizer que:

De qualquer maneira, a imprensa local conseguiu reunir e abrigar uma fração das mais significativas da inteligência local da cidade. Formou uma massa crítica capaz de adestrar-se na vigilância ao poder público e ao comportamento dos cidadãos, o que potencializaria esse conjunto de

intelectuais a assumir também, em não poucos casos, a militância política em dimensões municipais, provinciais e nacionais

Sob o ponto de vista da produção cultural, esses jornalistas, cientistas, professores, poetas, escritores encontraram na imprensa, em muitos casos, o único meio de comunicar-se entre si e com os leitores. As redações desses jornais assumiram desde logo ser o espaço cultural, onde o debate, a polêmica, as ideias, os projetos e políticas públicas eram gerados e fermentados, para serem a seguir transmitidos aos leitores, contribuindo para formar a opinião pública, definir posições e identidades. (LAPA, 2008, p.181).

Mesmo numa temporalidade diferente, os trabalhos citados têm relação com o nosso porque tentam expor como a imprensa escrita projetou uma cidade ideal, proveniente dos desejos e da forma de conceber o moderno de certa elite letrada.

Vimos até aqui alguns trabalhos que assim como o nosso procuram demonstrar as maneiras que alguns intelectuais e/ou letrados do meio urbano representaram suas cidades a partir dos ideais modernos que existiam na mente de cada um deles, utilizando a imprensa para divulgar tais ideais¹³.

O segundo tema a que nos propomos discutir diz respeito à emergência da História Cultural enquanto campo historiográfico. Tendo em vista que essa dissertação se enquadra nos lotes de tal campo, apresentaremos ao leitor os principais pressupostos teórico-metodológicos que ele permeia.

Escolhemos trabalhar com a História Cultural tendo em vista a forma como a temática cidades é por ela explorada. Esse campo historiográfico passou a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade. Dessa forma, a História Cultural Urbana permite que analisemos “*as formas pelas quais a cidade foi pensada e classificada ao longo dos tempos*” (PESAVENTO, 2005, P. 78).

Foi nos anos de 1990 que a História Cultural se consolidou no Brasil enquanto campo historiográfico. A historiadora Sandra Jathay Pesavento diz que a História Cultural é fruto das mudanças epistemológicas que atingiram a história desde o pós Segunda Mundial. Mas que mudanças foram essas? E porque a história foi atingida?

Com o fim da Segunda Guerra Mundial novos grupos sociais emergiram, as minorias fizeram ecoar uma voz nunca ouvida antes. Estamos falando de movimentos como o

¹³ Vale lembrar que escritos como o de Olavo Bilac sobre o Rio de Janeiro no início do século XX se encaixam no perfil daquilo que denominamos de projetos de cidades elaborados e idealizados por intelectuais e que tinham o moderno como lema.

feminismo, em termos de cultura o surgimento da New Left, a crise de Maio de 1968, sem falar que as duas grandes guerras que o século XX foi palco puseram em xeque o projeto iluminista que pregava a razão como a grande libertadora do homem.

Como admitir que o homem, numa atitude racional, utilizou o poder da tecnologia para detonar o outro? Bem mais que uma questão de alteridade refletir sobre isso passou a ser uma questão paradigmática onde a ideia da razão libertadora entrava em colapso.

Diante disso, como a história se portaria? Novos grupos estavam entrando em cena, e com isso novos interesses, sem falar que a política e a economia teriam de ser entendidas sobre a égide de uma bipolaridade.

Até então se fazia história acreditando que tudo estaria predito, ou seja, o processo de construção do conhecimento era negado. As respostas já estariam lá, antes mesmo que perguntas fossem lançadas. Logo, as hipóteses eram refutadas, porque as explicações já estavam dadas.

A partir de então algumas posturas passaram a ser condenadas e criticadas. O marxismo e a corrente dos Annales foram essas posturas. Quanto ao marxismo criticou-se a fixação dos princípios do materialismo histórico em uma espécie de modelo, a sensação de que tudo estaria predito, explicado, devido entenderem a história como sendo o palco de enfrentamento entre dominados e dominadores.

Quanto à corrente dos Annales, criticou-se as perspectivas globalizantes que tal escola adotou, chegando a preterirem uma espécie de história total. Na recusa aos preceitos marxistas, os seguidores da escola dos Annales foram aos arquivos, coletaram e sistematizaram dados, falavam de uma história serial, comparativa, mas, foram criticados e denunciados, houve quem dissesse que tal forma de fazer história reduzia-se a uma narrativa simplória, sem capacidade de explicar os fenômenos.

Mesmo sendo criticadas foi de dentro da vertente de tais posturas que veio o desejo de renovação da história, ou seja, tais modelos foram criticados, mas, as críticas levaram a uma revigoração dos mesmos e não a um fim. E fora no cerne dessa revigoração que nasceu a História Cultural.

Para Falcon (2002) a necessidade de revigorar a história pode ser entendida como o resultado das inquietações do historiador e das dificuldades que se colocam à prática do seu ofício mediante um presente complexo e contraditório, ou seja, a realidade que se via no mundo pós 45 não era propriamente histórica.

Assim, a História Cultural se encaixa no perfil das novas maneiras de fazer a história que emergiram naquele cenário pós Segunda Guerra Mundial. A principal proposta da História Cultural é de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo, ou seja, ela visa atingir as representações, individuais e coletivas, que os homens constroem sobre o mundo.

A história ganhava novos personagens, novas fontes, novas versões, enfim, outras temáticas emergiram. Os ideais de uma verdade única, que pretendia trazer o passado de volta fora vencido e em seu lugar a certeza de que o texto histórico nada mais é que uma versão de muitas que se pode construir sobre os fatos e que é o presente¹⁴ do historiador que permite que o passado seja representado.

A realidade teria de ser problematizada, explicativa, e não meramente algo dado, as perguntas passaram a mover o motor da história e as respostas deveriam ser perseguidas, construídas, e não mais retiradas do fundo de um baú, empoeiradas e rígidas, como se fossem o fim de um mistério, as únicas testemunhas, portanto, a verdade absoluta sobre o fato em análise.

Ao longo do nosso texto o leitor verá aspectos econômicos e políticos do passado da cidade de Sousa e poderá se perguntar se de fato o nosso trabalho é de História Cultural. Cabe-nos dizer que implementamos em nossa pesquisa tais fatores por entendermos que cultura, política e economia não se separam e também porque foram exatamente esse tripé, cultura, economia e política que compuseram as representações sobre Sousa contidas na revista.

Dentre os conceitos que tangenciam a História Cultural está o de Representação. Tendo em vista que esse conceito faz parte do arsenal temático que mapeamos acima para melhor situar o leitor passaremos a tratar dele a partir de agora.

Roger Chartier (1990, p.17), afirma que “*as representações produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas*”.

É a partir desse entendimento que tratamos a revista *Letras do Sertão*. Ao afirmarmos que os editores de *Letras do Sertão* acabaram por imprimir em suas páginas, certo projeto de

¹⁴ Para Reinart Koseleck (2005) são as categorias horizonte de expectativas e campo de experiência que orientam a postura do historiador e que confere um sentido a história. Por horizonte de expectativas o autor classifica como sendo as inquietações do historiador e que tais inquietações são provenientes do presente. Já por campo de experiência, o autor entende que se trata do próprio passado, ou seja, o presente faz com que o historiador acione o passado e o presente.

cidade ideal, devemos levar em conta que a revista era composta por uma elite letrada, sendo assim, a afirmação de PESAVENTO (2005) de que o poder ou a força das representações pode também se dá pela capacidade que estas possuem de produzir reconhecimento e legitimidade social, serve para justificar as investidas daqueles homens de letras de querer intervir nos destinos de Sousa, e isso se deve, ao lugar social ocupado por eles, que de certa forma os conferia determinado poder simbólico¹⁵.

Assim sendo, entendemos que as representações são configuradas de múltiplas formas, constituindo o mundo de forma variada e contraditória pelos diferentes grupos sociais. Para compreendermos as representações que se constituem de falas em forma de textos, publicadas na revista *Letras do Sertão* e que de alguma forma fizeram menção a cidade de Sousa em sua relação com o moderno, investigamos o contexto histórico em que foram produzidas para que não caíssemos nas artimanhas dos discursos, evitando explicações simplistas.

A nosso ver, a revista *Letras do Sertão* buscou implicitamente legitimar sua conduta de instrutora e interventora, pautada principalmente no lugar social que seus idealizadores ocupavam. Segundo Pesavento (2004, p. 42).

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.

Mas, não podemos reduzir as relações sociais que os homens tecem entre si ao o mero jogo entre dominantes contra dominados. De acordo com CHARTIER (1990, p.17): *As representações são múltiplas, assim como a constituição da sociedade, daí porque tais categorias de análise devem ser percebidas em um campo de luta, de concorrência e competição.*

A coisa não é diferente com as representações referentes à modernidade em sua intrínseca relação com a modernização. Por ser reflexo de projetos políticos, pensar a modernidade urbana exige a necessidade de uma complexa interpretação, ou seja, uma necessidade de discurso. Diante as implicações da modernidade em um dado meio, diferentes grupos sociais tecem suas formas de conceber, combater, celebrar, requerer e explicar o

¹⁵ De certa forma, a questão do saber confere ao indivíduo o poder de impor seu ponto de vista. Principalmente no sertão, a máxima do saber é poder é muito valorizada, daí afirmarmos que a Revista *Letras do Sertão*, a partir do lugar social que seus editores ocupavam, possuía a autoridade para elaborar certo projeto de cidade ideal pautado nos ideais de modernidade defendidos pela aquela elite letrada.

moderno, produzindo leituras particulares sobre a “sociedade que os cercam”. Foi isso que a elite letrada que representava a revista *Letras do Sertão* fez. Construíram um discurso de modernidade para a cidade de Sousa baseados em seus ideais e no momento histórico que o país vivia.

Percebemos que as representações sobre a cidade de Sousa impressas em *Letras do Sertão*, foram múltiplas. Ao tratar da cidade e de seu processo modernizatório dos anos 1951-1963, a revista mesclou discursos políticos, religiosos, intelectuais, populares, que demonstraram o caleidoscópio de olhares que apreenderam tal processo. Assim, Sousa fora representada pelos sujeitos históricos, responsáveis pela revista, a partir do lugar social ocupado pelos mesmos. Mas, tais representações não podem ser consideradas o espelho da cidade real, ou seja, elas representaram o ponto de vista daquela elite letrada, como dissemos, os ideais de modernidade que aquela elite letrada tinha passou a ser o termômetro que aferia a sintonia da cidade de Sousa com a modernidade.

Ao mesmo tempo em que representou Sousa, o corpo editorial da revista *Letras do Sertão* construiu uma imagem dela própria: a de representante do progresso e da modernização da cidade quer seja pelo conteúdo que trazia, ou pelo fato de ser um instrumento que possuía um discurso instrutor, fruto da experiência e da visão de mundo de seus editores e colaboradores, acerca dos rumos modernizantes que a cidade deveria seguir.

Outro tema a que nos propomos tratar aqui está relacionado à modernidade/modernização. Tendo em vista que grande parte daquilo que a revista *Letras do Sertão* divulgou sobre Sousa esteve relacionado ao progresso material da cidade, quer seja reivindicando certas ações e ou atos que conferissem a urbe ares de moderna, quer seja divulgando com veemência tudo que fosse empreendido na cidade e que representasse para aquela elite letrada sintonia com o progresso, levando em consideração também o nosso interesse pelo tema modernidade urbana, é necessário que façamos algumas colocações, ainda que breves, sobre a temática modernidade/modernização.

Antony Giddens (1991, P.08) define a modernidade da seguinte forma: “*refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII*”. Vendo por esse ângulo, o termo modernidade está ligado a um movimento inovador que viera para romper com hábitos e práticas consideradas ultrapassadas, obscuras.

Falar de modernidade é falar do novo, seria aquilo que o presente lança. Assim, é comum atrelarmos o que está no auge ao moderno e isso quase sempre se dá como forma de

oposição ao que um dia já esteve no auge e que no presente já virou passado é o que costumeiramente chamamos de arcaico.

Vendo por esse lado, Alain Touraine (2008, p.09) afirma que:

A ideia de modernidade, na sua forma mais ambiciosa, foi à afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões.

O ocidente viveu e pensou a modernidade como uma revolução. No caso da modernidade urbana, esta passa a ser vista, na maioria das vezes, pela revolução do meio, revolução essa marcada pela presença de símbolos modernos, pelas novas formas de se relacionar com a natureza, com o outro, de se vestir, se comportar e de representar o mundo, ou seja, para além da esfera econômica modernidade também resulta das questões culturais.

Rezende (1997, p. 18) afirmou que a modernidade não poderia concretizar-se sem o processo de modernização. Para o autor tal processo *“requer mudanças na economia, avanços tecnológicos, predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso”*.

A modernidade seria assim, um movimento, o tempo histórico onde o novo ganha vez. A modernização seria os elementos palpáveis desse movimento, seria a ação da modernidade, ou seja, a modernidade pode ser entendida como sendo um tempo revolucionário, que faz emergir elementos revolucionários tanto na vida material quanto nas práticas sociais e culturais das pessoas.

Apesar de ser celebrada como uma revolução, a modernidade em sua ação, a modernização, tende a ser excludente, tendo em vista que uma grande maioria menos capitalizada fica de fora de suas tramas.

Devido a outros tantos significados que o termo modernidade pode assumir Chagas (2010,p.41) prefere tratá-la da seguinte forma:

Podemos assim falar em modernidades ou nas nuances que a modernidade como representação do progresso científico, numa visão linear e cumulativa bastante próxima ao positivismo: a modernidade como a era do maquinismo e da tecnologia, responsáveis por novas experiências sensoriais e perspectivas atreladas, muitas vezes, à conquista da velocidade e a modernidade como estilo de vida cosmopolita e metropolitano, teatralizando

na obrigatória familiaridade com requintados hábitos de consumo e de lazer dos maiores centros urbanos.

A maior parte das cidades brasileiras entendia o moderno a partir da incorporação de hábitos, elementos e práticas vindas de fora. Com isso, podemos dizer, que no tocante ao processo de modernização de suas cidades, principalmente de sua capital, o Brasil “vestiu-se a francesa”, uma vez que fora a França a grande inspiração do Brasil para sua afinação com o moderno.

O interessante é que essa importação de elementos e valores transitou não apenas na esfera do progresso material, as artes e a literatura brasileira também bebiam de fontes estrangeiras, mais precisamente francesas. A reação a tudo isso não tardou a aparecer.

Em 1922 São Paulo foi palco da Semana de Arte Moderna que propunha revolucionar o movimento artístico no Brasil. Nascia assim o modernismo, cuja principal proposta era valorizar a cultura brasileira criticando a postura de se buscar inspiração para se tornar moderno lá fora.

A princípio o modernismo circundou apenas a esfera da arte e da literatura. Mas, logo, o modernismo ganhou novos adeptos. O interessante é que a ideia de modernizar o Brasil partia de duas vertentes. Uma delas era buscar inspiração lá fora e a outra era buscar valorizar a cultura e os valores do próprio Brasil.

A modernidade enquanto movimento revolucionário manteve-se intacta durante quase dois séculos, ou seja, nenhuma outra proposta se apresentou mais viável que o projeto da modernidade. Para David Harvey (1992, p. 23) as ideias iluministas influenciaram o projeto da modernidade que entra em foco no século XVIII. A ideia era o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana¹⁶.

Foi o século XX que feriu os pressupostos do projeto da modernidade, colocando em xeque a racionalidade tão evidenciada como sendo o caminho da liberdade e da felicidade humana. Como vimos, o uso da tecnologia nas duas grandes guerras que tal século foi palco e que vitimou fatalmente milhares de pessoas, episódios como o de Hiroshima e Nagazaqui,

¹⁶ Essa ideia de emancipação humana diz respeito à crença no poder da razão de libertar o homem dos fantasmas que o prendiam no chamado antigo regime, como é o caso do poder que o clero exercia na vida social e também das amarras dos poderes absolutos. Com o advento do chamado estado moderno e suas doutrinas, o súdito é transformado em cidadão dotado de direitos e deveres inclusive com o próprio estado, daí a ideia de contratualismo.

parecera ser, para os críticos do projeto da modernidade a prova evidente de que a ideia de uma razão libertadora apresentava suas contradições.

Alguns estudiosos desse tempo histórico revolucionário que chamamos de modernidade, a partir dos eventos que citamos e da configuração do mundo pós Segunda Guerra Mundial, chegaram a declarar o fim desse tempo histórico e a falência de seu projeto. Em seu lugar entrava em cena a ideia de uma Pós Modernidade que para Harvey (1999,P.26) é algo confuso, podendo dizer apenas que o mesmo “representa alguma espécie de reação ao modernismo, ou de afastamento dele”.

Dentro do pensamento filosófico, um dos que acreditava no fim da modernidade e que teceu severas críticas a seu projeto fora Nietzsche. Para ele, todo arsenal de imagens iluministas sobre a razão, a civilidade, a moralidade e os direitos universais de nada valia. Mas, mesmo em meio a críticas e a descrenças, há quem continue apoiando o projeto da modernidade, dosando suas pretensões e apresentando certo ceticismo em alguns de seus pontos. Jürgen Habermas é um dos que se encaixam no perfil dos “crentes” da continuação de tal projeto.

Esse pensador dialoga com Hegel, que foi quem primeiro desenvolveu o conceito de modernidade e busca compreender a interna relação que existe entre modernidade e racionalidade. Dessa forma, Habermas vê a modernidade como um projeto inacabado.

Nessa perspectiva, nosso trabalho procura estudar a temática da modernização e sua intrínseca ligação com a modernidade, tendo como cenário a cidade de Sousa a partir das representações que a revista *Letras do Sertão* construiu sobre essa cidade e seu processo modernizatório nos idos anos de 1951- 1963. Em alguns momentos de nosso texto tivemos de retroceder e trazer ao debate certos aspectos vivenciados em outros recortes de tempo como o início do século XX e os anos 1930 e 1940.

Tendo em vista que a modernidade tem a cidade como cenário de suas tramas passaremos agora a tratar da última temática que envolve essa dissertação, a da cidade.

A modernidade urbana é um dos temas que mais aparecem nos estudos sobre cidades. Como é na cidade que a vida moderna encontra o “palco” para seus atos, estudá-la a partir das experiências urbanas, únicas em cada meio, se tornou comum não apenas no âmbito da historiografia.

Até antes de 1980 existiam duas metodologias principais para abordar o estudo do urbano. Costumavam-se analisar a cidade a partir da perspectiva quantitativa e evolutiva. O principal empenho dos que faziam este tipo de história era descrever a trajetória da cidade,

retraçando sua evolução, explicitando dados, nomes e abordando seu crescimento e sua evolução urbanística. Dessa forma, esse tipo de história possui o objetivo de informar sobre o passado da cidade sem, portanto, realizar reflexões mais consistentes sobre o fenômeno da urbanização em si.

A outra metodologia que era comum no estudo do urbano era a abordagem de conotação marxista. A respeito dessa postura Pesavento (2005, p.77), coloca que:

As cidades comparecem como o lócus da acumulação de capital, como o epicentro da transformação capitalista do mundo. Mesmo assim, a cidade é ainda abordada na sua dimensão espacial: ela é o território onde realiza um processo de produção capitalista e onde se realizam as relações capitalistas, onde se enfrentam as classes.

O que percebemos atualmente nos trabalhos que abordam as cidades é que outras maneiras de trabalhar o urbano tem se apresentado. A cidade não costuma mais ser vista e tratada apenas como o local onde as coisas acontecem, mas, ela tem sido vista como um problema e um objeto de reflexão. Portanto, muitos são os discursos que dizem uma cidade. No nosso caso, escolhemos trabalhar com a Sousa que a revista *Letras do Sertão* construiu a partir de sua forma de enxergar o moderno sem contanto isolar tudo isso de um contexto mais geral, pois aquilo que é planejado, só tem sentido se partir do real.

Como já dissemos a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares. Poetas, cronistas, geógrafos, sociólogos, filósofos, historiadores, antropólogos, dentre outros, lançam suas lentes sobre o urbano e apresentam uma série de imagens e representações sobre aspectos de determinados meio.

A historiografia paraibana no tocante ao estudo de suas cidades tem seguido essa nova postura¹⁷. No caso das cidades sertanejas, notamos que estas tem ganhado espaço a partir da escrita de alguns trabalhos sobre municípios do sertão. Vejamos alguns deles.

A professora Serioja Mariano estudou o processo de modernização da cidade de Princesa Isabel dos anos 1920 a partir da presença de alguns símbolos modernos como o automóvel, o cinema, o futebol, a jazz band e o carnaval, estabelecendo uma relação do arcaico e do moderno naquela cidade no início do século.

¹⁷ Muitos são os trabalhos que buscam analisar o fenômeno urbano na perspectiva da História Cultural/Social. A maioria deles diz respeito à cidade de Campina Grande e da capital João Pessoa. Dentre eles podemos citar o trabalho do professor Antônio Clarindo, que analisa as formas de se divertir em Campina Grande trazendo a tona a questão dos lazeres permitidos e proibidos, permitindo classificar a cidade e seus atrativos dentro de uma política do bom e do mau lugar. Já o trabalho do professor Waldecir Ferreira Chagas analisa o processo de modernização da capital João Pessoa levando em conta as novas formas de se relacionar com o meio, advindas dos ditames da vida moderna e de seus impactos na cartografia urbana.

Essa perspectiva se enquadra no estudo da modernidade urbana que coloca a cidade como um verdadeiro personagem. Apesar do enfoque na modernização urbana a partir da implementação de equipamentos modernos no cotidiano da cidade, a autora também privilegiou em seu trabalho o enfoque na modernidade atrelada ao aspecto cultural.

No segundo capítulo de seu texto dissertativo Mariano aborda sobre a criação em 1925, na cidade de Princesa Isabel, do Centro Literário Joaquim Inojosa. Tal espaço fora criado com o intuito de apresentar e discutir com os princesenses letrados as ideias do modernismo.

O entusiasta maior de tal Centro Literário fora o professor Emidio de Miranda. A ideia de fundar uma “Sociedade de Letras” naquela cidade adveio do desejo do professor Miranda de apresentar novas leituras aos seus alunos. Dentre as novas leituras estavam os trabalhos de Graça Aranha, Menotti del Picchia, Oswald e Mário de Andrade. Segundo Mariano(2010, P.75).

Os estudantes do Externato Pereira Lima que estavam interessados em leituras novas eram convidados a participar da Sociedade. Era um espaço particular, reservado para leituras e discussões desses livros; discussões muito distantes da realidade do restante da população local, formada em sua maioria por agricultores e trabalhadores rurais.

Ao lermos o trabalho de Mariano pudemos tecer algumas relações com o nosso. Uma delas diz respeito à criação do Grupo Literário Joaquim Inojosa. Na década de 1940, bem depois da cidade de Princesa, a cidade de Sousa também ganhou uma Sociedade Literária. A ideia da criação de tal espaço cultural na cidade veio de um “estrangeiro”.

O professor Emídio de Miranda era pernambucano e chegou a Princesa através do coronel José Pereira para trabalhar como professor. No caso de Sousa, o estrangeiro veio da cidade de São João do Rio do Peixe, da região de Cajazeiras, trata-se de Deusdedit Leitão, escritor e historiador e que na época era funcionário público estadual.

O Grêmio Literário Castro Alves nasceu com o propósito de discutir literatura nacional e internacional com alguns letrados da cidade de Sousa. Aquele movimento cultural só ganhou o nome de Sociedade Literária Castro Alves devido as suas reuniões serem consideradas de cunho maçônico, antes, o movimento cultural era conhecido como A Panelinha.

Trabalhar a modernidade a partir da esfera cultural implica antes de tudo reconhecer as diversas formas que o moderno assume. Nesse sentido, a cidade é concebida como o epicentro de tal esfera. Segundo Teixeira (1994,p.124) : *Espaço privilegiado do poder , da produção*

intelectual e cultural de um modo geral, a cidade foi, desde os princípios do Novo Mundo, o ambiente dos intelectuais.

Assim sendo, tanto a Sociedade Literária Joaquim Inojosa quanto a Castro Alves, foram, em temporalidades diferentes, o reflexo das inquietações intelectuais que movimentaram o cenário das duas cidades sertanejas e que, de qualquer forma, representavam a sintonia de tais cidades com a modernidade cultural.

Outra cidade sertaneja que está impressa na escrita acadêmica é Cajazeiras. O trabalho de Eliana de Sousa Rolim, “*Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras- PB: Memórias, Políticas Públicas e Educação Patrimonial*”, defendido em 2010 no mestrado em história da UFPB, se encaixa no perfil das políticas de preservação do patrimônio e da memória histórica das cidades, que, também é abordado pela História Cultural. A autora analisa o crescente processo de construções e transformações urbanas ocorrido em Cajazeiras – PB desde a década de 1990 discutindo a necessidade de implantação de políticas públicas de educação patrimonial.

Helmara Wanderley, ‘Cotidiano, Cultura e Lazer em Pombal: Contradições do progresso’ analisa o processo de modernização em Pombal, no início do século, levando em conta o impacto provocado por esse processo no cotidiano daquela cidade. Dentre as fontes utilizadas na operação historiográfica da autora, estão os documentos oficiais do poder público pombalense, os códigos de posturas elaborados para disciplinar a população no intuito de promover a civilização e a higienização da cidade bem como a memória popular através dos relatos orais.

Seguindo a mesma lógica está à dissertação de Jozinaldo Souza’ As imagens do moderno em Patos PB (1934-1958)’ acerca da modernização da cidade de Patos e sua influência na cartografia urbana daquela urbe nos anos 1930 a 1950. O autor justifica a escolha de seu recorte temporal tendo em vista a chegada à cidade de elementos modernos como o automóvel, o cinema e também a prática de novas maneiras de se comportar e de conviver com o meio condizentes com os tempos modernos que aquela cidade vivia.

Todos estes trabalhos têm em comum o estudo da modernidade urbana e suas implicações na vida cotidiana das cidades. Valendo ressaltar que a modernidade é entendida a partir da incorporação de símbolos do progresso no meio urbano e dos impactos que eles causaram nas cidades que o empreenderam e este, pode ser considerado o ponto de intersecção de tais trabalhos com o nosso.

Já que abordamos mesmo que brevemente a perspectiva que alguns trabalhos sobre as cidades setanejas foram escritos resta dizermos que abordaremos a cidade de Sousa na perspectiva dos estudos culturais da modernidade urbana, levando em conta também outros tipo de representações, como é o caso das utopias e dos planos construídos sobre o futuro da cidade, inscrevendo uma cidade ideal, sonhada e desejada em projetos urbanísticos. O projeto de cidade esboçado pela revista *Letras do Sertão*, entendida como um objeto cultural de seu tempo acaba por revelar certas pretensões e visões políticas de seus idealizadores, devendo ser lido não apenas como discurso, mas, como algo a ser “vendido” ao leitor cidadão.

O leitor é convidado agora a conhecer um pouco mais a revista *Letras do Sertão* e também as outras fontes que embasam essa dissertação.

1.2 As fontes

Uma das circunstâncias em que se avoluma e desdobra o progresso de Sousa, a sua evolução, é a aparição, de forma encantadora, da esplêndida revista trimestral “*Letras do Sertão*”, redigida por espíritos da melhor energia mental, cujo precípua objetivo outra coisa não é senão a glorificação, a grandeza do sertão, sob qualquer modalidade (LETRAS DO SERTÃO:1952, P.28).

A revista *Letras do Sertão* fez circular seu primeiro número no dia 02 de Novembro de 1951, tendo por editores Deusdedit Leitão, Sergio Fontes e Alberto Xavier¹⁸. Como vimos, sua principal proposta era a de ser um espaço dedicado à publicação de trabalhos literários dos sertanejos, mas, é fácil identificarmos que por trás dessa intenção outra se escondia no intuito de interferir nos destinos da cidade: a visão de mundo de seu corpo editorial fruto de uma época, essa intenção compunha o conteúdo político de *Letras do Sertão*.

Pelas palavras divulgadas na nota que citamos aquela atividade periódica desenvolvida em Sousa era considerada uma das matrizes do desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, a questão cultural, intimamente ligada às letras e ao saber, se associa aos elementos do progresso material compondo as tessituras da modernidade urbana, daí afirmar-se que o “ar da cidade civiliza”.

¹⁸ Deusdedit Leitão era funcionário público estadual, vindo de São João do Rio do Peixe para trabalhar em Sousa, escritor e historiador, pode ser considerado o entusiasta maior de *Letras do Sertão*. Sergio Fontes era filho do renomado farmacêutico Salé Fontes, fora quem continuou a frente da revista quando seus companheiros se afastaram um pouco da cidade. Alberto Xavier emprestou o escritório da loja de tecidos de seu pai para ser a sede da revista. Contribuiu o quanto pôde com a revista, só se afastando para cursar a faculdade de ciências médicas em Pernambuco.

Os editores da revista foram descritos como sendo “espíritos da melhor energia mental” e na certa o lugar social que eles ocupavam contribuía para a credibilidade do magazine. Para uma melhor compreensão acerca da revista, principalmente no tocante a prosa política que ela fez imprimir em suas páginas, é necessário conhecermos o contexto histórico que antecedeu sua criação, as influências de seus editores bem como que elementos suplementavam sua vida editorial.

Em Maio de 1946, chega a Sousa o funcionário público Deusdedit Leitão para trabalhar no posto de fiscalização de produtos agropecuários. Ao chegar à cidade, ele logo percebe que o ambiente era carregado de picuinhas políticas, motivadas pela forte tradição político partidária da região, até mesmo os estabelecimentos comerciais carregavam as marcas da divisão entre udenistas e pessedistas¹⁹.

Ao se familiarizar com a cidade, Leitão encontrou em alguns sousenses, empatia por literatura e a cada intervalo de almoço, ele e os pretensos intelectuais Alberto Xavier de Figueiredo, Sérgio Lopes Fontes, Eliezer Cavalcante, Américo Silva de Assis e Ananias Pordeus Gadelha comentavam os livros que liam, emitia parecer sobre autores brasileiros e vez por outra, estendiam a prosa para os embates políticos do estado já que a eleição para governador estava às portas. Além dos interesses literários os unia também a simpatia pela União Democrática Nacional, segundo Leitão a ala esquerdista da UDN movia boa parte da juventude a lutar por dias melhores para o país e para a democracia brasileira.

A empatia desses jovens os levou a reunir-se e formar um grêmio literário na cidade de Sousa. A “pregação” de intelectuais mais avançados da UDN como Gilberto Freire inspirou aquele grupo de jovens, que se entregaram ao encanto proustiano de tais “pregações” e fundaram “A panelinha”. Esse grêmio literário formado em Sousa tinha como patrono Castro Alves, as reuniões do grupo despertaram profunda desconfiança na “católica” sociedade sousense que começou a conspirar contra aquela reunião atribuindo a ela e a seus participantes caráter maçônico.

Como as reuniões tidas por secretas, feitas por aquele “inocente” movimento de rapazes começaram a despertar dúvidas e antipatia até mesmo no interior da própria Igreja Católica sousense, representada pelo cônego Oriel Fernandes, devido a isso, os participantes da panelinha decidiram acabar com o mistério institucionalizando o grêmio e nomeando-o de Sociedade Literária Castro Alves.

¹⁹ Para se ter uma ideia da divisão partidária que acometia a cidade os dois clubes que proporcionavam o lazer da elite sousense era palco da divisão. O Ideal Clube era ligado a UDN, enquanto que o Éden Clube era ligado ao PSD.

Sousa não fora pioneira nesse tipo de atividade literária. Ao contrário, parecia que aquela iniciativa já chegara tarde à cidade e um exemplo disso vem da cidade de Princesa Isabel que como vimos, ganhou uma Sociedade Literária no ano de 1925.

O que diferia os dois Grêmios Literários é o fato de um, o de Princesa, apoiar e divulgar as propostas do movimento modernista de 1922. O Grêmio Literário da cidade de Sousa dizia não ter compromisso com nenhuma das escolas literárias vigentes no Brasil.

Não sabemos quanto tempo durou e como funcionava essa associação, mas, não deve ter durado muito, pois nos fins dos anos 1940 o entusiasta Deusdedit Leitão e outros companheiros, por motivos de trabalho deixam Sousa, e pelo visto, ou pelo menos pela falta de registro, a sociedade sucumbiu.

Em 1951, de volta a Sousa, Leitão reencontra alguns membros da antiga panelinha e mantém com eles bons papos literários. Até que um dia, em uma reunião corriqueira, onde o calor da cidade pedia algo que “refrescasse” a alma e o corpo, na sorveteria Flor de Lis, nasceu à ideia de fazer circular em Sousa uma revista de letras.

Estavam reunidos naquele dia Eliezer Cavalcante, Sergio Fontes, Alberto Xavier e Deusdedit Leitão. Quando o último cogitou a possibilidade de fundar na cidade uma revista, aventurando-se na imprensa sertaneja, as dúvidas pairaram no ar, a incerteza se Sousa acolheria bem a proposta reinava e a dúvida: como aqueles jovens parcos de recursos dariam vida à tamanha empreitada? Apesar de a proposta ter gerado dúvidas na cabeça de alguns, o querer falou mais alto, encontraram amigos colaboradores como o professor Virgílio Pinto, que além de contribuir escrevendo para a revista cedeu os trabalhos gráficos de sua tipografia para que o magazine fosse rodado.

Escolheram para aquela atividade periódica o nome “*Letras do Sertão*” e sugeriram que sua circulação fosse trimestral, a revista era impressa em papel jornal e não apresentava nenhum comercial. O lugar social ocupado pelo corpo editorial da revista variava bastante. Colaboraram com a revista professores, advogados, juízes, médicos, poetas, escritores, bancários, teólogos, dentre outros.

Seu conteúdo era composto por textos e relatórios de autoria de sacerdotes da Igreja Católica, assinados pelos padres José Viana, Oriel Fernandes, Gervásio Coelho, Pereira Nóbrega, Lamberto Bogaard, frades carmelitas Tarcisio Arruda e Batista Maria Pordeus e

variada colaboração leiga, que partiam das virtudes cardiais e teologais e antecipavam a “teologia da libertação”²⁰.

Vale à pena ressaltar a lírica parnasiana e de outras escolas em sonetos e poemas de nomes como Cristiano Cartaxo, Firmino Leite, Luiz O. Maia. Entre os modernos João Bernardo de Albuquerque, João Romão Dantas, Jomar Moraes Souto, Vanildo Brito e outros nomes. No campo do ensaio de caráter político e econômico, da prosa em geral, estão os escritos de Mailson Nobrega²¹, Mozart Gonçalves, Francisco Nobrega Gadelha, Marcilio Mariz, Wilson Seixas, Plínio Leite Fontes, Antônio Elias de Queiroga, Ariano Suassuna, Walter Sarmiento de Sá, Firmino Justino de Oliveira. A maioria destes que compunham a prosa política da revista assinava por pseudônimos como era o caso de Deusdedit Leitão, ele era quem escrevia as notas de abertura das edições de Letras do Sertão, mas, temendo que o classificassem de aproveitador, por ter sido um dos fundadores da revista, preferiu não assinar suas matérias ou usar um pseudônimo.

Letras do Sertão pode ser dividida em três fases, levando em consideração detalhes como interrupções editoriais e mudanças de postura em seu conteúdo, a circulação do magazine fora trimestral em suas três fases. O nosso recorte temporal compreende as duas primeiras fases da revista, de novembro de 1951 a julho de 1961, estiveram à frente da direção do magazine o triunvirato: Sérgio Fontes, Alberto Xavier e Deusdedit Leitão, a revista passou alguns meses sem circular, voltando à ativa em outubro de 1963 sobre a direção de Walter Sarmiento de Sá, juiz de direito, e colaborador do periódico, inaugurando sua segunda fase.

Em sua segunda fase, o padrão editorial seguia-se idêntico o da primeira fase, e assim foi até dezembro de 1963 quando mais uma vez interrompeu-se sua trajetória. Após algum tempo sem circular a revista ressurgiu em 1967, com novas propostas e fruto de um novo momento histórico protagonizado pela ditadura militar. A terceira fase da revista não parecia focar suas lentes na literatura tendo o conteúdo político como alvo principal²².

²⁰ Baseamos nossa afirmativa em alguns artigos escritos por representantes da Igreja Católica, onde certos problemas sociais foram enfocados, como é o caso do problema da concentração de terras no Brasil, da pobreza e da falta de atenção das autoridades para com os excluídos. Tendo em vista que a principal proposta da teologia da libertação fora se aproximar do povo carente e de seus conflitos, tais escritos nos pareceram antecipar tal postura do clero católico. O leitor pode ter acesso há alguns desses artigos nos anexos dessa dissertação.

²¹ Mailson da Nóbrega é paraibano do município de Cruz do Espírito Santo. É economista e considerado um dos maiores palestrantes do Brasil. Em 1988 o mesmo assumiu o Ministério da Fazenda quando o presidente era José Sarney.

²² O novo corpo editorial da revista, representado por Antônio Nóbrega, Júlio Melo Fontes e Marcilio Mariz tentaram adequá-la ao momento, trazendo recursos gráficos como a fotografia, debatendo enfaticamente os problemas locais e trazendo a questão da cultura como sendo requisito para o desenvolvimento. Não

O movimento cultural e social da Revista *Letras do Sertão*, mais precisamente em suas duas primeiras fases, foi marcado por um bom número de publicações de natureza diversa, que iam de poemas a matérias especializadas nas ciências, letras e artes, sem falar das contribuições da mesma para a história de Sousa e seu desenvolvimento.

Como já dissemos a revista *Letras do Sertão* se constitui como sendo nossa fonte principal, mas, para chegarmos até seu conteúdo e tecermos nossa problemática, outras fontes nos foram indispensáveis. Nosso primeiro contato com a história de Sousa se deu a partir da leitura do livro *Antes que ninguém conte* da escritora Julieta Pordeus Gadelha. Fora através dele que descobrimos como Sousa fora penetrando nas trilhas da modernidade, valendo salientar que a autora não ousou realizar interpretações mais sólidas dos fatos, nos fazendo classificar seu trabalho como informativo²³, porém muito relevante para a história de Sousa.

As informações sobre a iluminação de Sousa a gás, de como os sousenses se abasteciam de água, das formas de se divertir em Sousa no início do século, dentre outras, que são exploradas nesta dissertação, advém das contribuições da pesquisa de Julieta Gadelha para a história de Sousa.

Nosso primeiro contato com os arquivos se deu quando fomos investigar as atas da Câmara Municipal de Sousa. Munidos de informações preliminares realizamos uma pesquisa naqueles documentos que nos permitiu complementar aquilo que Julieta já havia dito de uma forma mais analítica.

As atas nos ajudaram a entender como a municipalidade fora adquirindo para o meio alguns elementos modernos além de reforçar a ideia que tínhamos de que nem todos os bairros foram beneficiados com as conquistas. Desta feita, podemos caracterizar o processo de modernização da cidade de Sousa como sendo autoritário e antidemocrático.

Isso se evidencia porque as ideias modernizadoras partiam de uma elite burocrática e que apesar de melhorar o aspecto urbano e as condições de vida da cidade tais ideias atendiam a uma minoria. Devemos levar em conta que o jogo político também marcou a natureza da modernização em Sousa, tendo em vista que os aliados dos prefeitos gozavam de certas regalias no uso da máquina pública para seus bairros ou suas propriedades, sem falar que cada conquista empreendida por parte do poder municipal era evidenciada como sendo fruto da

pretendemos tratar nesse trabalho da terceira fase da revista, seu novo conteúdo despertou em nós novas inquietações que ultrapassam o tempo necessário a escrita de nossa dissertação.

²³ Devemos lembrar que a postura da época em que o trabalho foi escrito tinha como interesse principal informar sobre o passado da cidade. Não é por isso que trabalhos com esse perfil devem ser julgados como bom ou ruim, pois cada trabalho contribui de forma diferente para representar o passado de uma cidade.

operosidade administrativa do gestor, portanto, se enunciava um discurso de reconhecimento que muitas vezes levava a coação principalmente em épocas de eleição²⁴.

Outro trabalho que nos serviu de fonte fora o livro de crônicas “*Minha terra, minha gente*” do bancário Gentil Medeiros Forte. Nessa obra o autor rememora certos aspectos da Sousa dos anos de sua infância que nos permitiu rastreamos alguns aspectos do passado sousense. As crônicas de Gentil Medeiros foram escritas em 1979. Quando ele recorda a cidade de sua infância ele não reconhece o progresso como fazendo parte de seu cotidiano. O que motivou o autor a escrever sobre Sousa de sua infância? Seria somente a saudade da cidade de outrora? As crônicas foram publicadas no ano de 1979, e nesse momento Sousa de fato havia passado por inúmeras modificações.

Por residir na capital do estado e presenciar em seu cotidiano as interferências da vida dita moderna o autor, ao retornar a Sousa, se depara com um cenário bem parecido com o da cidade que o adotara. O ar de modernidade que Sousa respirava empolgou o cronista que logo percebeu que a força do progresso não tardou em visitar sua terra natal.

Na verdade, acreditamos que bem mais do que a saudade, o que motivou o senhor Gentil Medeiros Forte a escrever suas crônicas sobre a cidade de Sousa de sua infância fora o novo cenário da cidade. O que fica implícito na escrita do cronista é exatamente o poder que o progresso tem de “matar” uma cidade para fazer viver outra²⁵.

O filósofo Antônio Cícero em “*o mundo desde o fim*” chega a colocar que a modernidade sempre é o agora, ou seja, com o ritmo crescente com que as inovações tecnológicas se aperfeiçoam, todos os dias a modernidade tende a se redefinir. O cronista falava a partir do seu presente, assim como os editores da revista *Letras do Sertão*. Ao reivindicar para Sousa novas aquisições que representassem para a urbanidade foros de modernidade aquela elite letrada falava a partir do que sua época considerava moderno. Logo, muitas das novidades modernas do início do século já não mereciam mais o status de antes, precisando ser substituídas e ou melhoradas.

Percebemos que a moderna cidade que estaria tomando o lugar da Sousa da infância do cronista era a cidade pretendida anos antes pela equipe da revista *Letras do Sertão* que

²⁴ Ao dizermos isto nos baseamos naquilo que ouvimos de pessoas que viveram a época bem como de certos episódios da vida política da cidade contidas no livro História Política de Sousa. Um dos episódios que nos chamou atenção foi o fato de um determinado candidato ter ido fazer um comício na zona rural do município e um dia antes ter preparado toda uma estrutura em termos de atendimentos medico odontológicos, cortes de cabelo, distribuição de roupas, remédios e cestas básicas e no fim da tarde, fora projetado o filme Zorro. Tendo em vista que a letra Z era a inicial do nome do candidato, no fim do filme, tal letra ocupou a tela durante muitos minutos.

²⁵ Tendo em vista que a modernidade é a celebração do novo, aquilo que não é considerado novidade, tende a ser substituído por aquilo que o momento concebe como moderno.

construiu um lugar especial para a cidade de Sousa em suas páginas almejando uma cidade ideal para os tempos modernos dos anos 1950 e 1960. Apresentadas nossas fontes vejamos agora como estão distribuídos os capítulos dessa dissertação.

1.3 Organização do texto

A revista *Letras do Sertão* começou a circular no ano de 1951 e logo em suas primeiras edições é possível encontrarmos representações sobre a cidade de Sousa. Se colocando como defensora e propagadora do progresso da cidade a revista emitiu opiniões, reivindicou, criticou certas posturas vistas na cidade no intuito de vê-la trilhando o caminho da modernidade pelo viés da modernização.

O segundo capítulo desta dissertação é intitulado: *A cidade de Sousa na escrita intelectual*. Achamos importante apresentar brevemente a cidade de Sousa a situando no tempo e no espaço. Em seguida trouxemos a discussão alguns trabalhos escritos sobre Sousa e sua história. Analisamos também o nascimento e o desenvolvimento da imprensa escrita na cidade tendo em vista nosso trabalho com a revista *Letras do Sertão*, que se constitui como representante da imprensa sousense.

Durante muito tempo a historiografia se mostrou lacunar quanto à escrita da história por meio da imprensa, a preocupação que invadia a cena era unicamente a de escrever a história da imprensa brasileira já que a tradição positivista dominante durante o século XIX e ainda visível nas décadas iniciais do século XX, onde o ideal de busca pela verdade se fazia notar, não permitia que a imprensa se tornasse objeto e fonte da história.

Nas décadas finais do século XX, a terceira geração da escola dos annales propôs novos objetos, problemas e abordagens para se escrever a história, sem, contudo, abolir pressupostos levados a cabo nas fases anteriores. Dessa renovação emergiu temáticas importantes que ativaram o papel da imprensa na vida cotidiana, uma vez que ela possui inegável poder de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.

Dessa forma a imprensa, antes renegada a suspeição, vai tomando a cena e se consolidando como acesso possível a diversas realidades sociais, lembrando que o lugar social ocupado por ela não permite que a classifiquemos como elemento neutro, noticioso puro e, como muitos periódicos se intitulam ou intitularam-se, apolíticos, ao contrário, a imprensa, como bem colocou Maria Helena Capelato (1988,p.15) tem como meta conseguir adeptos para uma causa.

Depois, tratamos de analisar como a revista *Letras do Sertão* representou Sousa. Tais representações apontam para um modelo de cidade ideal, o que nos fez enxergar a construção de um projeto de cidade por parte do periódico. É importante que o leitor perceba que nesse capítulo utilizaremos boa parte das temáticas que elegemos anteriormente. A questão das representações, da elaboração de projetos de cidade por parte de uma elite letrada e a concepção de modernidade/ modernização aparecerão ao longo do capítulo.

Entendendo que todo texto é “objeto de comunicação cultural entre sujeitos” a imprensa escrita desempenha o papel de “agente do poder” por estampar pontos de vista e visão de mundo de um dado segmento tido por “culto e civilizado”. Apesar da nossa fonte se anunciar como sendo um produto puramente a serviço das Letras, veremos que de certa forma, ela exerceu relações de poder em sua vida editorial. Pelo simples fato da revista tentar modificar os destinos da cidade, imprimindo ideais e valores a serem seguidos para que a cidade de Sousa ganhasse foros de cidade que progredia a questão das relações de poder já se evidencia.

Percebemos que à medida que a revista foi construindo em suas páginas um lugar especial para a cidade de Sousa, seus editores acabaram por construir um lugar especial para ela própria, tendo em vista o papel civilizador e instrutor que a revista ousou exercer. Logo, neste capítulo coube-nos analisar as representações que a revista *Letras do Sertão* construiu sobre a cidade de Sousa em suas duas primeiras fases, levando em consideração os ideais modernos de seus editores.

O capítulo três de nossa dissertação se volta para discutir de forma mais centrada a dinâmica da cidade de Sousa nas décadas de 1950/1960. Tendo em vista que foi necessário apresentarmos certos aspectos do cotidiano sousense antes desses anos na tentativa de entendermos porque as representações que foram construídas sobre Sousa mudaram a partir da metade dos anos 1950 o leitor verá que retrocedemos no tempo e alguns fatos do início do século e dos anos 1930 e 1940 aparecerão ao longo do capítulo.

O intitulamos de “*A cidade de Sousa no contexto da modernização*”. Tentamos trazer aspectos da cidade de Sousa desde o início do século XX, aspectos estes que vão além dos pretendidos pela revista. Sousa sempre foi uma cidade de forte tradição agrícola, que assim como a maioria das cidades paraibanas teve no algodão um importante produto de exportação, o que movimentou seu cenário econômico. Sousa realizou conquistas materiais importantes no início do século XX e pouco a pouco foi assumindo posição de destaque no cenário político- econômico da Paraíba.

Discutimos sobre a questão da urbanização no Brasil tendo em vista que a maioria das cidades brasileiras, inclusive Sousa, passou a viver sua “modernidade” a partir de então, copiando o modelo do Rio de Janeiro que desde o início do século vivenciava mudanças significativas em sua estrutura urbana a fim de se mostrar enquanto uma metrópole moderna. Trabalharemos com a temática cidades a partir das maneiras que a História Cultural tem enfocado tal tema.

Esboçamos o momento histórico vivenciado no país com a transição do nacionalismo varguista para o desenvolvimentismo juscelinista e o papel das cidades perante esse jogo. Veremos como a cidade de Sousa respondeu a política de desenvolvimento da Era Vargas vivenciando uma pujança econômica que garantiu a cidade investimentos comerciais e industriais.

Outro aspecto discutido por nós neste capítulo é a questão da desigualdade regional que as políticas nacionais desencadearam colocando o Nordeste a margem do plano de crescimento do governo, por outro lado, aqui mesmo na Paraíba, tem-se o exemplo de Campina Grande que adentra os anos JK como grande exceção a regra do subdesenvolvimento do Nordeste.

Tentamos ver como Sousa foi respondendo as ideias desenvolvimentistas de então, uma vez que após o primeiro encontro dos bispos do Nordeste a região passou a ser lembrada nas metas de crescimento acelerado. Nos interessamos também em analisar como a revista *Letras do Sertão* representou Sousa naquele momento onde novas conquistas tenderam a despertar na cidade o desejo de crescer junto com o Brasil investindo principalmente em infraestrutura.

Notaremos que a partir do ano 1955 as representações que a revista passou a construir acerca da cidade de Sousa, no tocante a sua sintonia com o que eles concebiam como moderno, mudaram consideravelmente, uma vez que, poucos foram os reclames daquela elite letrada, na verdade eles passaram a enxergar e representar Sousa com uma certa euforia, aplaudindo cada ato de uma determinada administração municipal que segundo eles estaria encaminhando Sousa rumo ao desenvolvimentismo, construindo uma imagem de gestor modelo e de uma cidade em plena sintonia com os anos JK, consolidando inclusive aspectos da cultura política local da cidade de Sousa presente ainda nos dias atuais.

Por fim, apresentamos nossas conclusões, tendo em vista as análises feitas em nossa fonte principal a Revista *Letras do Sertão* e nas demais fontes que embasaram esse texto dissertativo.

2- A cidade de Sousa na escrita intelectual

2- A CIDADE DE SOUSA NA ESCRITA INTELECTUAL

Visitando o meu simpático torrão, não posso deixar de proclamar, alto e bom som, na excelente revista “Letras do Sertão”, o progresso, a civilização, os melhoramentos que à mercê de Deus, encontrei na querida Sousa, a cidade futura e boa que os sertanejos hão de contemplar, em tempos não remotos. Uma das circunstâncias em que se avoluma e desdobra o progresso de Sousa, a sua evolução histórica, é a aparição, de forma encantadora, da esplêndida revista trimestral - Letras do Sertão, redigida por espíritos da melhor energia mental, cujo precípua objetivo outra coisa não é senão a glorificação, a grandeza do sertão, sob qualquer modalidade (LETRAS DO SERTÃO, 1952, p.26).

Há um tempo distante de Sousa o senhor Archimedes da Silveira, autor da citação acima, publicada em Letras do Sertão, declara que alguns melhoramentos concernentes ao progresso e a civilização são visíveis em sua terra natal. Mesmo não citando quais eram esses melhoramentos, pelo período em que foi publicado o escrito, podemos inferir que muitos desses melhoramentos diziam respeito à aquisição de ícones modernos para o meio urbano, como a luz elétrica, o automóvel, o trem de ferro, sem falar nas melhorias estéticas da cidade, vislumbrada a partir do alargamento de avenidas, de construções suntuosas, da pavimentação de ruas, dentre outras coisas que tendiam a sintonizar Sousa com a modernidade.

Além disso, quem escreveu a nota acima citada, teve a preocupação ou a ousadia de reconhecer que a revista de letras da cidade de Sousa representava um lócus importante para se anunciar as boas novas do progresso almejado para a urbe. São escritos como esse que nos fizeram chegar à conclusão que ao mesmo tempo em que os editores de *Letras do Sertão* reservaram nas páginas da revista um espaço especial para que impressões sobre a cidade de Sousa fossem divulgadas, eles intencionaram construir imagens da própria revista.

Uma dessas imagens era a de incentivadora e grande entusiasta do progresso da cidade, até mesmo quando eles reivindicaram melhoramentos para Sousa, eles dizem ter feito por que a revista tinha a finalidade de incentivar o progresso de Sousa.

Aquilo que o senhor Archimedes pensava sobre Sousa, naquele momento, contribuiu na construção de representações e imagens da cidade a partir do desejo de modernidade pretendido para Sousa pela elite letrada que compunha *Letras do Sertão*. As representações possuem o poder de “criar” uma cidade e os discursos desempenham um papel primordial, pois eles conferem às representações uma série de atribuições de sentido, quer seja de forma individual ou coletiva, pelos indivíduos que nela habitam.

Neste capítulo analisamos as representações acerca da cidade de Sousa escritas na revista *Letras do Sertão*, considerando-a como detentora de um projeto de cidade. À medida que os editores da revista abriram espaço para tratar de questões relacionadas à cidade de Sousa, eles construíram representações e imagens da cidade e ao mesmo tempo, imagens da própria revista.

Tendo em vista alguns trabalhos escritos sobre Sousa, acreditamos que é válido apresentarmos ao leitor um rápido panorama, mostrando em que perspectiva tais trabalhos foram escritos e como se configuraram. Portanto, nesse capítulo eles aparecerão, ainda que de forma breve.

Para a construção desse capítulo foi importante que fizéssemos algumas considerações acerca da imprensa escrita na cidade de Sousa, bem como do próprio papel da imprensa na/para historiografia. Algumas informações sobre a circulação na cidade de Sousa de periódicos impressos chegaram até nós por meio do trabalho de Julieta Pordeus Gadelha, outras por meio da Revista *Letras do Sertão*.

Logo, trabalharemos com três artigos da revista que tratam sobre a imprensa sousense, levando em conta o nascimento da revista que fora saudado como sendo o “renascimento” da imprensa na cidade de Sousa.

Para uma melhor compreensão do leitor dividimos o capítulo da seguinte forma: Revisitando a historiografia sousense, onde apresentamos os principais trabalhos escritos sobre Sousa e sua história. A imprensa escrita na cidade de Sousa ressaltando o papel de *Letras do Sertão* na construção de imagens da cidade e da própria revista. A cidade de Sousa nas *Letras do Sertão*: Progresso e modernização onde tratamos das representações que a revista construiu sobre Sousa.

2.1 – Revisitando a historiografia sousense



FIGURA 1 - Mapa da Paraíba com destaque nosso para o município de Sousa.

Fonte: IBGE, Censo 2010.

O município de Sousa está situado no alto sertão da Paraíba a 427 km da capital João Pessoa, conforme nos mostra a imagem acima.

De acordo com o censo de 2010 o município possui 65.807 habitantes, sendo, portanto, o sexto mais populoso do estado. Sousa é o segundo maior município do sertão, ficando atrás da cidade de Patos. No tocante à economia, é o setor de serviços que garante maior arrecadação, na cidade existem aproximadamente 164 indústrias²⁶.

Nos anos 1950, período correspondente ao nosso recorte temporal, a sede do município e seus distritos²⁷ somavam ao todo 31.586 habitantes, contando a população rural e urbana. Levando em conta a existência de três vilas²⁸, a população geral era de 51.408 habitantes. O censo de 1952 foi publicado na revista *Letras do Sertão*. De acordo com os dados do censo, Sousa ocupava o sétimo lugar em população no estado da Paraíba, sendo a maior parte dessa população do sexo masculino, sabiam ler naquele período 6.414 homens e 5.596 mulheres.

Pelos dados, percebemos que o número de pessoas que sabiam ler naquela época correspondia a mais ou menos 23 por cento da população. Na certa, poucos sousenses tiveram acesso direto ao conteúdo da revista *Letras do Sertão*, mas, imaginamos que o que era divulgado de mais interessante no magazine, quer seja no campo das letras e principalmente

²⁶ A rede industrial da cidade de Sousa abrange empresas como Laticínio Belo Vale que distribui para diversos estados da federação os produtos Isis. A indústria de sorvetes Mareni e também os sorvetes Flor de Lis, as Sandálias Suprema, o Sabão Novo Reino, dentre outras empresas locais. Sousa também possui empresas de engarrafamento da água de coco vinda de São Gonçalo.

²⁷ Os distritos eram: Aparecida, Nazarezinho, São Francisco e Marizópolis.

²⁸ As vilas eram: Vieirópolis, Santa Cruz e São José da Lagoa Tapada.

no da prosa política, era comentado nas rodas de amigos no centro da cidade, nos estabelecimentos comerciais e até mesmo na Igreja, tendo em vista a contribuição de alguns sacerdotes sousenses que escreviam e defendiam na revista o ponto de vista da cristandade católica acerca de assuntos como: o capitalismo, a felicidade humana, a miséria e ao papel da Igreja diante tudo isso. A cidade de Sousa conta com um bom número de trabalhos escritos sobre sua história. Alguns desses trabalhos nos ofereceram suportes importantes desde a fase da pesquisa até o amadurecimento do nosso objeto de estudo. Não é nosso interesse fazermos um resumo de cada trabalho, mas, fizemos, nesse tópico, menção a cada um deles e mesmo de forma breve, mostrando em que perspectiva estes trabalhos foram escritos.

No ano de 1986 a escritora Julieta Pordeus Gadelha escreveu a obra *Antes que ninguém conte*, onde ela relata fatos do passado sousense desde sua fundação até a década de 1980, trazendo à tona aspectos mais gerais da cidade, como a chegada de certos elementos do progresso, aspectos das administrações municipais, as festas religiosas, etc.

Julieta Gadelha esboça ainda sobre a fundação da cidade, os primeiros povoadores, a relação dos irmãos Oliveira Ledo com a Casa da Torre, dentre outros aspectos. A autora mapeou os nomes dos principais líderes políticos da cidade, desde os coronéis que atuaram na primeira república na chamada política dos governadores, até o general Almeida Barreto que foi quem primeiro representou Sousa no senado.

Até a década de 1980 era muito comum se deparar com trabalhos sobre as cidades onde a preocupação maior era elevar os grandes vultos, evocar sobre a fundação da urbe, sem, contudo, realizarem análise crítica em seus conteúdos, ou seja, tais trabalhos refletiam a postura da época, não podendo ser considerados inferiores por conta disso, tendo em vista a grande contribuição dos mesmos na e para a história das cidades.

A romancista Ignez Mariz também colocou no papel um pouco de como era a cidade de Sousa dos anos de sua infância no romance *A Barragem*. A personagem principal da obra é Remédio, menina matuta da cidade de Sousa dos anos 1930, filha do feitor da construção do açude de São Gonçalo, o Senhor José Mariano.

A jovem Remédios, de 15 anos, vai passear com os tios na grande Recife e se depara com uma realidade oposta à sua, na pequena cidade do sertão de onde veio. Uma das coisas que a autora trás na obra e, que de certa forma representa a diferença do cotidiano em uma cidade do interior com o de uma capital do porte de Recife, fora a experiência de Remédio com o cinema.

O deslumbramento começa no momento que a jovem sai de casa com as primas para se dirigir até o Cine Royal. A Rua João Pessoa tomada pela movimentação de pessoas e veículos em pleno dia de semana fazia Remédio se lembrar de Sousa em dias de feira. Ao chegar ao cinema, ela fica encantada com as instalações, principalmente por ter cadeiras afixadas ao solo para que todos sentassem e assistissem ao filme.

O espanto da personagem coloca em cheque duas realidades distintas: o moderno Cine Royal e o modesto Cine Sousa, a magnífica tela panorâmica do primeiro em oposição ao grande lençol branco do segundo, que servia de tela para exibir os filmes, além do mais, ninguém precisava levar cadeiras para o cinema, como se fazia em Sousa.

O romance privilegia a construção do açude de São Gonçalo, obra que visava combater a seca na região de Sousa. Em sua terceira edição, *Letras do Sertão* divulgou um capítulo da obra intitulado *São Gonçalo*, para homenagear postumamente a romancista que faleceu em 1952 no Rio de Janeiro. Para os editores da revista, *A Barragem* fora escrito como prova do amor da autora por Sousa, tendo em vista ser aquela, a primeira obra que evocava um pouco do cotidiano sousense dos anos 1930 e 1940.

Em uma leitura do nosso tempo, fora o cotidiano da cidade, que mudara com os trabalhos de construção do açude, que inspirou a romancista a por no papel aquela sensação de ver aos poucos sua cidade se transformando. Alguns dos fatores que contribuíram na mudança do cotidiano sousense de então, era o grande número de veículos e pessoas que a cidade recebia diariamente em suas pensões, devido à obra, sem falar na visita do presidente da república o Sr. Getúlio Vargas que veio acompanhar os trabalhos. Para se ter uma ideia, o distrito de São Gonçalo ganhou até mesmo um restaurante panorâmico, denominado de Catete por causa da visita do presidente.

Muito recentemente, o desembargador Paulo Benevides Gadelha lançou um livro chamado *História Política de Sousa*, onde ele aborda um pouco da vida política na cidade, retomando, em alguns casos, ao que Julieta Pordeus já escreveu. O autor privilegia os pleitos eleitorais da cidade, as acirradas disputadas que movimentavam o cenário político e social de Sousa, como por exemplo, o embate do grupo Gadelha com seus principais adversários quer seja pela prefeitura ou por mandatos legislativos.

Como a política sousense ainda nos dias de hoje trás resquícios dos pleitos de antigamente, o livro do desembargador narra casos que parecem atuais. Assim como a obra de Julieta, o autor não se deteve a análises mais precisas da história política de Sousa, se atendo

apenas a narrar alguns fatos e acontecimentos dos pleitos eleitorais que envolveram sua família.

Recente também é o trabalho de Lucíola Marques Pinto, filha do professor Virgílio Pinto, que se intitula *Sousa: Uma cidade perdida em sua história*. A autora explana acerca de acontecimentos marcantes da cidade desde sua fundação até a queda da primeira torre da Igreja Matriz, que ocorreu em 2007. Ela lembra os eventos e os lugares que a seu ver marcaram a cidade de Sousa, como é o caso dos folguedos populares, da instalação da casa de caridade do padre Ibiapina, do teatro sousense, encenando a história da Nau Catarineta, dentre outros.

Outro trabalho sobre Sousa e sua história é o livro de crônicas *Minha terra, minha gente*. As crônicas foram escritas por Gentil Medeiros Forte e a nosso ver foi um trabalho pouco conhecido na cidade, apesar de ser importante para conhecermos sobre o cotidiano sousense dos anos 1930 e 1940. Acreditamos que essa pouca divulgação do livro é o principal motivo de seu quase desconhecimento e valorização intelectual pela historiografia sousense.

O cronista narra fatos e eventos de seu tempo de infância e dedica cada crônica a certos sousenses que também viveram o que ele narra. Mesmo se expressando de forma nostálgica, acreditamos que um dos motivos que impulsionou Gentil Medeiros a escrever suas crônicas foi os tempos de progresso material que Sousa vivia nos anos de 1970, ano em que as crônicas foram escritas.

Vendo por esse ângulo, concordamos com Pesavento (1999, p.284), quando ela afirma:

Sem dúvida, cada geração reescreve a história e reconfigura temporalmente o passado a partir do momento em que vive. Contudo, o que se quer remarcar é justamente o fato de que, ao representar a cidade, são recorrentes as sensibilidades para com o atraso e o progresso, assim como a identificação de que todo momento vivido é mudança e, com isso, marco de referência para a valorização positiva ou negativa do passado.

Tendo em vista a existência de todos esses trabalhos, acreditamos que nosso trabalho dissertativo também contribuirá com a historiografia sobre Sousa e sua história, mesmo que numa perspectiva diferente de tais trabalhos que colocam a cidade de Sousa nos parâmetros da escrita intelectual.

2.2 A imprensa escrita na cidade de Sousa

Já sabemos que a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares. Todos quantos tentam lançar sobre ela suas lentes procuram captar aspectos diversos do meio urbano que os possibilitam ir além da cidade visível, ou seja, outras cidades por vezes imaginárias emergem, quando se olha para a cidade de ontem a partir da cidade de agora.

Nesse caso, cidade visível pode ser entendida como o lugar onde um dado momento é apreendido, é o espaço onde está acontecendo coisas no instante da escrita daquele que toma a cidade por objeto. A materialidade dessas cidades visíveis, aquilo que sobrou da cidade já desaparecida, bem como visões e pensamentos sobre determinados aspectos vão contribuindo para que uma cidade imaginária floresça a partir da cidade visível.

A imprensa desempenha um importante papel na formação de opinião e também no imaginário social de um dado meio. De acordo com Pesavento (1999, p.11) “o escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus autores”.

Ao mesmo tempo em que a imprensa se constitui como elemento moderno, ela desponta como lócus importante dessa vida moderna que representa. Além disso, os impressos periódicos de toda natureza passam a desempenhar um papel importante na e para a historiografia, emergindo como um discurso que mediatiza aspirações, pontos de vista e até mesmo formas de pensar de certo segmento numa dada época.

Essa cumplicidade da história com a imprensa enquanto fonte é fruto da revigoração nos domínios de Clio. Antes, pensar a imprensa enquanto uma voz do passado era algo complicado, de acordo com Luca (2005, p.78) “essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob os influxos de interesses, compromissos e paixões”.

A renovação dos estudos históricos nos permite hoje, representar o passado por meio da imprensa levando em consideração que nem de longe emerge de sua parte certa neutralidade jornalística, como colocou Michel de Certeau (1982, p. 87), “todo escrito parte de um lugar social e tende a destinar-se a certo público. Corroborando com outros trabalhos que tratam da imprensa enquanto objeto de estudo na historiografia”. A esse respeito, Capelato (1988, p.39) coloca o seguinte:

A imprensa ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como o espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época.

Fica claro na visão de estudiosos da imprensa como Capelato (1998), Luca (2005) dentre outros, que para além do papel secundário que a imprensa exerceu enquanto fonte, desde os anos oitenta do século XX essa realidade foi modificada, tendo emergido novas maneiras de trabalhar com os impressos periódicos levando em consideração a “historicidade de suas representações” através da crítica documental²⁹ realizada pelo historiador, o que permitiu certa consolidação da imprensa enquanto objeto e fonte histórica.

Em Sousa a imprensa escrita começou a desenvolver-se no ano de 1910 com a edição do jornal *Imprensa do Sertão*. Com sua desativação veio a lume outro periódico intitulado *O Porvir*, que assim como o primeiro teve curta duração. Outros foram idealizados, porém, também tiveram vida curta³⁰.

Pelo que analisamos em nossas fontes, nos parece que na década de 1950 a imprensa sousense estava em baixa, com pouco ou nenhum periódico impresso. Vejamos o que um dos artigos da revista *Letras do Sertão* expressa sobre o seu nascimento e porque não dizer o renascimento da imprensa escrita na cidade de Sousa e que nos levou a afirmar o que dissemos anteriormente.

A inteligente cidade de Mossoró deve se gloriar de ter sido o berço da imprensa no interior dos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba com o aparecimento de “O Mossoroense” fundado em 1872, por Jeremias da Rocha Nogueira. Depois vieram Sousa, Cajazeiras e Patos com os seus jornais e revistas que, com certo tempo desapareceram. De todas as tentativas de jornal no interior desses dois estados irmãos a única que prevaleceu com

²⁹ A crítica documental diz respeito às sínteses sistemáticas dos acontecimentos históricos, feita no momento da pesquisa arquivística, no sentido de “reconstruir” dados que permitam inferências e conclusões. Essa ideia de perguntar ao documento é algo novo, ou seja, fora também a crise dos paradigmas que contestou as análises prontas e as conclusões já dadas sem a “interferência” do historiador. Abrindo caminho para uma história problema, a narrativa volta a ocupar a cena só que desta vez carregada de interesses e questões que partem, na maioria das vezes, do ponto de vista do próprio historiador.

³⁰ Na década de 1930 circulava na cidade o *Jornal de Souza*. Não nos chegou à informação sobre quem era o proprietário do mesmo, como funcionava seu perfil editorial e de como ele era distribuído. Tomamos conhecimento de sua existência a partir da seguinte nota que ele veiculou acerca das exhibições fílmicas no cinema sousense da década de 1930 e que foi analisada por Rivaldo Amoroso Sousa (2011, p.26), em um artigo científico intitulado: *A vida moderna através do cinema: A experiência da cidade de Sousa PB*. “No começo desta semana foi focado duas vezes na tela do cine souzense o sensacional e comovente filme nacional “A vida pela liberdade”. É a vida dramatizada e movimentada do grande presidente João Pessoa, na qual se salientam as faíscas luminosas os gestos altivos e intrepidez inabalável de sua moral”.

verdadeiro heroísmo foi a do fundador de “O Mossoroense”. Semelhante a semente evangélica que, caindo em terreno pedregoso, nasceu, porém por falta de humildade logo morreu, essas folhas viveram pouco, porque caíram em mãos de pessoas inteiramente refractárias à divulgação da sublime arte de Gutenberg. Contemporânea da bíblia e porta voz da civilização mundial, a imprensa é um conjunto de ideias e pensamentos que fortificam o espírito e alegram o coração. Com a penetração do trem, do automóvel e do avião pelos sertões do Nordeste brasileiro, tem diminuído a ignorância crassa do povo, hostil às grandes iniciativas da arte e da ciência. É de se esperar, portanto, que a nova revista Letras do Sertão, surgindo num ambiente de civismo e de progresso, diferente dos tempos passados encontre fácil acolhimento no homem da cidade e do campo, afim de que tenha franca circulação. (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p. 03).

As palavras do cônego José Viana além de aclamar o nascimento de *Letras do Sertão*, demonstram o papel civilizador da imprensa. Confiante na longa vida do empreendimento que se punha em circulação, ele chama atenção para o fato de que aquele momento era propício para o desenvolvimento da revista porque alguns sinais de modernidade já se faziam presentes, amenizando a apatia do sertanejo para com as luzes do progresso e da civilização.

Outro fator apontado pelo autor do pequeno artigo que motivou ao insucesso de outras investidas da imprensa sousense era o fato das ideias partirem de pessoas pouco vocacionadas para levar adiante a “arte de Gutemberg”. Com isso, os idealizadores do novo magazine pareciam cair nas graças do cônego, que depositou confiança no ambiente e nos responsáveis pela empreitada, portanto, no fim, ele “abençoa” o renascer da imprensa sousense, torcendo para que diferente de tempos atrás esta tenha “franco acolhimento”.

Como destacamos no início, o imaginário social acerca da imprensa a situa como elemento civilizador, fruto da modernidade e censora de certas visões de mundo. Na historiografia ela vem cada vez mais ocupando espaços e despontando como objeto que mesmo estando a serviço de certos lugares sociais representam certas realidades em dadas épocas.

Na dissertação de mestrado: ‘*Quando o anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*’, Jucieldo Ferreira Alexandre procurou apreender as representações acerca da cólera no semanário cratense *O Araripe*. Sua operação historiográfica elegeu um recorte temporal que circunda o século XIX, os anos de 1862 a 1864, mas, nem de longe o imaginário daquela época sobre a imprensa e seu papel se distancia do da época da circulação de *Letras do Sertão*.

Como epígrafe de seu terceiro capítulo, Alexandre (2009, p.97), procurou enquadrar sua fonte enquanto um “jornal político e noticioso”, o autor citou a nota de saudação do semanário acerca de sua criação.

Testemunha da revolução, que a imprensa, esse agente poderoso, tem operado em todo mundo fazendo achar o resultado da experiência da longiva humanidade, dissipando a barbárie, que há bem pouco observávamos em nossa terra, e revocando docilidade, a sua índole benéfica e hospitaleira; nós, que temos visto como diminuem os crimes, se melhoram os costumes, e pela ação da imprensa, cahem como de podres os prepotentes, esses filhos da anarquia e da ignorância, entendendo que, como condição a prosperidade pública, é urgente reforçarmos essas vozes robustas que doutrinam as ideias modernas, e assim preparar nossos patrícios para os dias felizes, que a providência nos reserva; nós dissemos, não exitamos ter que a imprensa em nossa terra era de urgente necessidade.

Assim como Alexandre (2009, p.100) percebeu, nós entendemos que a imprensa era:

Um agente poderoso e revolucionário, difusor, especialmente entre os brasileiros, do conhecimento, experiência e sabedoria que caracterizariam as nações adiantadas dissipando a barbárie, anarquia e ignorância, disseminando os bons costumes e denunciando os desregramentos das autoridades públicas.

Pelo que foi dito, notamos que a imprensa há muito se revestia de certo caráter civilizador. Bem próximo das palavras citadas acima, são também as palavras do cônego José Viana no artigo que inaugura a criação da revista *Letras do Sertão*, e que já foram por nós, mencionadas antes.

A revista *Letras do Sertão* enquanto representante da imprensa sousense tentou intervir nos rumos da cidade de Sousa imprimindo em suas páginas discursos de modernidade que ora reivindicou o progresso, ora o aplaudiu, ou seja, a cidade não foi representada de uma única forma quando o assunto era o progresso.

Do ano da criação do magazine em 1951 até o ano de 1954, notamos que a revista reivindicou com veemência elementos que representassem o progresso e que na visão dos editores da revista estariam deixando a desejar na cidade. De 1955 em diante, o discurso da revista é pautado no elogio e na aclamação de cada conquista, por menor que fosse que por ventura se empreendesse em Sousa.

Durante esse período não encontramos nenhuma reivindicação por parte dos editores da revista para que fosse implementados na cidade certos elementos, o que não quer dizer que

tudo quanto à cidade precisava foi empreendido, na verdade, os ideais modernos dos editores do magazine é que começaram a ser realidade, e por menor que fossem os atos ou as ações que representavam tais ideais o fato de estarem sendo empreendidos já era suficiente para serem aclamados na revista e assim, a cidade de Sousa e o moderno pareciam se afinar cada vez mais.

Na sétima edição da revista, um editorial intitulado “Sertão em marcha” chamou atenção para a criação de dois jornais no interior do estado. Um em Campina Grande e outro em Cajazeiras. O editorialista do magazine, que era Deusdedit Leitão, chega a dizer que *Letras do Sertão* abriu caminhos para que outras iniciativas como aquela se desenvolvessem.

Tanto a cidade de Campina Grande como Cajazeiras sempre contaram com outros jornais e outros órgãos de imprensa. Mas, pelas palavras do editorialista, parecia que assim como em Sousa, a imprensa escrita das duas cidades andava em baixa, vejamos como o editorialista se expressou.

Com o aparecimento de *Letras do Sertão*, na “cidade Sorriso”, outras iniciativas da mesma natureza vão surgindo aqui e ali no interior do nosso Estado, no intuito de movimentar as águas de nossa cultura, que se achavam em plena fase de estagnação. Depois do “jornal de Campina”, moderno e bem orientado hebdonário, que orgulha as nossas letras, reponta outro em Cajazeiras, a “tribuna do Sertão”. Notável e valente órgão de publicidade, agremiando penas brilhantes e ousadas, numa estreia vitoriosa, que tudo indica fundamentar para nossa região um conceito menos desairoso de displicência e aversão cultural (LETRAS DO SERTÃO, 1953, p.01).

Devemos lembrar que a revista *Letras do Sertão* se dizia neutra e imparcial tanto nos parâmetros literários quanto políticos. Sem falar que a principal proposta da revista era divulgar trabalhos literários principalmente dos sertanejos, apesar da prosa política também ter espaço na revista. *Letras do Sertão* celebra o nascimento dos dois jornais, como dissemos, na época em que foi escrito o editorial, 1953, as duas cidades contavam com outros jornais, mas acreditamos que tais iniciativas foram saudadas porque, assim como *Letras do Sertão*, os responsáveis por tais jornais os apresentaram como sendo neutros e imparciais, não estando a serviço de nenhum partido político e de nenhuma escola literária, e também, pode ser que aqueles jornais abrissem espaços para a divulgação de ensaios literários, assim como *Letras do Sertão*.

Se nossas hipóteses estiverem corretas, o editorialista saudou o nascimento de um novo tipo de postura por parte da imprensa interiorana. Na certa ele estaria criticando outros órgãos

já existentes ou por servirem a partidos políticos e estamparem isso em suas páginas e/ou por não reservarem espaço para que os sertanejos demonstrassem suas habilidades, preocupando-se somente em empunharem as bandeiras das escolas literárias que os fundamentavam.

No mesmo editorial é possível observar outras questões, como: os reflexos políticos de uma época, a crença que se tinha de que o poder público deveria resolver todos os problemas e apresentar ao povo uma esperança concreta de melhores dias:

Dir-se-ia que a crise que nos envolve por todos os lados, aflitiva e crespa, desde a carência dos gêneros até os preços altos de tudo; que a insuficiência dos meios de salvação dos que nos administram e nos orientam espiritualmente, nada disso sufoca a flama das aspirações do povo no seu esforço heroico de resistência moral. A imprensa sertaneja reflete claramente esse estímulo em prol das boas letras matutas, de onde em onde mais vivas, servindo ao progresso da região e na reafirmação eloquente de que “o sertanejo é antes de tudo um forte” (LETRAS DO SERTÃO, 1953, p.01)

Segundo o editorialista Deusdedit Leitão, apesar da realidade que se vivenciava no sertão nordestino, acreditamos que tal realidade representada pela carestia dos gêneros alimentícios e também pela falta destes na mesa de muitos, pode ser atrelada à falta de chuvas naquele ano no sertão do nordeste, como também, a pouca atenção dos poderes públicos³¹ para com o problema, certo ar cultural se apresentava como antítese, mesmo carente de serviços públicos o interior da Paraíba parecia ter fôlego para resistir à crise promovendo sua modernidade cultural.

O leitor também deve notar que ao falar que nem mesmo o poder público apresentava no momento uma “esperança” para a situação de crise que estavam vivenciando, o editorialista chegou a falar que tal esperança não era apresentada também por parte dos intelectuais que eles liam. Isso pode ser entendido como reflexo da crise de paradigmas que o pós Segunda Guerra gestou e da qual já falamos.

Mesmo esboçando em tom de crítica um pouco da realidade que importunava o sertão, o editorialista da revista *Letras do Sertão*, enquanto um representante da imprensa ousou dizer que esta estaria dando outro sentido a tal crise, ou pelo menos tirando proveito dela. Numa tentativa de demonstrar que o homem, mesmo sendo um produto do meio, é capaz de modificar certas realidades, ele coloca a imprensa sertaneja como exemplo, reconhecendo, inclusive, que ela, a imprensa, representa o progresso.

³¹ Ao nos referirmos a ‘poderes públicos’, estamos falando da esfera municipal, estadual e federal, que, a nosso ver pelas palavras do editorialista não estavam cumprindo de forma devida seus papéis, tendo em vista as necessidades que muitos enfrentavam no sertão naquele momento.

Analisando alguns discursos contidos na revista *Letras do Sertão* nos demos conta que de fato, a imprensa exerce grande papel na vida social de um dado meio, se colocando como agente do poder e instrumento a serviço do progresso, das melhorias e porque não dizer, detentora de projetos de cidade ou de nação.

No próximo tópico veremos alguns dos discursos que tenderam a redefinir certas imagens da urbe sousense, o que nos permite caracterizar a revista como sendo um sistema de representação que inaugurou na cidade uma euforia progressista.



FIGURA 1: Fac-símile da capa do primeiro número de *Letras do Sertão*. Detalhe da foto da Rua Padre Correia de Sá à direita prédio com marquise, a loja de tecidos de Artur Xavier, primeiro endereço que servira de redação para o magazine. Fonte: Além do Rio.

2.3 A cidade de Sousa nas Letras do Sertão: progresso e modernização

A cada número da revista *Letras do Sertão* um pouco da história de Sousa era contada. A pesquisa minuciosa nos arquivos, bem como testemunhos em forma de rememorações sobre como era viver em Sousa em décadas anteriores ia permitindo que se conhecessem aspectos da cidade de antigamente. A nosso ver a revista representa bem mais do que uma “aventura de Sousa no mundo da cultura”, ela dá acesso a uma cidade já desaparecida, dotando as representações sobre Sousa, expressas em seu conteúdo político, de cargas simbólicas.

Vejamos como a revista trouxe à tona um dos fatos mais marcantes da história de Sousa e que pela primeira vez saía dos arquivos da Igreja Matriz e visitava as páginas da imprensa sousense.

Por mais incrédula que seja a criatura é forçada a crer na realidade dos fatos. A história que se vai ler é muito conhecida e ficou testemunhada no monumento sagrado que ainda hoje existe em um dos recantos da nossa cidade.

A igrejinha do “Bom Jesus Aparecido” é uma relíquia de nossa vida cristã que merece todo respeito e amparo, porquanto ela representa um marco decisivo de nossa crença nos primeiros dias de formação de nosso centro urbano.

Há mais de cem anos que o fato se realizou, deixando na tradição um traço luminoso de fé, um atestado de grandeza nos destinos de nosso povo. Na igrejinha do Rosário, o venerado pároco celebrava o santo sacrifício da missa, quando, logo após a distribuição da eucaristia, se ouviu um rumor estranho entre os fieis, escandalizados com o procedimento de um negro que retirava da boca a hóstia que acabara de receber.

Certo dia, para o lado onde é hoje a igrejinha do “Bom Jesus Aparecido”, aparece um rebanho de ovelhas em grande berreiro, vindo a chamar atenção do pastor de nome Tinoco que verificou imediatamente, sobre a relva a partícula sagrada que ali se achava nítida e perfeita (LETRAS DO SERTÃO, 1952, P.13).

Sousa é conhecida como a cidade eucarística devido ter vivenciado os fatos narrados na citação acima. Naquele momento, o que simbolizava a existência do chamado “milagre eucarístico” era a antiga igrejinha do “Bom Jesus Aparecido” que fora erguida para demarcar o local do ocorrido. Na década de 1980 a igreja mudou de local e construíram uma praça com um monumento do Cristo e ao redor, réplicas de ovelhas rodeando uma grande hóstia de mármore.



Figura 4: antiga praça do bom Jesus com destaque para o monumento que simboliza o milagre eucarístico. Fonte: Além do rio.

Ao narrar o episódio do milagre eucarístico a revista estava imprimindo fragmentos da história e da cultura religiosa sousense. Existiu na revista uma seção especial denominada

“notas para a história de Sousa” onde eles esboçaram os principais aspectos presentes na dominação e na conquista do território onde hoje se localiza a cidade, dessa forma a revista conta um pouco da história da fundação da cidade de Sousa e de sua dinâmica. Vez por outra aparecia na revista certas biografias de alguns sousenses que faziam parte do cenário político da cidade.

Vejamos um exemplo do prestígio que a *Revista de letras de Sousa* passou a exercer tendo em vista o papel civilizador da imprensa. Em seu primeiro número a revista recebeu e divulgou as palavras de estímulo do padre Gervásio Coelho da cidade de Cajazeiras, nessas palavras, podemos identificar alguns suportes que faria de *Letras do Sertão* um sistema de representações dotado de poder para instruir, moralizar, disciplinar, sendo, portanto, um instrumento político.

A próspera cidade de Sousa conta belas manifestações de pendor literário, tantas vezes a serviço de seus ensaios de imprensa, que nessa hora de esperança precisam ser despertados e atraídos a fim de enriquecer de elementos valiosos e eficientes à simpática *Letras do Sertão*. (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p.06).

O autor estava conclamando os poetas, artistas e escritores sousenses a contribuírem com a recém-nascida revista de letras da cidade de Sousa, além disso, ele classifica o nascimento da revista como sendo um momento de esperança, explicitando da seguinte forma:

Classifico de hora de esperança essa iniciativa, porque é filha de corações moços. E a mocidade é promessa de futuro, não por força do lugar comum, mas, por determinação da lei sociológica que baseia o reflorescimento da sociedade, ao invés do que acontece com as florestas, no amanho dos rebentos. A obra de preservação dos moços para fazê-los sementes selecionadas de porvir há de se apoiar na instrução que é o primeiro passo para a educação integral e perfeita. Infeliz do povo que separa educação e instrução como duas coisas independentes, limitando criminosamente seu aperfeiçoamento e mutilando, sem saber, a natureza humana. Essa é uma das mazelas republicanas do Brasil, cujo governo foge à obrigação de educar a infância patricia e de zelar pelas eficiências das atividades supletivas nas escolas particulares (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p.07).

Pelas palavras do padre Gervásio, *Letras do Sertão* tinha poder para educar e instruir ao mesmo tempo e por ser filha de “corações moços” ela teria muito que apostar no futuro. Nesse caso, o poder do magazine também se ligava a seus idealizadores, uma vez que na visão do padre os jovens são cheios de ideais para a cidade e o país. Ao se referir a certo momento de

esperança notamos que além de uma aclamação ao nascimento da revista o padre também reforçava aquilo que fora posto pelos editores do magazine na nota de abertura que redigiram para reafirmar o propósito de sua criação.

A cidade de Sousa - e o sertão - contava agora com um instrumento literário que tendia a facilitar a divulgação dos escritos sertanejos. Se fosse por falta de espaço para publicação de seus trabalhos que os sertanejos letrados não produziam com constância, o problema parecia estar resolvido.

Crendo no poder mobilizador dos jovens que empreenderam a ideia, a revista foi saudada e “abençoada”, esperava-se e supunha-se que em suas páginas fossem divulgados projetos políticos relacionados àquela juventude que se dizia sedenta e inquieta por melhores dias e assim como todo periódico, no tocante à prosa política, a missão da revista era atrair adeptos para uma determinada causa, naquele momento o caráter comercial era relativamente menor que o caráter doutrinário do magazine.

De acordo com Lapa (1998, p.81), e aplicando suas observações a *Letras do Sertão*:

Os projetos e sua execução, que se seguem à tomada de consciência da modernidade por essa inteligência local, mostram, portanto sua concepção por uma elite que procura propor a incorporação coletiva de alguma maneira às vantagens que a modernidade traz consigo.

Para Serioja Mariano (1999), “a cidade, a grande moradia dos homens, é um espaço de diferenças, onde a modernidade se constrói, se reconstrói e entra em ruínas”. Muito daquilo que fora empreendido na urbe nos primeiros anos do século XX precisava ser renovado e a cidade de Sousa precisava, inclusive, alçar voos mais altos em muitas áreas de sua infraestrutura, de seu comércio e de sua atividade industrial.

Ao imprimir notas que traziam pontos de vistas e aspirações de seus idealizadores no tocante aos rumos e destinos da cidade de Sousa, podemos dizer que a revista *Letras do Sertão* formulou um projeto de cidade que idealizava um espaço em sintonia com o momento pós 45³², assim, os editores da revista *Letras do Sertão* deixavam implícita sua forma de ver o mundo que segundo Sousa (2005, p.102) “tinha a sua disposição cerca de um século de

³² Com o fim da segunda grande guerra os Estados Unidos comandou a nova ordem econômica internacional. De acordo com Brum “o sistema econômico arquitetado em 1944 - e ainda vigente-baseou-se fundamentalmente na supremacia industrial, comercial e financeira dos Estados Unidos” (2010, p.51). Desta forma, a modernidade será concebida mais que nunca enquanto elemento do capitalismo.

experimentos, discursos em torno dos rumos modernizantes que deveriam tomar a sociedade e as cidades brasileiras”.

Desde a segunda metade do século XIX que o Brasil vivia sua saga de mergulhar na vida moderna de corpo, alma e coração. Para isso, mudanças estéticas bem como a aquisição de elementos modernos marcaram a entrada do país nessa empreitada. A princípio, essas mudanças atingiram somente os grandes centros urbanos, mas se alastraram para as regiões periféricas do país, claro que não na mesma intensidade. Marshal Berman (2005), enxerga em muitos casos nessa modernização periférica, o que ele chamou de modernismo do subdesenvolvimento, citando o exemplo de Petersburgo, um descompasso social intenso, uma maneira draconiana de modernizar a todo custo.

Mas, o fato é que a modernidade alçou voos mais altos.

As mudanças onde quer que ocorram, num centro europeu ou em regiões posteriormente qualificadas como periféricas, não passaram despercebidas dos vários segmentos da sociedade. Foram dialeticamente vividas e interpretadas, objeto de preocupação de intelectuais e escritores do período, que fizeram diferentes leituras, atribuíram valores às experiências sociais – vividas, sentidas, percebidas – em suas cidades: fossem elas pequenas ou grandes próximas ou não de grandes centros (SOUSA, 2005, p. 109).

É mediante esse entendimento que podemos dizer que as formas de sentir a modernidade não podem ser reduzidas a uma mera importação cultural. É certo que na maioria das vezes são as novidades vindas de fora que representam a sintonia da urbe com o progresso, mas cada realidade vivenciou de maneira diferente a modernidade e suas consequências em cada época, o que demonstra que a ideia de modernidade também perpassa pelos aspectos culturais.

De forma periférica, o projeto de cidade que a nosso ver fora idealizado por *Letras do Sertão* compunha a gama de construções muitas vezes utópicas de cidades do pensamento que perseguiram ou deveriam perseguir incansavelmente os passos da modernidade cada vez que ela se renovasse. Vale lembrar que o momento que o país vivia era significativo, tendo boa parte do corpo editorial da revista vivido nos “estertores do Estado Novo”, vivenciando, *à posteriori*, a redemocratização, ou seja, a transição do nacionalismo de Vargas para o desenvolvimentismo juscelinista, tendo circulado também, em sua terceira fase, nos anos da ditadura militar.

Em um dos artigos contidos na revista, na sua primeira fase, um dos colaboradores procurou escrever sobre a diferença perceptível da modernidade cultural, ou de espírito, e da modernidade material em Sousa. Para ele a cidade vivia um momento glorioso de desenvolvimento cultural, simbolizado pela circulação de *Letras do Sertão*, não podendo dizer o mesmo do progresso material da cidade que não atendia às necessidades de então, assim ele coloca:

Sousa, cidade de bom gênio, de boa água e de gente melhor ainda nesse setor, tem pegado uma turma de prefeitos quando não realizadora, é de mau gosto desprovida de vaidade com a cidade... As praças e avenidas vivem sem nenhum trato, ou friso de vaidade, parecendo mais enteados da senhora prefeitura. Fala-se, no entanto, que vamos ter luz elétrica noturna e diurna na cidade, pois a luz existente está a desejar. A cidade cresce a cada dia, por essa razão, o conjunto elétrico trazido à cidade pelo então prefeito Cel. Emilio Sarmiento de Sá, já desserve (LETRAS DO SERTÃO, 1953, p09).

Percebemos que o autor observa e cita o crescimento da urbe, e ele aponta características da aparência da cidade que na sua visão deixava a desejar naquela altura. Ele chama atenção para o não comprometimento do poder público para com as praças e ruas do município, parecia que tais logradouros viviam sujos e mal tratados o que não expressava um ar de modernidade para aquela urbe.

O autor do artigo trata-se de João Bernardo de Albuquerque que fazia parte dos “modernos” colaboradores da revista e que voltava seus escritos para a poesia, mas o artigo fora escrito para demonstrar a valorização intelectual da cidade, trouxemos a lume esse trecho para mostrarmos que para aquele autor, que não era um escritor da prosa política, a cidade estaria mais bem equiparada culturalmente - e *Letras do Sertão* contribuía para tanto- que materialmente falando, ou seja, Sousa fora por ele representada como pólo cultural em desenvolvimento e que necessitava de maiores investimentos para que se tornasse uma cidade desenvolvida.

O crescimento material da cidade de Sousa deveria ser acompanhado do desenvolvimento intelectual e cultural dela, o autor do artigo, enquanto representante de certa elite letrada parece demonstrar que *Letras do Sertão* nascera também para “instruir, moralizar e aperfeiçoar o espírito humano”. Dessa maneira, o autor do artigo apresentaria um “modelo de socialização” a ser transportado para os sousenses.

Quando se aproximavam as comemorações do centenário da cidade os editores do magazine não pouparam esforços para dar suas opiniões, a fim de que aquela data de fato

fosse comemorada à altura, por isso trataram de divulgar em suas páginas aquilo que era necessário fazer para que a festividade lograsse êxito.

Vejamos o que se colocou acerca de Sousa naquele momento, a saber, 1954, quando a cidade estava prestes a se tornar centenária.

Balanceando tudo quanto temos realizado durante período tão longo e apreciável, ficamos talvez perplexos ante o resultado escasso em que se encontra a nossa atividade de gente civilizada, tão pouco é a expressão de nosso progresso diante outras organizações urbanas. (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.02).

Percebemos a indignação do autor do editorial que chega a afirmar que a civilização e o progresso em uma cidade quase secular deixavam a desejar. Para se ter uma ideia, Sousa naquele momento não tinha nem sequer água encanada para servir à população³³. Como vimos no artigo anterior, até mesmo as ruas centrais da cidade andavam descuidadas e tristes, parecendo como colocou o autor, “enteadas” do poder público municipal.

E o protesto continua da seguinte forma: “tudo que é necessário à vida vai buscar lá fora. Poucas iniciativas industriais, nenhuma melhoria em sua arquitetura, nenhum impulso da inteligência para organizar escolas secundárias” (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.06). É interessante analisarmos essas colocações do autor, de fato, a ideia de modernidade, atrelada ao binômio civilização/progresso, foi incorporada como já vimos, com novidades vindas de fora e Sousa não ficou à margem desse processo tendo realizado muitas conquistas importantes no início do século XX. Apesar de existir na cidade símbolos do progresso, que de qualquer forma representavam a modernidade, eram necessárias novas medidas para que Sousa merecesse foros de cidade que progride, pois os tempos eram outros.

Que o centenário de nossa cidade seja o marco inicial de uma nova era e sirva de meditação à geração atual é o que desejamos por ocasião desse grande acontecimento na vida de nossa coletividade, levando em conta o instante evolutivo que atravessamos tão forte e fecundo de energia vital e força construtiva (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.07).

Sabendo que essas palavras foram lançadas em 1954 podemos afirmar que de fato muita coisa em Sousa mudou nos anos seguintes, como veremos mais adiante. Quanto a tal instante

³³ Somente nos fins dos anos 50 fora instalada a primeira companhia de água de Sousa a CAENE na segunda gestão do prefeito Felinto Gadelha, que inclusive implantou a energia elétrica através das turbinas hidráulicas de Coremas.

evolutivo que a cidade atravessava, pode ser que o autor estivesse se referindo a conjuntura política do momento em nível de nação e também no âmbito local, tendo em vista que o autor do artigo é Deusdedit Leitão, que, como já vimos, simpatizava com a UDN³⁴ que estava no poder em Sousa há três anos, a crítica pode muito bem ter sido feita a certas posturas do gestor que na visão de Leitão não correspondiam com a ala esquerdista do partido, ou até mesmo pelo fato da administração não estar correspondendo às expectativas do escritor. Após ter esboçado em sua primeira página um editorial que expressava certo grau de indignação e revolta com relação às atividades de gente civilizada e progressista dos sousenses, mas, demonstrando também confiança no porvir, adiante a revista trás um verdadeiro “manual de instruções” para que se realizasse uma festa de aniversário para a cidade de acordo com a lógica da civilidade pretendida por aqueles homens de letras. Acompanhem: “para bom êxito das comemorações de 10 de julho, far-se-á necessário o apoio indistrito e irrestrito de todo sousense, bem como uma cooperação espontânea para que saiam a contento de todos” (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.17).

A população foi conclamada a aclamar a cidade de Sousa e fazer brilhar seu centenário: “não menos importante, concernente ao bom êxito das comemorações é a colaboração do povo que numa coordenação de esforços e comunhão de pensamento dará uma prova convincente de seu elevado civismo” (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.18).

Enfim, o dia 10 de julho chegou³⁵. Sousa acordava mais velha, às quatro da manhã ouviu-se um ribombar de fogos a estalar no céu e anunciar o centenário da cidade sorriso do sertão. Em seguida, a banda de música união sousense desfilou pelas avenidas saudando a aniversariante, até a imprensa cajazeirense se manifesta através de uma crônica³⁶ escrita por Epitácio Soares, lida na rádio Borborema desejando “um bom dia” à cidade vizinha contemplando aquela data e exaltando a urbe.

O dia foi de comemorações, houve desfiles, inaugurações, apresentações e também, no cine teatro Glória uma sessão solene de comemoração do centenário da cidade, onde fizeram uso da tribuna boa parte da elite letrada sousense, alguns dos quais compunham a revista *Letras do Sertão*. Lembremos que quem estava no poder era um filiado da UDN e nessa fase, como já vimos muitos dos que faziam a revista simpatizavam e até militavam na legenda partidária. Reforça-se com isso que o poder simbólico exercido pela revista se fez presente de

³⁴Vale lembrar que em Julho do mesmo ano Sousa recebeu a visita do candidato da UDN à presidência da república em 1955, Juarez Távora, participando de comício.

³⁵ 10 de Julho é a data onde se comemora o aniversário de emancipação política da cidade de Sousa. Fora no dia 10 de Julho de 1854 que a vila nova de Sousa se tornou cidade recebendo o nome de Sousa.

³⁶ Ver a crônica na íntegra nos anexos desta dissertação.

forma ativa em seu centenário, o que nos permite estabelecer as relações de poder que *Letras do Sertão* já estabelecia àquela altura.

Não podemos deixar de acompanhar a visão oficial dos editores da revista sobre as comemorações de 10 de julho de 1954 que diz: “apesar da carência de maior receptividade na alma do povo, a data do primeiro centenário da cidade ocorreu magnificamente sob várias manifestações de louvores e expansão de alegrias” (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.06).

Mais algo faltou, o barulho que segundo eles o povo sabe fazer, talvez mais palmas, mais espantos diante dos desfiles, e porque não dizer talvez mais povo. Acompanhem os reclames do magazine sobre o que faltou para que o centenário da cidade tivesse correspondido às ideias e ideais formulados por quem o compunha.

Uma coisa, porém cumpre deixar aqui bem assinalada. O primeiro centenário devia ter sido mais bem compreendido por nossa população. Não se compadece que, enquanto outros centros urbanos de somenos expressão hajam comemorado suas datas centenárias de formas mais ruidosas e com maior raio de ação. (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p. 08).

O leitor deve estar lembrado que dissemos que as palavras proferidas pelo autor do editorial, que aproveitou a deixa da proximidade do centenário da cidade para expor sua indignação quanto aos estágios de civilização e progresso em Sousa, soaram como sendo proféticas. De 1955 em diante a cidade parece ter acatado os apelos daqueles homens de letras, correndo atrás do tempo perdido e acelerando a sintonia da urbe com a modernidade, claro que o contexto histórico nacional e até local cooperou para isso, a partir de então a revista passou a construir representações sobre Sousa tomando como ponto de partida todas as conquistas que a cidade realizava, dessa forma, Sousa passou a ser retratada como uma urbe em sintonia com o desenvolvimentismo juscelinista, como veremos no terceiro capítulo.

Algumas conquistas importantes são frutos dos anos que se seguiu ao centenário, apesar de nem tudo ter saído como *Letras do Sertão* “sonhou”, mas cada conquista realizada foi devidamente saudada pela revista e em muitos casos, mesmo havendo um distanciamento entre o plano desejado (cidade ideal) e o resultado alcançado (cidade real), a forma de retratar o que se empreendia, mesmo não havendo uma transformação completa, procurava ser entendida e lida como sendo passos dados para se atingir um *ethos* moderno para a época.

A experiência da modernidade nas cidades brasileiras foi se dando de forma diferente. No caso da região Nordeste, por exemplo, não apenas os “cenários marcados pela agitação frenética” são entendidos como sendo representante da vida moderna, até por conta da

realidade de tal espaço regional, sendo que, são também as novidades vindas de fora, relacionadas às comunicações, meios de transportes, equipamentos de conforto, bem como os relacionados à vida elegante e ao entretenimento que sintonizam a urbe com a modernidade.

No início do século XX, foram às conquistas de algumas dessas novidades, a exemplo do trem de ferro, da luz artificial, do automóvel, que conferiu a Sousa ares modernos. No entanto, na década de 1950, tais equipamentos modernos precisariam ser melhorados e até mesmo substituídos para que a cidade se pusesse na marcha do progresso concebido naquela época.

Uma das consequências da modernidade foi secundarizar o meio rural, tendo o meio urbano como cenário privilegiado de suas tramas. Segundo Osmar Silva Filho (2005, p.81):

A cidade é território do desejo, da pulsação humana, da utopia, lugar da elaboração das formas de consciência, lugar da razão nos planejamentos e intervenções técnicas; da irracionalidade da multidão explosiva; do cenário da modernidade; território do sagrado e do profano, lugar onde estão os sujeitos históricos, os atores sociais.

Na lógica da vida moderna, ser cidadão era está próximo da civilidade. Tendo em vista que a modernidade enquanto fenômeno promove o renascimento da cidade, tratando de desruralizar a população. Podemos dizer que a lógica capitalista elege a cidade como cenário, portanto, o homem procura na cidade as luzes do progresso, quer seja através da materialidade, quer seja nas novas sensibilidades que a modernidade confere às cidades, fazendo emergir no imaginário social várias figuras de pensamento que podem ser atreladas ao espaço urbano.

Os melhoramentos tão esperados pela revista deveriam ser primeiro empreendidos na cidade de Sousa, os distritos poderiam esperar, e deveriam, mesmo não usufruindo de algumas benesses do progresso sentir-se parte dele, tendo a sede do município de Sousa como ícone do progresso e da vida moderna.

Ainda na edição comemorativa do centenário de Sousa, outro artigo publicado em *Letras do Sertão* expressou em tom de crítica outro problema da cidade. Dessa vez a reivindicação dizia respeito ao descaso que se observava no tocante aos incentivos agrícolas na cidade de Sousa. Segundo o autor do artigo, esse descaso advinha da pouca atenção que os poderes públicos estavam dando a modernização da cidade, já que o potencial energético de Sousa no momento era arcaico, o que não permitia que as técnicas agrícolas se modernizassem.

E Sousa, o grande Oasis paraibano, com as suas irrigações e canais riquíssimos, comparadamente, e sem milindre a outras regiões férteis localizadas em diversos pontos do estado, bem poderá ser qualificada na verdade como coração da Paraíba.

Até hoje quase nada se tem feito no sentido de dar-se maior amplitude e melhor incentivo ao desenvolvimento econômico do grande e soberbo vale do rio do peixe. Entretanto, quando as vistas dos administradores se voltarem para a agricultura e se alargarem neste sentido, e os homens públicos descruzarem os braços lutando ao lado da execução do plano de eletrificação da bacia do Coremas-piranhas, Sousa será o centro propulsor da vida e da riqueza no organismo paraibano... aguardemos mais um pouco (LETRAS DO SERTÃO, 1954, p.32).

Segundo a esperança do autor, se o poder público investisse na agricultura irrigada, Sousa não ficaria para trás tendo em vista sua geografia e aquilo que a cidade já produzia e escoava. O autor também apostava no desenvolvimento que a energia elétrica, vinda de Coremas representaria, e que de fato fez a cidade tomar outras feições quando a luz pública foi inaugurada em 1959.

Sousa era grande produtora de algodão, cana de açúcar e banana, sendo, desta última a maior produtora do estado. Semanalmente eram escoados para Campina Grande, João Pessoa, Patos e Natal doze caminhões que dividiam 50.000 mil frutos do produto. A cidade também era grande produtora de carnaúba, tendo inclusive indústrias caseiras que fabricavam os derivados do produto, como a cera.

A produção algodoeira da cidade era relativamente bem equiparada, mesmo não contando ainda com recursos energéticos mais eficientes. De acordo com a revista *Letras do Sertão*, no ano de 1954, Sousa beneficiou e exportou para a cidade de Campina Grande 5.088.294 quilos de algodão em pluma, ou seja, 18.618.956 quilos de algodão em caroço.

O fato é que o grito de esperança que a revista fez ecoar através do artigo de Silvio Timóteo, causou certa polêmica no estado da Paraíba. O jornal *Diário de Pernambuco* ao tomar conhecimento da matéria polemizou o assunto deixando no ar uma pergunta: houve equivoco, ou o autor quis dizer que Sousa era a cidade mais próspera da Paraíba, superando Campina Grande e até a capital?

Na 13ª edição da revista, o mesmo autor replicou o comentário e a repercussão que seu artigo tomou escrevendo outro, intitulado “*não houve equivoco*”. Ele tentou esclarecer em que sentido Sousa seria o coração da Paraíba deixando claro que sua intenção não foi comparar a pequena cidade sertaneja com a rainha da Borborema nem com outras cidades, o artigo diz o seguinte:

Não fomos otimistas, afirmando que a terra de Bento Freire seria o coração da Paraíba, em face da sua posição econômica, especialmente quando desperta para um futuro soberbo, agraciado como é, pela constituição de sua própria natureza fisiográfica, onde os rigores das secas periódicas não são tão cruciantes como soem acontecer com alguns municípios vizinhos, nossos coirmãos.

Dizíamos a verdade, comprovando com fatos, misturados de maneira envolvente, com o sopro renovador de abençoada esperança de que, tais possibilidades não serão esquecidas pelos poderes públicos e nem deixarão de receber o incentivo dos responsáveis pelo progresso da comuna promissora.

Um comentário, no “Diário de Pernambuco”, surgiu como um carinho escravizante, assemelhando-se, todavia, a um mel envenenado, enredando-nos contra objetivos que não tivemos jamais por meta. Campina grande é um enorme centro comercial, um dos maiores do nordeste; entretanto é muito mais um ponto convergente dos produtos do interior do estado, que correm para ali a título de escoamento justo e necessário. Quando dissemos que Sousa é o coração da Paraíba, tínhamos em mente o fator relatividade, comparado ao que pode e ao que poderá ser um município que conta atualmente com 52.000 habitantes. Não passou em nossa cabeça a menor ideia de superioridade de Sousa sobre Campina Grande ou qualquer outro município, em coisa alguma, quando sabemos que comparados, estes municípios, são um pigmeu e um gigante (LETRAS DO SERTÃO, 1955, p.29).

Podemos ver pelo que foi escrito, que o autor, à medida que faz a crítica aponta o caminho a ser seguido para que a cidade se tornasse o “coração da Paraíba” e isso é evidenciado quando ele menciona o “fator relatividade”. Com isso, vamos percebendo que os editores da revista de fato tentaram intervir nos rumos da cidade de Sousa colocando seus ideais modernos como sendo o melhor caminho a ser seguido para sintonizar Sousa com a modernidade.

Ao mesmo tempo em que a revista formulou um projeto de cidade quando das suas duas primeiras fases ela procurou construir uma imagem para Sousa e para si própria. Isso ficou cada vez mais evidente quando analisamos a ênfase que seus editores deram a cada nota que se escrevia sobre *Letras do Sertão* na imprensa paraibana e também potiguar.

O exemplar avulso da revista nos seus primeiros anos custava cinco cruzeiros, enquanto que a assinatura anual custava vinte cruzeiros. Como já dissemos, *Letras do Sertão* apresentava um conteúdo diverso que ia desde as letras aos problemas políticos e sociais que circundavam o período no cenário local, regional, nacional e internacional³⁷. Dados

³⁷ Ver nos anexos algumas matérias veiculadas pela revista e que esclarecem melhor o que dissemos acima.

estatísticos e notas para a história da cidade, a partir da pesquisa documental nos arquivos, também compunham o conteúdo heterogêneo do magazine.

Em suas duas primeiras fases a revista foi editada na tipografia do professor Virgílio Pinto, ou, simplesmente o “professor sinhorzinho”, como era mais conhecido. O citado senhor não apenas acreditou na proposta daqueles jovens como colaborou ativamente da vida editorial da revista. O magazine era impresso em papel jornal, apresentando sempre algumas ilustrações, dados estatísticos, diferentes seções, que foram se renovando à medida que a revista renascia. Sempre que interrompia sua trajetória o motivo principal era a falta de investimentos naquele instrumento informativo.

Ao analisarmos as impressões acerca daquele magazine que se desdobrava na imprensa estadual e potiguar, e que foram publicadas na própria revista, notadamente em suas duas primeiras fases, notamos que a revista procurou se constituir enquanto elemento civilizador da urbe sousense, representando a afinidade daquele núcleo urbano com a civilização, tendo em vista que o imaginário acerca da imprensa ainda naquele momento a reconhecia enquanto poderosa arma de/para civilização. O projeto de cidade que *Letras do Sertão* formulou nessas fases também levou em conta o peso simbólico que exercia, tendo em vista que ela passou a representar o desenvolvimento de uma modernidade cultural na cidade, daí afirmarmos que a revista fora lugar de poder e de prestígio na cidade de Sousa.

O jornal *A União*, de 15 de outubro de 1952, na coluna de Aurélio de Albuquerque³⁸, fez uma saudação a *Letras do Sertão* nos ajudando a demonstrar que a revista foi permitindo a construção de diversas imagens sobre a urbe sousense:

Os rapazes da civilizada cidade de Sousa, neste estado, com o aparecimento de *Letras do Sertão*, que já se encontra – vitoriosamente no seu quarto número, estão dando um exemplo muito seguro à Paraíba de que naquele centro sertanejo, se sabe valorizar as boas letras, não se estimando somente, as letras de cambio, tão cobiçadas por muitos ou quase todos, nos dias atuais (LETRAS DO SERTÃO: 1952 p.48).

Observemos o predicado utilizado para nomear o sujeito, no caso Sousa, *civilizada*! Entendendo o termo enquanto um estágio evolutivo em pleno avanço, nesse caso intelectual e espiritual, deixa implícito o papel de “agente civilizador” que a revista desempenhava.

³⁸ Aurélio de Albuquerque àquela altura era membro da academia paraibana de letras, onde, fora também presidente.

A imagem que se tinha formada sobre Sousa naquele momento era de uma urbe que caminhava nos trilhos da civilização – representada por *Letras do Sertão* e seu possível caráter civilizador - e do progresso. Vejamos como ele finaliza o artigo.

Mando, portanto, daqui o meu sinceríssimo abraço aos moços de Letras do Sertão. E podem ficar certos do que digo: vocês deram uma lição bem dura, forte e muito oportuna aos chamados intelectuais, tão descrentes e pessimistas, desta nossa capital, sede atualmente de quatro escolas de ensino superior. (LETRAS DO SERTÃO, 1958, p.49).

Imaginamos como isso deve ter repercutido nos bastidores da redação de *Letras do Sertão*. Apesar das dificuldades encontradas³⁹ e em muitos casos enfrentadas pela equipe da revista, impressões como aquela, sem dúvida, fortalecia o ego dos editores do magazine, tanto que eles fizeram questão de divulgar tal elogio.

Mesmo sabendo que a parcela leitora da revista era relativamente seleta, não diminuía sua função civilizadora, afinal a modernidade opera nessa ordem, levar a luz para resplandecer nas trevas. A civilização passa a ser entendida como um elemento disciplinador que chega de diferentes formas, quer seja através da instrução, ou através da imitação do instruído.

Quando afirmamos que *Letras do Sertão* inaugurou na cidade de Sousa uma nova euforia no tocante ao progresso, respaldamos nosso pensamento em alguns artigos daquele magazine, vejamos:

O progresso é uma força invencível, uma avalanche que quando desponha nada o resiste tudo se lhe condiciona a vontade inquebrantável. Mais como tudo dentro da evolução, o progresso vem a seu tempo com características determinadas. Para Sousa soou à hora do progresso, Sousa evolui, Sousa cresce, Sousa cidade do futuro! Coração da Paraíba (LETRAS DO SERTÃO, 1956, p.13).

Ao ser vista como elemento cultural civilizador, a revista *Letras do Sertão* adquiriu um lugar de destaque que a confere poder e seus editores usaram esse poder para estampar suas representações sobre Sousa fazendo emergir inclusive, algumas imagens da urbe, vejamos um exemplo.

³⁹ Falamos de dificuldades tendo em vista duas interrupções editoriais que a revista enfrentou. Seus editores disseram que às vezes em que a revista parou de circular se deveram as dificuldades financeiras que eles enfrentaram, tendo em vista que a revista não recorria, em suas duas primeiras fases, a propaganda como recurso comercial.

Hoje, o sertanejo pouca diferença tem do habitante das grandes metrópoles, situadas à orla do mar. É um caboclo de fino trato, com os mesmos usos e costumes do homem citadino. Já vale a pena bater um papo com muitos sertanejos, tão integrados estão eles com os processos culturais das cidades, absorvidos que foram pela chamada “civilização da gasolina”. Em algumas cidades da região chegam ao topete de formarem escolas literárias, editando revistas, promovendo conferências como se aquilo ali fosse um verdadeiro centro universitário. E como pensam alto, os intelectuais sertanejos. Como escrevem bem, como sabem dar interpretações seguras e inteligentes aos problemas regionais.

O leitor dessa coluna certamente já compreendeu que estou querendo falar sobre a vida literária na cidade de Sousa, no alto sertão paraibano. Há em Sousa um verdadeiro reduto de homens e mulheres inteligentes, cujos trabalhos de sua lavra poderão figurar sem desdouro em qualquer grande jornal metropolitano. Quem abre as páginas da revista “Letras do Sertão” e depara-se com artigos do professor senhorzinho, do Dr. Firmino Leite, de Julieta Gadelha, de Dr. Walter Sarmiento de Sá ou com os sonetos parnasianos do Dr. Cristiano Cartaxo, fica surpreendido com o progresso intelectual daquele povo (LETRAS DO SERTÃO, 1961, p.20).

A revista *Letras do Sertão* é apresentada no texto como portadora da boa nova, o diferencial, a novidade, um abraço que Sousa e o sertão davam no mundo civilizado. O “capital simbólico” que *Letras do Sertão* possuiu quando de sua circulação permitiu que certas visões de mundo apresentadas naquele magazine caracterizasse não apenas a parte, mais o todo, ou seja, não importava para que receptor era dirigida a mensagem, quem a recebeu viu na revista, pelas impressões que analisamos, a ascensão de uma modernidade cultural na cidade que parecia prenunciar o desenvolvimento de Sousa ousando instruir a população a vivenciar civilizadamente os espaços da cidade.

Em sua sétima edição a revista divulgou um artigo denominado “Sertão em Brasa”, onde a autora Lylia Guedes⁴⁰ mostrou a diferença do sertão de sua infância, que para ela, era mais rural que citadino e o sertão daquele momento. Essa diferença se acentua ainda mais tendo em vista a existência de elementos do progresso nas paisagens sertanejas e de costumes que antes eram vistos apenas nas cidades grandes. Vejamos o que disse Guedes:

É sabido que cada localidade tem suas características e reage a seu jeito em face dos problemas que o afastamento dos centros maiores lhes cria; cada uma tem costumes típicos, meio e modos de fazer política, de se divertir, de viver, enfim. Entretanto, agora, quando o caminhão – o moderno bandeirante que desbravou novamente o sertão, o rádio – o uniformizador da música popular e das diversões, a luz elétrica e o cinema formam o quarteto

⁴⁰ Não sabemos quase nada a respeito da autora do artigo. Pelo que ela escreveu percebemos que a mesma saiu de Sousa para estudar no Recife e que ao voltar, talvez a passeio, ela encontrou uma paisagem urbana bem diferente da que deixou no início do século XX.

civilizador do momento, tornou-se mais imprecisa a faixa fronteira entre o litoral e o sertão (LETRAS DO SERTÃO, 1953, p.14).

Tudo isso se constitui como exemplos de que a revista inaugurou na cidade uma nova euforia progressista que fez com que sua imagem de cidade moderna se reconfigurasse. Segundo Araújo (2009, p.15): “O universo do imaginário é composto assim, por imagens, símbolos, mitos e visões de mundo e se relaciona diretamente com as questões sociais e políticas de uma época”. O horizonte de expectativas daqueles que faziam a revista *Letras do Sertão* estava diretamente ligado ao campo de experiência dos mesmos quanto às implicações do progresso na vida de uma cidade, as experiências modernizantes de outras urbes permitiam que aquela elite letrada aspirasse para Sousa conquistas pautadas nos ditames da civilização e do progresso.

É mediante tais aspirações que entendemos que a revista extrapolou seus objetivos puramente literários chegando a “formular” um projeto de cidade, cidade do pensamento, mas não totalmente abstrata. Cidade esta que também era vislumbrada por aqueles que viam na revista o apanágio de novos tempos para Sousa.

Se a principal tarefa do magazine era divulgar a inteligência do povo sertanejo, essa tarefa ganhou novas configurações ao longo das três fases da revista. Na primeira e na segunda, certo desejo de uma Sousa progressista, materialmente falando, sobressaiu qualquer outro interesse que por ventura se tinha no momento, e isso está diretamente ligado às políticas nacionais de desenvolvimento que se empreendiam nos anos de 1950⁴¹ e que continuaram dando frutos na década de 1960. A revista, à medida que desejava isso, construía para si uma imagem de instrumento civilizador e de grande contribuição para o progresso de Sousa.

⁴¹ Vale lembrar que todos os discursos modernizatórios que diziam respeito a nação e /ou as cidades foram elaborados para atender as necessidades de uma pequena parcela da população. Letras do Sertão incorporou isso e em alguns escritos de seu corpo editorial percebemos que a ideia de progresso estava expressa a partir de certa visão salvacionista, como se as políticas modernizatórias fossem às únicas possibilidades de elevar o nome da cidade de Sousa.

3 – A cidade de Sousa no contexto da modernização

3- A cidade de Sousa no contexto da modernização

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção de seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam (PESAVENTO, 1999, p.32).

As décadas de 1950 e 1960 marcaram na cidade de Sousa um momento de modernização econômica e cultural. Diríamos que o que simbolizou a modernização cultural na cidade foi à criação da revista *Letras do Sertão* que tendeu a elevar o nome da urbe sousense por toda Paraíba e por estados vizinhos.

No âmbito econômico, foi à aquisição de alguns elementos⁴² e a realização de ações por parte do poder público, que conferiu à cidade um novo ethos moderno. Falamos em novo ethos, tendo em vista que outras conquistas importantes foram empreendidas em Sousa no início do século XX, mas, como a modernidade tem o poder de se reconstruir a cada época, tais conquistas não mais correspondiam ao progresso almejado nas décadas de 1950-1960.

Achamos por bem apresentarmos ao leitor algumas características da sociedade brasileira do início do século XX, já que fora todo um contexto histórico que propiciou que as ideias de modernizar o meio chegassem à grande parte dos municípios do Brasil, inclusive Sousa. Tendo em vista que as reformas urbanas de Pereira Passos no Rio de Janeiro inspiraram o processo de modernização do Brasil inteiro, apresentaremos ao leitor certos aspectos dessas reformas urbanas.

Como dissemos anteriormente, a modernidade, de acordo com a época, tende a se reconstruir, ou seja, aquilo que era moderno em anos anteriores pode muito bem não representar, em outro momento, o moderno. Foi isso que aconteceu com boa parte dos elementos e das ações empreendidas nas cidades brasileiras nas décadas iniciais do século XX, nos anos 1950 muitas delas não se constituíam mais como sendo representantes do progresso.

Os ideais modernos daquela elite letrada serviu de termômetro para aferir a sintonia de Sousa com a modernidade. Pensamos que fora por isso que naqueles anos outras representações foram construídas para a cidade de Sousa na revista, já que, a conjuntura

⁴² Veremos ao longo do capítulo que o processo de modernização da cidade de Sousa foi marcado, no início do século vinte, pela aquisição de elementos como: o automóvel, o trem, o cinema, a luz elétrica, bem como melhorias urbanas empreendidas pelo poder público.

nacional fora tornando possível o empreendimento de novas ações e de novos elementos ligados ao progresso nas cidades brasileiras.

No caso de Sousa, a energia elétrica vinda de Coremas, o abastecimento de água, a implantação do sistema de telefonia da cidade, calçamentos de algumas ruas e avenidas, fortalecimento comercial e industrial, dentre outras ações foram responsáveis por conferir, àquela altura, a sintonia de Sousa com o desenvolvimento.

A administração municipal do prefeito Felinto Gadelha(1955-1969) foi representada como sendo operosa e progressista e que segundo os editores do magazine, estava encaminhando Sousa para o crescimento e o desenvolvimento. Identificamos na postura daqueles homens de letras, ao fazerem apologia a tal administração - mesmo dizendo dela não se servirem com benefícios para a revista - elementos de uma cultura política onde se tenta construir uma imagem de gestor comprometido com a causa da cidade e do povo.

Dividimos o capítulo nos seguintes tópicos para facilitar a compreensão do leitor: A proclamação da República brasileira e a emergência do Rio de Janeiro enquanto metrópole moderna. Nesse tópico procuramos demonstrar como as ideias modernizantes que contagiaram grande parte das cidades brasileiras, incluindo Sousa, estão ligadas a um contexto geral tendo em vista que o Brasil vivenciava significativos processos de transformações protagonizados em primeiro plano pela Proclamação da República, pelo debate no campo das ideias sobre sua condição de dependência política e econômica e depois, pela mudança do eixo econômico e político do país tendo em vista a emergência da Era Vargas.

Em A modernidade rompendo fronteiras: Características de uma *Belle Époque* tardia, onde o debate sobre o processo de modernização urbana do Brasil é brevemente discutido tendo como parâmetro as reformas urbanas realizadas pelo prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos.

Por último, analisamos os reflexos do desenvolvimentismo Juscelinista na cidade de Sousa de acordo com a revista Letras do Sertão. A Revista passou a representar a cidade de Sousa de outra forma a partir da metade dos anos 1950 e como dissemos, acreditamos que essa mudança de discurso se deu exatamente devido o novo momento histórico que o Brasil vivia onde a palavra de ordem era desenvolvimento. Notamos que Sousa passou a ser representada como uma cidade que seguia os passos do desenvolvimento.

O caminho escolhido para encaminhar Sousa no contexto desenvolvimentista foi o investimento em infraestrutura e tais investimentos foram de encontro àquilo que os editores de Letras do Sertão almejavam para a urbe desde quando a revista foi fundada.

3.1 A proclamação da República brasileira e a emergência do Rio de Janeiro enquanto metrópole moderna

O processo de avanço da industrialização que se fez notar no meio urbano em meados do século XIX, a priori nos grandes centros urbanos europeus, é responsável por inaugurar na história da urbanização ocidental um novo imaginário: as cidades enquanto espaço da salubridade, do progresso, do novo, da modernidade.

As reformas urbanas empreendidas por Hausmann em Paris marcaram esse novo imaginário, adentrando inclusive o século XX, rompendo as fronteiras do continente europeu e se espalhando pelo mundo.

No Brasil, o que marca a chegada ou a consagração dessa nova mentalidade que concebe a cidade enquanto espaço do moderno, portanto da novidade, da organização e da civilidade, são as reformas urbanas de Pereira Passos no Rio de Janeiro no início do século XX. Pouco a pouco os ideais modernos foram se irradiando pelos demais centros e também para as cidades de menor expressão.

Não é demais trazermos ao debate um pouco da evolução urbana no/do Rio de Janeiro, já que, com isso, poderemos entender de forma simultânea como a questão urbana passa à ordem do dia no Brasil, ao mesmo tempo em que a ideia de modernização encanta e passa a fazer parte da realidade de muitas cidades brasileiras que passaram a copiar o modelo carioca.

O historiador José Murilo de Carvalho em sua obra ‘Os Bestializados’ ressalta a importância da cidade do Rio de Janeiro no início da República. Para ele:

Não seria exagero dizer que a cidade do Rio de Janeiro passou, durante a primeira década republicana, pela fase mais turbulenta de sua existência. Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação, que só começaria a ceder ao final da década (Carvalho 2005, p.15).

Dentre as mudanças que tangenciaram o cotidiano da capital republicana o historiador cita: A de natureza demográfica, que se caracteriza principalmente pelo êxodo rural e pelos reflexos da abolição da escravatura. Nesse aspecto de natureza demográfica, podemos encontrar o embrião da segregação social que o Rio de Janeiro vivenciou durante as fases iniciais da república.

As prostitutas, os desocupados, os ex-escravos, dentre outras classes, passaram a ser taxadas enquanto pertencentes às chamadas “classes perigosas”. Sem falar nos problemas de infraestrutura urbana que se desencadearam mediante o desordenado crescimento populacional.

Para compor o quadro das mudanças que atingiram o Rio de Janeiro, o historiador cita ainda o lado econômico e financeiro. Segundo ele, a origem de toda agitação remontava a abolição da escravidão.

Devido à necessidade de aplacar os cafeicultores, especialmente do estado do Rio e de atender uma demanda real de moeda para o pagamento de salários o governo imperial começou a emitir dinheiro, no que foi seguido com entusiasmo pelo governo provisório, este preocupado também em conquistar simpatias para o novo regime (Carvalho: 2005 p.19).

José Murilo de Carvalho chama atenção para os frutos do Encilhamento, a política econômica implantada pelo governo provisório de Deodoro da Fonseca. O maior reflexo de tal política foi à crise financeira protagonizada por uma inflação generalizada.

Por último, o autor cita as mudanças no Rio de Janeiro provenientes da movimentação no mundo das ideias e das mentalidades. De acordo com ele, o novo regime não produziu “correntes ideológicas próprias” e nem mesmo “novas visões estéticas”.

Em consequência disso, várias vertentes do pensamento europeu encontraram sustentação no campo intelectual brasileiro, juntando-se a outras vertentes do mesmo pensamento que chegaram à época imperial, como foi o caso do positivismo e do liberalismo.

Dentre as consequências dessa movimentação no mundo das ideias podemos identificar a quebra de valores antigos, a descaracterização da cidade imperial tendo a ordem e o progresso como alvo. A *Belle Époque* carioca⁴³ estava a um passo de nascer.

⁴³ Também conhecida como Belle Époque Tropical, a Belle Époque carioca- brasileira pode ser entendida como um período artístico, cultural e político que começou com a derrocada do Império e a Proclamação da República. O regime republicano desejava inaugurar no país uma nova era e para isso procurou minimizar tudo que se remetesse ao Império e a colonização portuguesa. O modelo francês de vida e de cidade moderna foi o escolhido para ser copiado e compilado nos trópicos e assim, celebrar a entrada do Brasil na modernidade.

Em 1902 o Presidente da República, o senhor Rodrigues Alves nomeou o engenheiro Pereira Passos para a prefeitura da capital federal e o médico Oswaldo Cruz para cuidar das condições sanitárias da cidade, uma vez que epidemias diversas a atacavam.

O prefeito Pereira Passos, que esteve em Paris anos antes e que vislumbrou as transformações que Hausman empreendeu na capital francesa, exportou para o Rio de Janeiro certos propósitos modernizantes. Dentre tais propósitos estava: extirpar da cidade os maus odores, abolir velhos hábitos que não combinavam com a ordem e o progresso e atingir um nível de salubridade tal, que aproximasse a cidade da “civilização”.

Para conseguir seus intentos, Passos elegeu como modelo a ser seguido à França da Belle Époque. Uma série de leis foi decretada pelo prefeito para que as metas de embelezamento e de higienização pretendidas para o Rio de Janeiro fossem atingidas com êxito. Era proibido cuspir no chão, dentro de bondes, o trânsito de animais nas vias públicas foi vedado, foi proibida a mendicância, em substituição às imundas vielas coloniais e cortiços, construíram largas avenidas e ruas; terrenos baldios usados como depósitos de lixo deram lugar a praças arborizadas.

Um dos atos mais contundentes de Passos, no entanto, foi à determinação da demolição de todos os imóveis existentes em locais definidos para a execução de novas obras públicas. Essa medida ficou conhecida como “Bota abaixo”. O Rio de Janeiro foi se tornando o espelho da modernização. A cidade já contava com iluminação a gás e água encanada, as carruagens foram esquecidas, dando lugar primeiro aos bondes elétricos, depois aos automóveis.

Os barões do café construíram suas chácaras nos bairros mais nobres para estar mais perto dos bailes, dos teatros e das decisões políticas. A cidade foi se modificando: construíram-se os hotéis e os jardins públicos, multiplicaram-se os cafés. É notório que o processo de modernização do Rio de Janeiro serviu a uma elite abastada e excluiu grande parte da população.

Em seu trabalho *Visões literárias do urbano*, Pesavento (1999) utiliza uma metáfora interessante para trazer à tona as transformações urbanísticas do Rio de Janeiro: a metáfora do espelho. A autora chama atenção para o fato de algumas características coloniais serem o entrave para o Rio se colocar nos trilhos do progresso.

De acordo com a autora, ao colocar o Rio de Janeiro republicano frente ao “espelho”, a cidade viu refletida uma imagem real, porém não desejada, já que a república representava o nascimento de novos tempos de “ordem e progresso”.

Uma crise de identidade refletiu frente à capital brasileira de então. Com isso, o processo de transformação que se desencadeou no Rio de Janeiro, passou a representar metonimicamente a transformação do Brasil como um todo.

O Brasil, diferente do contexto latino americano, desenvolveu suas cidades acanhadamente, de forma tardia, tendo uma sociedade basicamente rural. Contribuíram para tanto o alto predomínio do latifúndio escravista e exportador, bem como fatores de ordem estratégica que facilitavam e garantiam a conquista. Recorrendo às observações feitas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, Pesavento (1999, p.164), coloca que:

Nos anos 30, Sergio Buarque de Holanda, na sua obra clássica raízes do Brasil, iria consolidar essa imagem ao opor ao perfil do espanhol “ladrilhador”- construtor de cidades- um português “semeador”, voltado para o rural e não para o urbano. Estamos diante quase de um estereótipo fixado para o legado urbano colonial dos lusitanos na América.

Apesar das relações econômicas e até mesmo de algumas transformações urbanas terem se intensificado quando da vinda da família real em 1808, fora somente na década de 1870 que reivindicações mais pungentes se fizeram no sentido de dar ao Rio ares de cidade moderna. De acordo com Pesavento (1999, p.168):

A crise de identidade do Rio colonial traz as contradições de um processo de acumulação capitalista que, em condições latino-americanas, acentua o seu lado perverso. Os efeitos da herança escravista se combinam à persistência de uma estrutura patriarcal e oligárquica de mando. Sendo o modelo político liberal adotado excludente nas suas condições de realização, praticamente se inviabiliza a realização plena da cidadania e tolham-se as chances de que em termos de realidade urbana, pode-se dizer que, no final do século, com a passagem da monarquia para a república, a elite carioca não se reconhecia na imagem refletida no espelho. A identidade urbana do Rio de Janeiro não poderia ser construída em cima de uma cidade feia, imunda, perigosa, caótica. A cidade do desejo negava a cidade real, e o espelho deveria refletir a imagem de uma urbe higiênica, linda e ordenada.

O processo de construção da nova identidade urbana do Rio pode ser considerado uma das facetas de realização de uma identidade nacional. A república também exigiu uma nova identidade para o Brasil, assim, no bojo desse novo processo de construção e ressignificação da história brasileira, o Rio desponta como representante desse novo momento.

Chegar e ver um novo Rio de Janeiro significava ver também um novo Brasil. O modelo parisiense de modernização fora copiado e compilado para demonstrar a nova identidade que

a capital carioca assumia. Como vimos, inspirado nas reformas parisienses de Hausman, o prefeito Pereira Passos promoveu um verdadeiro “bota abaixo” na cidade colonial que ainda ousava em persistir na jovem república brasileira. Isso comprova que o debate sobre o urbano vivenciado na França estava na ordem do dia no Brasil, tendo como carro chefe as importações das ideias e dos modelos europeus dos quais falou José Murilo de Carvalho.

No próximo tópico veremos como a ideia do moderno fora chegando a outras urbes distantes do Rio de Janeiro, como é o caso da capital paraibana e de alguns municípios do sertão da Paraíba.

3.2 A modernidade rompendo fronteiras: Características de uma Belle Époque tardia.

Segundo Silva Filho (1999) desde fins dos oitocentos que a cidade da Parahyba do Norte⁴⁴ fora dando passos em direção à modernidade a partir de melhorias voltadas para a construção de um novo cenário para a cidade.

As melhorias foram aceleradas nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX para que se permitisse a “entrada da civilização e do conforto aos habitantes da capital paraibana” (Rolim, 2010, p.53).

Dentre essas melhorias estavam os serviços de abastecimento de água, de coleta do lixo urbano e de saneamento básico. Isso no sentido de melhorar as condições sanitárias de então, especialmente devido ao processo de combate de algumas epidemias⁴⁵ que assolavam as populações citadinas.

No tocante ao conforto do meio, em 1905 a capital já contava com transportes públicos, o que garantia não apenas a locomoção de forma rápida como também fazia com que a população tivesse um controle maior do tempo e do espaço. O novo cenário que a cidade inaugurou fora composto ainda pelo alargamento de ruas e calçadas, pela construção de parques e praças públicas que facilitavam o passeio público e conferia à cidade todo um ar de beleza e conforto.

Alguns ícones que representavam a modernidade como é o caso do automóvel, da luz elétrica, da imprensa e do trem de ferro também foram implementados ao cotidiano da cidade modificando seu cenário e a colocando em sintonia com o progresso.

⁴⁴ Era essa a denominação naquele período da atual capital do Estado, João Pessoa.

⁴⁵ A Varíola e a Cólera Morbus são exemplos de tais epidemias que assolavam e vitimavam as populações citadinas devido às precárias condições sanitárias das mesmas.

Podemos dizer que o capital utilizado na modernização da capital paraibana fora proveniente da atividade algodoeira no estado que teve seu apogeu na década de 1920⁴⁶. Devido à Paraíba sempre ter sido um estado de feição eminentemente agrária, as atividades industriais caracterizavam-se pelo aspecto rudimentar e pela subordinação às atividades agroexportadoras. Devemos lembrar que essa característica fazia parte da realidade de todos os estados do Brasil tendo em vista o modelo primário exportador predominante na época.

O algodão constituiu-se na Primeira República como sendo o principal produto da pauta exportadora do estado, o que garantiu ao estado, em 1921, ser o segundo produtor do Nordeste. Corroborando com o que afirmamos acima quanto à origem do capital aplicado na modernização da capital da Paraíba e enfocando também a relevância do fator cultura, Chagas (2010, p.39) coloca o seguinte:

A modernização/urbanização da Capital paraibana também foi resultado da nova realidade econômica pela qual o estado passou cujo principal produto, o algodão, proporcionou os dividendos aplicados no melhoramento urbano. Não podemos negar esse fato, mas a modernização das cidades também é resultante das questões culturais; o que incide na mudança de mentalidade, ou seja, na nova forma como os sujeitos apreendem o espaço e se relacionam com o meio no qual se encontram inseridos.

Algumas cidades do interior da Paraíba como Princesa Isabel, Campina Grande⁴⁷, Patos, Pombal e Cajazeiras também vivenciaram transformações significativas em seus aspectos urbanos durante o início do século passado.

Sousa, no início do século XX, também experimentou um significativo crescimento urbanístico/populacional adquirindo para a municipalidade elementos como o trem de ferro, cinema, luz elétrica, circulação de automóveis, dentre outras novidades que conferiram àquela urbe, naquela altura, certa sintonia com a modernidade, valendo ressaltar as novas práticas e hábitos sociais gestados pelo uso de tais elementos no cotidiano sousense.

⁴⁶ Mesmo com a crise de 1929 a atividade algodoeira no estado da Paraíba se manteve em alta chegando a exportar tanto o algodão em pluma quanto em caroço até mesmo para fora do país (Silva Filho 1999,p.54).

⁴⁷ O algodão se constituiu no início do Século XX Enquanto a principal atividade econômica de Campina Grande. O crescimento da cidade era refletido economicamente através da atração de comerciantes de todas as regiões da Paraíba e de todo o Nordeste. Campina Grande ficou conhecida como a Liverpool Brasileira e esse adjetivo comparativo foi a ela atribuído devido a pujança econômica que a atividade algodoeira lhe proporcionou. Até a década de 1940, Campina era a segunda maior exportadora de algodão do mudo, ressaltando que a cidade nunca produziu algodão, o sucesso atingido na atividade algodoeira se deveu ao fato de Campina ter sido a única cidade do interior do Brasil que possuiu uma máquina de beneficiamento de algodão, a matéria prima que fosse necessária para a produção vinha de cidades produtoras vizinhas (Fonte: pt.Wikipédia.org/Wiki/Campina Grande. Acessado pela primeira vez em 24 de Junho de 2012).

É necessário entendermos o contexto histórico que circundava o início do século XX e que prenunciou grandes transformações na estrutura política, social, cultural e econômica do país, para entendermos melhor como a urbanização ganhou visibilidade e a modernidade urbana foi desenhando seu perfil.

Segundo Brum (2010, p.169):

As estruturas da sociedade brasileira, que, herdadas do passado colonial, se prolongaram por cerca de cem anos após a emancipação política, chegaram a um quase completo esgotamento no início do século XX, ou, mais precisamente, na década de 1920. Diversos fatores e circunstâncias amadureceram e conjugaram-se, então, constituindo o contexto emergente e complexo que fez desse período uma fase importante da transição da evolução histórica brasileira. Em consequência, na década de 1920, a nação viveu sua primeira grande crise global aguda.

Fora nesse período que uma reflexão voltada para a condição de dependência cultural, econômica e até política da nação brasileira se configurou. “Alguns setores da sociedade passaram a preocupar-se com a superação do atraso histórico e com a necessidade de imprimir um novo ritmo e um novo rumo ao país” (BRUM, 2010, p.170).

Sendo assim, o papel das cidades nesse processo ganhou força, pois o Brasil passou de uma economia eminentemente agrária para o fortalecimento e crescimento industrial e urbano. Com isso, o mercado consumidor interno teve que se fortalecer e as cidades se tornaram o lócus perfeito para o desenvolvimento do capitalismo no país.

No âmbito da política tais mudanças também se fizeram presentes. A chamada política dos coronéis⁴⁸ se evidenciava a nível local e, na inexistência de partidos políticos nacionais o controle político a nível federal se dava através da aliança das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais:

A crítica a esse sistema político de cartas marcadas já se fazia ouvir desde as primeiras décadas do século XX. A luta política que, até então, se circunscrevia às divergências e aos conflitos internos no seio das oligarquias rurais, passava a adquirir outro conteúdo. Diante dos novos interesses urbanos, a aristocracia rural foi obrigada a compartilhar o poder com a burguesia emergente, bem como aceitar a influência das camadas médias (BRUM, 2010, p. 181).

⁴⁸ Na Paraíba o governo de João Pessoa, que era um oligarca, se colocou contra as oligarquias desarticulando interesses econômicos através de uma política tributária que contrariou os interesses de alguns segmentos. Como reflexo das medidas de João Pessoa está a revolta de Princesa, organizada pelo coronel José Pereira que chegou a declarar “o território livre de Princesa” que inclusive tinha uma constituição própria, jornal, bandeira e hino. Sobre a dinâmica histórica do município de Princesa ver: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro, 1999.

Nota-se que naquele momento o sistema político oligárquico enfrentava uma profunda contestação que culminou, mesmo que de forma um tanto quanto contraditória, com a Revolução de 1930⁴⁹. Procuramos traçar um pouco desse perfil da sociedade para mostrarmos que no início do século a sociedade brasileira passava por uma redefinição em sua estrutura e, no âmbito dessa renovação, as cidades ganharam novos papéis assumindo assim, a postura de cenários da modernidade.

Embelezar as cidades, e torná-las aptas para o novo momento moderno que se anunciava passou a ser a ordem do dia de muitas urbes brasileiras a partir daquele momento. Claro que cada espaço fora experimentando de forma diferente aquilo que o moderno pregava:

Parecia ser irresistível avançar com as reformas urbanas que, embora pudessem ser vislumbradas com pequenas diferenças temporais e variações regionais, ocorreram de forma quase simultânea nas cidades grandes e até mesmo nas pequenas como a Parahyba do Norte. Porém, se as alterações de aspecto modernizador não foram iguais em todas as cidades, a fantasia que a modernidade divulgava pôde ser sonhada, desejada. Sendo importante afirmar que, em alguns momentos, a imagem assumiu uma importância maior do que as próprias transformações materiais que o conceito de modernização previa. (ARAÚJO, 2010, p.20).

Na cidade de Sousa, no início do século, a modernidade passou a ser vista a partir de conquistas materiais e de alguns serviços que representavam naquele momento certo ethos moderno. Na maioria das vezes o poder público municipal era o grande propulsor do progresso, adquirindo para a urbe, de acordo com as devidas condições orçamentárias da época, certos elementos que incentivavam o comércio e até mesmo a vida social da cidade.

Em 1905, o prefeito José Gomes de Sá iluminou Sousa com lampiões a querosene. De acordo com Gadelha (1986, p.136):

Nos pontos principais foram colocados postes, e suportes nas paredes das casas e nas esquinas, onde foram pendurados os famosos lampiões que tinham os seus encarregados, João Cruz e Severino Cruz, acendendo e apagando-os na hora determinada.

⁴⁹ De acordo com Brum a Revolução de 1930, como desaguadouro de quase todos os descontentamentos e estandarte das esperanças inovadoras, embora liderada por políticos tradicionais, de orientação liberal, representou a tentativa de realização de um novo projeto para o país (2010, p.189).

Apenas os espaços centrais da cidade tinham lampiões afixados nos postes, estes eram acesos ao anoitecer tendo hora marcada para serem apagados. A energia a gás, apesar de ter contribuído naquele momento com a modernização da cidade, logo entrou em desuso, passando a representar, anos depois, não mais um símbolo moderno, mas o seu contrário.

Nesse sentido, para além do papel de elemento que garante conforto e bem estar, a iluminação pública pode ser vista como um dos fetiches da vida moderna, um embelezamento estético que “seria na dióptrica cultural e técnica da cidade moderna que a iluminação encarnaria a obsessão do luxo e da transparência.” (ROCHE, 2000, p. 164).

Como vimos, em cada época a modernidade vai ressignificando novos imaginários e, em consequência disso o que outrora era considerado novidade mais tarde tende a ser substituído por algo que corresponda ao imaginário do momento. Foi assim com a iluminação. Se no início do século o querosene garantiu o clarão, mesmo que por tempo determinado das noites citadinas, nos anos 1920 este era considerado uma forma irracional e ultrapassada de gerar energia.

Em Sousa, no ano de 1925 os lampiões a querosene foram substituídos por um sistema de iluminação elétrica a gás através de um motor que gerava a luz. Em 1940 o poder público municipal adquiriu o motor modernizado que gerava a luz e que era ligado às seis horas e desligado às onze e trinta. De qualquer forma a vida noturna na cidade de Sousa ganhou novos ares, quando da realização de festas e bailes a “usina da luz” funcionava até mais tarde, o que demonstra que a luz elétrica é um dos elementos que permitem a sintonia com o moderno não apenas pelo deslumbre e o conforto que proporciona, mas também, porque ela redefiniu as práticas cotidianas, as vivências e a até mesmo a sociabilidade, uma vez que na presença da luz os passeios noturnos eram frequentes e novos hábitos sociais foram desencadeados, hábitos estes que nem sempre estavam de acordo com a tradição e com o que se considerava bons costumes.

Gentil Medeiros Forte em suas crônicas relembrou como era o cotidiano da cidade no tempo do motor da luz. Logo à tardinha o chefe da usina, o senhor Manoel Peba, iniciava o processo de combustão do motor, terminado o processo, o velho Peba ligava as chaves que distribuíam energia elétrica para as ruas.

A cidade então iluminava-se de uma luz fraca, esmaecente. Vez por outra, num ou noutro poste de um subúrbio, as lâmpadas pareciam piscar, como que namorando as mariposas. Era o romance noturno que se iniciava sob a luz do “NATIONAL”, nas praças, no logradouro, nas calçadas. Qualquer

afazer que necessitasse de energia elétrica que aproveitasse, pois aquela dádiva tinha hora certa de chegar e faltar.

Quando faltava uma hora para o motor ser desligado Manuel Peba apertava o alarme da usina na intenção de avisar que faltava pouco para a luz cessar. Ao completar o prazo do aviso, ou seja, as onze e trinta, na usina de luz, a mão de Manoel Peba desligava a chave geral e a cidade tornava-se refém do clarão da lua. Segundo o cronista, quando a luz do motor fenecia, os boêmios seresteiros não deixavam a cidade dormir triste e sozinha e com seus violões a faziam companhia.

Após esse horário, além dos Boêmios, outros notívagos se beneficiavam com o clarão da lua. A zona de meretrício da cidade “clareava” a partir de então. Portanto, segundo as tradições sertanejas, nesse horário eram para as jovens de família estar em casa recolhidas em seus quartos para não correr o risco de serem confundidas com as damas da noite. Vez por outra se ouvia falar em pequenos roubos que se davam quando o motor desligava, sendo mais seguro estar em casa de portas fechadas quando isso acontecesse.

O escuro das onze e trinta também fez surgir nas noites sousenses figuras fantasmagóricas que assustavam as crianças e as mulheres indefesas. Sobre os mistérios das escuras noites sousenses o cronista relatou o seguinte:

Alecrim era essa figura apavorante, o monstro, a “besta fera” que transitava as ruas escuras e desertas, levando o medo e a assombração à população mirim e às mulheres indefesas, da cidadezinha que era Sousa, naqueles tempos. Alecrim saía da escuridão e nas noites soturnas tingidas de breu, pisando macio, espalhava o pavor, batendo aqui e ali, numa e noutra porta e a sua voz grossa, numa frase característica se ouvia: eu sou o alecrim e na casa que não tem homem eu faço o nin. Era assim o alecrim que fazia estranhas e macabras visitas nas noites de escuridão. Não demorava muito, batia, forçava uma porta, metia medo e desaparecia sem deixar rastros (FORTE, 1979, p. 107).

O alecrim nunca teve sua identidade descoberta, se ele de fato existiu, na certa era algum bom conhecedor da cidade que brincava com a mente infantil e com a “fragilidade” feminina potencializando, mesmo que de forma involuntária, a ideia de que o homem protege a casa, ou seja, o alecrim reforçava o tradicionalismo sertanejo enaltecendo a figura do pai de família como sendo o responsável maior pela segurança e o respeito do lar. A iluminação diurna da cidade e dos domicílios que podiam arcar com as despesas de tal empreendimento somente foi uma realidade nos fins dos anos cinquenta como veremos mais adiante.

Fora ainda nos anos iniciais do século XX que as feições urbanas da cidade de Sousa começaram a se modificar. O alargamento de algumas avenidas e também as primeiras ruas calçadas datam desses anos. No tocante ao abastecimento de água, até antes dos anos cinquenta a água vinha das cacimbas que eram abertas nos leitos dos rios, transportadas em jumentos equipados com ancoretas, os carroceiros vendiam o precioso líquido por lata. Quem não tinha condições de comprar a lata de água se dirigia até os leitos dos rios com seus vasilhames e a apanhava levando-a as suas residências.



Imagem do abastecimento de água da cidade de Sousa antes da instalação da Caene.
Fonte: Além do Rio

Somente na década de cinquenta, o poder público instalou a primeira companhia de abastecimento de água da cidade de Sousa. A companhia era chamada Caene, a partir de então as residências começaram a ser saneadas, em alguns locais a prefeitura instalou chafarizes para a distribuição do líquido que não conseguisse chegar às torneiras das residências.

A velocidade pode ser considerada uma das marcas da modernidade. A introdução dos automóveis no cotidiano das cidades do sertão tendia a representar não apenas a chegada do progresso, mas, o fortalecimento do comércio bem como a atribuição de certo poder simbólico a quem o adquiria. O automóvel chegou a Sousa no ano de 1918, “foi um grande acontecimento, a população se acotovelou para olhar a novidade, admirar a coragem e festejar o cumprimento da palavra do Cel. Emídio Sarmiento de Sá”. (GADELHA, 1986, p.131).

Nos dizeres do sertão, “fulano” possuía um carro, portanto, era bem de vida, cotado para a vida pública, em muitos casos era respeitado até mesmo como doutor; geralmente atrelava-se a este possuidor a carga simbólica de não apenas dirigir “a joia da modernidade”, mas, ser anúncio vivo do moderno, quer seja através das roupas que usava, das maneiras de se portar e até mesmo dos produtos que consumia.

Apesar do desejo de serem modernos, poucos tinham reais condições de ascender a essa posição materialmente falando. Daí uma das contradições da vida moderna, ela exclui e conforma a maioria das pessoas. Algumas ruas da cidade foram alargadas para a melhor circulação de alguns automóveis de grande porte que foram chegando a Sousa, principalmente no ano de 1930 quando já se ouvia roncar os primeiros caminhões, tendo em vista que na cidade de Sousa a economia algodoeira era próspera.

O arcaico e o moderno tiveram que conviver um ao lado do outro. Estamos falando da existência em grande número dos carros de boi que não desapareceram das ruas do município, muito pelo contrário, estes também foram “beneficiados” indiretamente com as mudanças que a chegada do automóvel promoveu. Mesmo que as primeiras pavimentações, alargamentos de avenidas, tivessem sido feitas para facilitar a circulação dos automóveis, os proprietários de carroças tenderam a usufruir de cada conquista.



Figura 6: Imagem da Rua Coronel José Vicente sentido centro.
Fonte: Além do Rio.

Acreditamos que a municipalidade tenha observado esse fato e na certa planejou algo para intimidar o grande fluxo de carros de boi pelas “modernas” ruas da cidade. No entanto, que proprietário preferia passar com sua carroça pelas ruas não calçadas, ou pelas avenidas ainda estreitas, ou até mesmo, quem preferiria amarrar seu animal em dias de feira em lugares não muito seguros ao invés de fazê-lo nas árvores cuidadas pelo poder público no centro da cidade?

Queremos dizer com isso que mesmo não tendo sido pensadas para beneficiar o que era considerado arcaico, aqui representado pelos carros de boi, as melhorias que foram sendo desenvolvidas para dar passagem aos automóveis tenderam a beneficiá-los também.

Dessa maneira, Sousa, mesmo aspirando ares de moderna dividia seu espaço com uma cidade que ainda era revestida de usos e práticas associadas ao tradicional, ao arcaico, e o uso das carroças de boi ilustra essa coabitação do novo e do velho em um mesmo espaço.

Podemos, então, entender a modernidade urbana como sendo, dentre outras coisas, o espaço onde coabitam o novo e o velho? Preferimos dizer que sim, mesmo que tal divisão de espaço seja involuntária, com isso, é perfeitamente aplicável àquilo que Michel de Certeau chamou de “O fazer com usos e táticas”.

Segundo Certeau, o homem ordinário, que na maioria das vezes é personagem anônimo da história, constrói um sistema de “antidisciplina” para burlar a ordem de algumas coisas, de alguns usos, que são incompatíveis com sua realidade. Quando certos usos se encaixam nesse sistema de antidisciplina podemos considerá-lo como táticas.

Em oposição às táticas, e funcionando como agente regulador das maneiras de usar certas coisas, existem as estratégias. A pesquisa de Certeau nasceu da observação de como alguns produtos designados para serem usados de certas maneiras eram “consumidos” pelos seus receptores, essa observação pode ser aplicada às formas de usar uma cidade, que nem sempre é um espaço dado à disciplina dos projetos urbanísticos, de usar aquilo que os livros trazem, pois uma vez adquiridos é o leitor que irá atribuir sentido ao dito e ao não dito, enfim, podemos aplicar ainda essas observações até mesmo para entender como a própria noção de cultura vem sendo reelaborada nos últimos tempos.

Ainda no tocante às novidades modernas que Sousa conheceu no início do século XX, o trem pode ser considerado outro símbolo da modernidade ligado à velocidade. No ano de 1926 a estrada de ferro que ligava Sousa ao Ceará foi inaugurada, e com isso houve certa intensificação do comércio local. O bairro da estação passou a ser um ponto de encontro e de negócios e durante muito tempo existiu na cidade somente aquela estrada de ferro. Por onde o trilho do trem passava uma gama de novos horizontes eram vislumbrados, como por exemplo, a valorização das terras cortadas pelos trilhos, uma vez que o trem de ferro transportava gente, mercadoria, notícias e um ethos moderno extremamente forte, até a imprensa se fortaleceu com a chegada do trem, intensificando a velocidade das informações.



Figura 7: Estação Ferroviária da Rede Viação Cearense em dia de festa com o primeiro trem que chega a Sousa inaugurando a Estação na Administração de João Alvino Gomes de Sá, fazendo o percurso com passageiros entre Sousa e Fortaleza Fonte: Além do Rio.

Essa relação do trem de ferro com o desenvolvimento da imprensa, principalmente da imprensa escrita, é tratada no trabalho do professor Gervácio Batista Aranha na obra *A Paraíba no Império e na República*. Segundo ele, “são inúmeros os exemplos acerca das facilidades obtidas com o trem de ferro para fins de divulgação desses materiais impressos, facilidades que vão diminuindo à medida que se distancia da última estação do trem” (2005, p.92).

Em 1952 foi inaugurada na cidade de Sousa a estrada de ferro que ligava a urbe a Mossoró. Naquela altura o trem ainda representava um ethos moderno e que possibilitava dentre outras coisas a sintonia com a modernidade econômica - apesar das estradas e rodagens que estavam se desenvolvendo no Brasil garantirem aos transportes terrestres maior prestígio - sobre esse feito a revista *Letras do Sertão* colocou o seguinte:

Sob o sol impiedoso das duas horas da tarde um punhado de gente, aguardava a chegada do primeiro trem de Mossoró. Todos de vista voltada para o norte estendiam verdadeiros olhos de lince na estrada, que se descortinava longa, interminável... e quando o auto motriz apontou distante, foi em grande polvorosa que ocorreu o povo a abençoar aquele mensageiro do progresso (1951, p.10).

Naquela tarde muitas autoridades do vizinho estado do Rio Grande do Norte estiveram presentes juntamente com autoridades locais e estaduais da cidade de Sousa. A banda de música União Souseense participou da inauguração tocando algumas notas para receber o famoso trem de Mossoró⁵⁰.

⁵⁰ Corre na cidade ainda nos dias de hoje falatórios de que o trem de Mossoró costumava atrasar deixando os passageiros atordoados. Costuma-se associar determinados atrasos ou impontualidades com a famosa expressão: “mais atrasado do que o trem de Mossoró”.

Sousa ligou-se a Mossoró e a revista viu naquilo não apenas um importante salto econômico, tendo em vista as relações comerciais que se dariam com o Rio Grande do Norte a partir de então, mas, também um estreitamento das relações sociais e culturais dos sousenses com os potiguares, mais precisamente com os mossoroenses.

O dia 29 de dezembro de 1951 além de marco sagrado na história econômica da região será um eterno símbolo de intercambio social entre os dois estados e Sousa, sempre fiel à sua tão amistosa e tradicional hospitalidade, receberá sempre de braços abertos e com um sorriso nos lábios os irmãos potiguares e com particular distinção o inteligente e cordial povo de Mossoró (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p.11).

Ainda se referindo as novidades modernas do início do século, foi por volta dos anos vinte que Sousa conheceu o cinema. Segundo Gadelha “um lençol branco era estendido na parede, e a projeção feita para os espectadores, sem som, cada um acompanhando a história a seu bel prazer” (1986, p.30). Naquela altura, não existia um prédio sede onde funcionasse um cinema.

As exibições eram feitas em determinados prédios comerciais ou em espaços alugados e ou emprestados a um cinematógrafo itinerante. As exibições fílmicas se davam a partir de uma máquina manual de propriedade do Senhor José China, lembrando que aquele era o período do cinema mudo.

Naquela altura havia também o cinema ambulante do senhor Francisco Casemiro. Este reproduzia costumeiramente, em especial no período da Semana Santa e de outras datas da Igreja Católica a “Paixão de Cristo”. Essas exibições eram na cidade e nos distritos, na maioria das vezes encomendadas pela Igreja ou por grupos políticos.

No ano de 1925, quando a cidade já era iluminada pela luz elétrica, Eládio de Melo e Tosinho Gadelha empreenderam na cidade o cine Sousa, os filmes eram exibidos a partir de um projetor. Nos dias de exibição a banda União Sousense desfilava nas ruas e à frente alguém portava um cartaz com o nome do filme a ser exibido, o preço e o horário. Aqueles que participariam da exibição levavam suas cadeiras e as traziam de volta sempre que terminavam as sessões.

O cinema em Sousa naquele momento, além de ser usado para a manifestação de filmes de cunho religioso também tinha a finalidade de expor documentários que pudessem aguçar o patriotismo e engrandecer os mitos heroicos brasileiros. Até o final da década de 1930 não fora construída na cidade uma edificação que comportasse a estrutura física de um cinema. Os

espaços usados para expor as películas eram os clubes, o mercado público, o prédio onde se encontrava estabelecida a Sociedade Beneficente Dr. Silva Mariz.

Naquele momento, além do cinema, alguns eventos tradicionais garantiam o lazer e o entretenimento ao povo de Sousa. A festa da padroeira Nossa Senhora dos Remédios, que ainda nos dias de hoje ocorre no mês de setembro, com uma programação religiosa e social que inclui parques de diversões e festa dançante. Manifestações folclóricas como as pastorinhas, o bumba- meu- boi que era feito pelo engraxate Chico - Pé Torto; sem falar dos circos que ali passavam com seus artistas e palhaços onde além de juntar um bom número de pessoas tornavam a cidade de Sousa mais alegre.

Até mesmo espetáculos atípicos como o de uns cossacos russos foi realidade em Sousa nos anos 20 e 30. Eles eram experimentados cavaleiros e subiam nos cavalos em movimento e desfilavam de pé neles, como também desciam dos cavalos quando estes galopavam a toda velocidade. Esses eventos, juntamente com o cinema, movimentavam esporadicamente o cenário cultural e social da cidade.

Somente na década de 1940, já com algumas novidades na área cinematográfica surgiu o ‘Cine Teatro Glória’. O prédio que abrigava o Cine foi construído no ano de 1949, propriamente para as exibições das películas cinematográficas. No ano de 1952, dois anos depois da inauguração do cinema, a Câmara Municipal de Sousa aprovou um requerimento da prefeitura municipal que pretendia isentar do pagamento de impostos prediais pelo período de um ano o proprietário do citado cinema. As alegações feitas para a aprovação do requerimento diziam respeito à importância dos benefícios culturais que o mesmo trouxe para a cidade.

Em 1958, Zabito Gadelha empreendeu no mesmo edifício onde funcionara o ‘Cine Glória’ o chamado ‘Cine Moderno’. Para fazer jus ao nome o espaço apresentava melhor comodidade e conforto protagonizando um período de grande repercussão da sétima arte na cidade de Sousa.



Figura 8: O prédio do Cine Moderno, antigo Cine Glória e Pax, na Rua Deocleciano Pires, o prédio foi construído em 1949 e contava com 200 cadeiras.

Fonte: Além do rio

Durante as décadas de 1950 e 1960 quando as programações de cinema já eram mais intensas, atraindo mais público, aumentou a interferência da igreja nas exibições das películas cinematográficas. A diocese de Cajazeiras controlava o teor das exibições no intuito de “preservar a integridade moral da família paraibana”. O bispo da diocese D. Zacarias Rolim de Moura, convidou Deusdedit Leitão, entusiasta maior da revista *Letras do Sertão*⁵¹, para ser coordenador em Sousa do projeto ‘vigilante cura’ que tinha por objetivo uma melhor formação cristã através da poderosa influência do cinema junto à juventude.

O cinema passou a representar no cotidiano das cidades não apenas a sétima arte, mas também, o espaço de uma nova sociabilidade que representaria a vida moderna⁵². Bem mais do que assistir ao filme, ir ao cinema representava uma oportunidade de sair e conhecer produtos, gente e hábitos cada vez mais inovadores.

Não podemos deixar de dizer que os filmes ajudavam a divulgar produtos, modelos de roupas e de cortes de cabelos, enfim, uma série de novos hábitos que faziam parte do cotidiano da vida dita moderna, daí a preocupação da igreja com os bons hábitos do povo, principalmente da juventude.

Notamos com isso, que no início do século, Sousa, assim como outras cidades do estado da Paraíba, como a capital João Pessoa, Campina Grande, Patos, Pombal e Cajazeiras se

⁵¹ Isso demonstra o prestígio e o respeito que a revista gozava na cidade.

⁵² Na década de 70 novos espaços de sociabilidade e lazer foram criados na cidade de Sousa tomando o lugar de outros que outrora serviram para tornar a cidade mais alegre⁵². Como exemplo, podemos citar a construção do Cine Teatro Gadelha em 1971, que além de estar modernamente instalado, inovou nas programações quando nas tardes de domingo realizava o programa de auditório Domingo Alegre.

revestiu do moderno através da aquisição de elementos que representam a modernidade. Mesmo ainda sendo comum atrelar essas novidades com a modernidade, digamos que a partir dos anos 1930 elas passaram a representar bem mais uma questão de necessidade ligada à lógica capitalista⁵³ do que um espetáculo para os olhos, tendo em vista que as inovações tecnológicas se aperfeiçoavam a cada dia.

Assim sendo, justifica-se aquilo que colocamos anteriormente de que cada época elabora seu imaginário dando assim sentido ao real. Desde os anos 30 que o Brasil experimentava mudanças significativas em sua conjuntura econômica no intuito de superar o seu atraso histórico. Dessa forma, “tentaram implementar um projeto de industrialização do país, com o objetivo de retirá-lo do atraso e impulsioná-lo rumo ao progresso e à construção de sua grandeza” (BRUM: 2010, p. 191).

Percebemos que a industrialização era tida como chave para o desenvolvimento. Naquela altura o Brasil já andava na marcha da urbanização realizando conquistas materiais importantes para o meio urbano, visando também certo crescimento econômico. O projeto de industrialização do Brasil nos anos 1930 era fruto da crise mundial desencadeada pela queda da bolsa de valores em 1929. O capitalismo pedia socorro, o mundo estava assistindo o desenrolar da Revolução Russa que tendeu a por na mesa as cartas do socialismo revolucionário.

O Keynesianismo parecia ter a receita para salvar o capitalismo. Tal doutrina pregava o fim dos princípios do liberalismo econômico atribuindo ao estado um novo papel: interventor direto da/na economia. A proposta do economista inglês John Keynes incentivou o *New Deal* nos Estados Unidos dentre outras políticas intervencionistas em diversos países, dentre eles o Brasil. “Assim, entre o liberalismo econômico (capitalismo puro) do passado e o socialismo/comunismo revolucionário, começaram-se a se construir variações de capitalismo reformado, próximas da social democracia”. (BRUM, 2010, p. 192).

A partir de 1930, mesmo com todas as contradições da Revolução, abriu-se uma nova página na vida brasileira. Como nas demais nações que aderiram ao modelo de estado interventor, o Brasil tentou promover o equilíbrio social, garantindo pleno emprego, legando direitos aos trabalhadores ao mesmo tempo em que fortalecia o capitalismo.

⁵³ A partir de tal lógica, cidade progressista é aquela que conta com um aparato material, econômico e cultural forte o suficiente para atrair novos investimentos. Nesse caso, não bastava possuir os elementos do progresso apenas para encantar e tornar a cidade mais bonita de se ver, seria necessário usar cada conquista como requisito de atração de novas estratégias de crescimento.

Vargas tratou de implementar à sua política de industrialização um projeto populista que incluía a ideia de promoção do desenvolvimento autônomo do Brasil com base na empresa nacional. Esse projeto ficou conhecido como o nacionalismo varguista, dessa forma, o Brasil tentava superar seu atraso apostando na indústria nacional como carro chefe do progresso.

O discurso da era Vargas no tocante a urbanização apontava para a necessidade de oferecer conforto para seus habitantes, investindo nos símbolos do progresso que não tardavam a chegar às cidades.

Já vimos que desde o início do século alguns elementos do progresso vinha fazendo parte do cotidiano da cidade de Sousa a conferindo certo ethos moderno. Outros elementos e serviços foram empreendidos nas décadas seguintes de acordo com as devidas condições orçamentárias da época.

A atividade industrial na cidade de Sousa nos anos 30 estava ligada ao algodão e a pequenas fábricas caseiras ligadas principalmente a agricultura. No intuito de fortalecer tal atividade, uma casa de crédito foi instalada na cidade.

A caixa rural de Sousa foi à primeira casa de crédito da cidade. Ela foi criada para “fazer correr juros sobre o capital do agricultor e emprestar-lhe dinheiro , quando fosse preciso, evitando o grande prejuízo de vender o algodão na folha” (GADELHA,1988,P.151).No mesmo ano que foi criada a caixa rural, 1930, criou-se também a Sociedade Beneficente Dr. Silva Mariz.

Segundo Gadelha(1988) a finalidade principal daquela sociedade era trabalhar pela união, pelo prestígio e pela propriedade da classe operária sousense. Já o comércio local era agitado pela presença de comerciantes de outras regiões que vinham vender seus produtos principalmente em dias de feira. Sousa contava na época com um bom número de pousadas, de mercearias, farmácias, movelarias, casas de moda, ou seja, lojas que vendiam roupas prontas para homens, mulheres e crianças inspiradas nos grandes centros urbanos do país.

O mercado central da cidade também contava com um número satisfatório de lojas para atender aos sousenses. As lojas mais procuradas no interior do mercado central eram aquelas que vendiam roupas e acessórios para batizados, casamentos e outras festas.

Mesmo contando com casas comerciais que vendiam roupas e acessórios vindos do sul do país, eram comuns as encomendas de roupas em costura fina nas alfaiatarias da cidade. Em quase todos os bairros existiam costureiras e alfaiates que na impossibilidade de montar suas lojas de costura no centro da cidade, recebiam sua clientela em seus domicílios.

A Rua Coronel José Vicente, no centro da cidade, comportava o maior número de casas comerciais daí ela ser considerada na época de ‘o coração da cidade’. Todos aqueles que tinham condições reais e queriam ver seus negócios prosperarem alugavam ou compravam “pontos” naquela rua.

Sousa também contava com um posto de atendimento médico para atender a população. Muitos médicos e enfermeiros faziam atendimentos domésticos principalmente à parcela mais abastada dos sousenses.

Quanto às indústrias de beneficiamento de algodão, podemos dizer que estas ajudaram a fortalecer o patrimônio econômico de Sousa durante muitas décadas. Antes dos melhoramentos energéticos e tecnológicos o esforço humano era necessário nas usinas, sendo, portanto, uma atividade que gerava emprego na cidade.

O senhor Júlio Melo implantou a primeira indústria de algodão em Sousa . Ele era proprietário do chamado “vapor” que funcionava de forma precária devido às técnicas rudimentares que aquela altura- fim do século XIX- eram predominantes.

Em 1924 chegou a Sousa a usina Santa Tereza. Tal usina já apresentava aspectos e técnicas de produção mais avançados. Com a desativação da usina em 1929, sua sede serviu de base para o Batalhão de Comando de Fortaleza, sediado em Sousa, nas agitações de 1930.

Mais tarde a usina Santa Tereza voltou a funcionar e ficou conhecida como a usina de Docil. Nos anos trinta, o antigo vapor de Júlio Melo o qual nos referimos acima, foi adquirido por André Gadelha e este montou uma usina bem mais aperfeiçoada . Nesse momento, o desenvolvimento da indústria algodoeira em Sousa e região apresentou um considerável crescimento.

Em 1936 devido ao aumento na produção e no comércio do algodão foi inaugurada na cidade uma agência da SANBRA(Sociedade Algodoeira do Nordeste). A Sanbra era uma firma especializada em produtos como o agave, óleo e artigos comestíveis, além de trabalhar com o próprio algodão.

A SANBRA foi instalada em quase todo Nordeste numa espécie de rede industrial. A maior da rede distribuída era a de Campina Grande, devido à importância econômica que a cidade desempenhava. No interior do Estado, somente Sousa abrigou uma filial da empresa.

Evidentemente que ao instalar-se em Sousa, a SANBRA passou a representar um marco na vida econômica da cidade. A empresa gerava empregos diretos e indiretos, investindo na comercialização do algodão, na fabricação de óleo de caroço de algodão e também de alimento para o gado.

De acordo com as análises que fizemos, Sousa pode ser considerada uma das cidades que acompanhou a realidade da nação durante a Era Vargas. Ela se enquadrava no circuito das cidades que se desenvolviam naquele momento pelo fato de já contar com certos equipamentos modernos e pela agitação comercial e industrial que foi permitindo certo crescimento econômico para a cidade, elevando o nome da urbe nos quadros da economia do Estado.

A maior parte das atividades industriais do país foi desenvolvida em grandes centros urbanos como São Paulo. O capital proveniente da atividade cafeeira tendeu a fortalecer a industrialização, que no caso do Brasil nasceu tarde, porém já nasceu rica. Em busca de melhores condições de trabalho e de vida muitos sousenses migraram para o Sul do país nas décadas de 1930 e 1940 demonstrando que apesar de ter desenvolvido serviços condizentes com a nova realidade da Nação havia quem não desfrutava diretamente dos frutos dessa nova realidade.

Notamos que a partir da década de 1930, mas precisamente durante a ditadura varguista, quando o cargo de prefeito foi extinto⁵⁴, pouca foi a intervenção do poder municipal para o desenvolvimento da cidade. A maior parte daquilo que fora empreendido em Sousa naquele momento veio da iniciativa privada, o poder público oferecia apenas algumas vantagens para que a cidade prosperasse em seus negócios, como exemplo podemos citar a isenção de impostos prediais para comerciantes e empresários que por ventura empreendessem negócios relevantes para a cidade.

Acreditamos que o pouco investimento em infraestrutura por parte do poder público sousense de 1930 até a primeira metade dos anos 1950 motivou a equipe da revista Letras do Sertão reivindicar uma melhor aparência para a cidade, uma vez que na ausência de alguns melhoramentos infraestruturais a cidade não atrairia novos empreendimentos.

O leitor perceberá no próximo tópico como a cidade atravessou o fim da Era Vargas e tentou se inserir a posteriori em outra realidade histórica, desta feita protagonizada pelo desenvolvimentismo juscelinista. A partir da década de 1950 o cenário urbano sousense se modificou e novas conquistas foram implementadas contribuindo para colocar Sousa em uma posição de destaque na vida econômica do estado.

⁵⁴ Ao invés dos prefeitos quem “gerenciava” as cidades eram interventores nomeados pelo governo.

3.3 A cidade de Sousa no contexto do Projeto Nacional Desenvolvimentista

No início da década de 1950 a onda nacionalista ainda era apontada como sendo a receita para a superação do subdesenvolvimento brasileiro. Nesse ponto, o projeto do nacionalismo varguista tendia a restringir o capital estrangeiro apostando na indústria nacional. Por outro lado, ao assumir a presidência da república Juscelino Kubitschek de Oliveira desenvolveu uma postura distinta quanto ao nacionalismo. “Além de ampliar a atividade do Estado na área econômica, assumiu uma posição francamente favorável à entrada de capitais estrangeiros, concedendo-lhes estímulos e facilidade”. (BRUM, 2010, p. 232).

A essa nova postura assumida no governo JK deu-se o nome de *NACIONAL DESENVOLVIMENTISMO*. Dessa forma, a união do estado com a empresa privada nacional e o capital estrangeiro seria responsável pela promoção do desenvolvimento do país com ênfase na industrialização.

O presidente elaborou um plano de metas no sentido de fazer o Brasil crescer “50 anos em 5”, porém, esse crescimento estava concentrado no centro sul, fato que acelerou as desigualdades regionais e o Nordeste evidenciava tal desigualdade de forma palpável.

No tocante às cidades, nos anos JK, estas mais que nunca exerceram hegemonia sobre o campo, fator que se explica principalmente pelo fortalecimento do capitalismo. De acordo com Octavio Ianni:

De fato, nesses anos a “cultura da cidade”, enquanto sistema de valores, padrões de comportamento e modos de pensar peculiares às relações de produção geradas com a produção industrial e a expansão do setor terciário, passou a exercer uma influência ainda maior nos debates políticos, científicos e artísticos realizados nos centros dominantes do país. A partir dessa época, já não era mais possível reviver – a não ser como anacronismo – a ideologia da “vocação agrária” do Brasil. A indústria, como categoria econômica, política e cultural passara a dominar o pensamento e a atividade dos governantes, e das classes sociais dos centros urbanos grandes e médios (1991, p. 177).

Antes de falarmos nas desigualdades regionais que a política de JK intensificou,   necessário dizer que, mesmo o Nordeste sendo atingido por tal disparidade, algumas cidades da região se destacavam no cenário econômico industrial. Na Paraíba, a cidade de Campina Grande representava “um dos Oasis no deserto do subdesenvolvimento”.

Em sua tese de doutoramento Damião de Lima comprova a hipótese de que a cidade de Campina Grande já adentra os anos 1950 preparada para refletir as políticas desenvolvimentistas do governo federal tão logo elas chegassem ao Nordeste. Segundo o

autor, Campina Grande se destacava como centro industrial em ascensão superando até mesmo a capital do estado tanto em números de estabelecimentos industriais quanto em números de operários.

A região Nordeste não se beneficiou rapidamente do crescimento acelerado no país⁵⁵. Mas mesmo assim, até onde os efeitos desse crescimento eram mínimos houve empolgação e euforia. Em Campina Grande, por exemplo, “o setor empresarial da cidade organiza-se e busca novos aliados com o objetivo de pressionar as autoridades federais para que fossem propostas mudanças na forma e no conteúdo da intervenção estatal na região”. (LIMA, 2004 p. 52).

São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais representavam o crescimento acelerado que o país vivia. Enquanto isso, as demais regiões do país “caminhavam” de forma lenta quanto ao desenvolvimento econômico. O Nordeste entrou na briga por um lugar ao sol na ordem desenvolvimentista.

A cidade de Campina Grande no ano de 1956 sediou o I Encontro dos Bispos do Nordeste. O objetivo principal desse encontro era buscar soluções para modificar os índices de atraso econômico, político e social da região e assim, tentar diminuir as disparidades entre essa região e o Centro Sul do país.

Desta feita, a região Nordeste estava disposta a adentrar nas fronteiras do desenvolvimentismo e para isso seus municípios exerceriam papéis importantes. No caso da cidade de Sousa, alguns frutos dessas primeiras investidas rumo ao desenvolvimentismo não tardaram muito a chegar, alguns desses frutos foram indispensáveis para fortalecer a atividade industrial do município.

Mesmo tendo acompanhado o ritmo modernizante do início do século XX respondendo bem aos reflexos do Nacionalismo Varguista Sousa chegou aos anos 1950 carente em muitos aspectos infra estruturais, tendo em vista a realidade do país ser bem diferente. A revista *Letras do Sertão* mostra isso, quando, em alguns de seus artigos já analisados por nós, aponta algumas necessidades que a cidade tinha como é o caso de um melhor sistema de energia elétrica, pavimentação de ruas, lugares de lazer, etc.

Acreditamos que tais reivindicações foram frutos de um presente ressignificado, ou seja, ao fazerem tais reivindicações os editores da revista baseavam seus reclames no novo momento histórico que o país e o mundo viviam: a realidade pós Segunda Guerra Mundial.

⁵⁵ Os reflexos do crescimento acelerado só podiam ser vistos em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, o que tornava a desigualdade regional ainda mais intensa.

Com o tempo, algumas conquistas foram refletindo na cidade a realidade desenvolvimentista da nação, protagonizada pelos anos do governo JK mesmo que de forma ainda incipiente. Um exemplo disso fora à instalação de uma filial do Banco Industrial de Campina Grande na cidade de Sousa no ano de 1956. Vejamos como *Letras do Sertão* abordou esse feito.

Ninguém pode calcular a importância de uma filial de banco tal como sucedeu no mês de julho nesta cidade com a inauguração do Banco Industrial de Campina Grande S/A. Este grande melhoramento vem abrir as portas do nosso comércio e minguada indústria, convidando-os a um maior movimento operatório bem assim possibilitar um futuro próspero e risonho na vida do nosso município (LETRAS DO SERTÃO, 1957, p.11).

O banco campinense fazia parte da estratégia desenvolvimentista da “Rainha da Borborema”, que como vimos, pleiteou como pauta do dia a inserção da região Nordeste nos caminhos traçados pela política juscelinista. O fato de Sousa ter sido escolhida para sediar o Banco se deve a importância econômica da cidade no cenário estadual e que naquele momento precisava ser revigorada.

Antes da instalação da agência bancária campinense, Sousa contava com um escritório do Banco do Nordeste. O escritório⁵⁶ foi inaugurado em 1955 e procurava atender principalmente os agricultores rurais, mas, devido a pequena extensão dos trabalhos daquele escritório, o banco campinense possuía meios mais viáveis para movimentar o cenário econômico da cidade. Nesse caso, a revista aponta que a instalação do banco movimentaria a vida comercial da cidade, que contava com os mesmos estabelecimentos comerciais de décadas anteriores e estes sem muita expectativa de crescimento, sem falar da atividade industrial, que apesar de ser próspera no setor algodoeiro, não possuía tanta força como antes, até mesmo a SANBRA já não contava com a mesma força de antes.

Nas cidades do sertão, como a rede empresarial não era tão forte quanto a de Campina Grande, as políticas desenvolvimentistas teriam que chegar com os esforços do poder público. Em Sousa a administração do prefeito Felinto da Costa Gadelha, 1955-1959, foi quem melhor refletiu os interesses de crescimento da cidade.

Coincidindo com os anos JK, o governo de Tosinho, como era conhecido o administrador, tentou enquadrar Sousa na euforia do crescimento acelerado. Em sua 18ª

⁵⁶ Anos depois tal escritório foi transformado em Agência Bancária, o que demonstra que Sousa apresentava sinais de pujança econômica.

edição, a revista *Letras do Sertão* trouxe o perfil da administração do então prefeito mostrando como o governo dele contribuiu para o progresso local.

A revista chama atenção para obras de saneamento básico, pavimentação de ruas e também mostra imagens do serviço de eletrificação da cidade com a instalação de postes de concreto. Outra obra importante que a revista destaca é a construção da maternidade Lidia Meira e do açude de Pereiros, comunidade rural do município, representando àquela altura uma obra importante principalmente em tempos de seca.

Nos distritos da cidade, a administração operou no sentido de levar o abastecimento de água. Nazarezinho, Santa Cruz e a vila Vieirópolis foram contempladas pela conquista na administração do então prefeito. A construção de praças públicas, do açougue público municipal, a ampliação da biblioteca Humberto de Campos dentre outras ações foram saudadas pela redação da revista como parte integrante do desenvolvimento que a cidade assistia.

Tudo que se empreendia na cidade fazia parte da política nacional do governo de Juscelino que passou a desenvolver políticas voltadas para o desenvolvimento da região Nordeste, criando inclusive órgãos como a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) em 1959. Pelo que já vimos até aqui, notamos que a opção de Sousa a partir da administração municipal do prefeito Tosinho Gadelha, no contexto desenvolvimentista foi por investir em infraestrutura e os frutos dessa opção não demorou muito a aparecer tendo em vista as novas feições comerciais e industriais que a cidade ganhou.

Vejamos como a revista *Letras do Sertão* estava enxergando o momento que a cidade experimentava: “As cidades do interior, graças ao aumento do sistema de transportes rodoviário, ferroviário e aeroviário, vão se desenvolvendo a olhos vistos, dando a impressão que o seu dinamismo é obra de uma força propulsora sem o concurso humano”. (LETRAS DO SERTÃO, 1959, p.17).

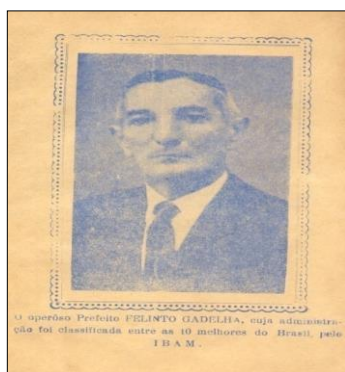


Figura 11: Fotografia do prefeito Felinto Gadelha. Fonte: Letras do Sertão.

A revista falava da operosidade administrativa do prefeito, reconhecendo que as cidades do interior estariam respondendo bem à política nacional de desenvolvimento. Na década de 50, principalmente nos anos do governo JK, houve aumento do êxodo rural, as cidades mais que nunca subjugavam o campo, já que a expectativa de trabalho via indústria se concentrava no espaço urbano e o poder público continuava sendo o principal agente do desenvolvimento, principalmente nas cidades do interior onde a classe empresarial ainda era pequena.

Dentre todas as conquistas que a administração promoveu, a que mais marcou a cidade sorriso fora, segundo *Letras do Sertão*, a inauguração da luz pública. Aquela obra representava a força que faltava para a cidade de Sousa aumentar seu potencial econômico, tanto no comércio quanto na indústria.

O dia 29 de setembro do corrente ano ficará lembrado na alma sousense como uma data marcante e triunfal na vida de seus habitantes. Há muito que a população vinha carecida de uma iluminação que bastasse a cidade, as suas residências, as suas fábricas enfim os clubes e teatros, tudo que dá vida e alegria ao espírito.

Com a luz pública de que dispõe agora a cidade, esta vem de oferecer as maiores possibilidades de progresso e, de certo, a indústria tomará grande impulso. A cidade tomou outra feição moderna e tudo indica que o seu futuro será de prosperidade graças a esse imenso melhoramento público empreendido pela atual administração municipal (LETRAS DO SERTÃO, 1959, p. 21).

O senhor prefeito municipal se despedia do governo deixando para a municipalidade aquela obra que era fruto do plano de metas do então presidente que destinou nesse intuito 43, 4%⁵⁷ do tesouro nacional para investir em energia. A obra foi fruto de uma parceria entre governo municipal, estadual e federal, tendo o município arcado com os recursos para a execução da obra, solicitando do poder público estadual, quando estava no governo o senhor Pedro Gondin, a posteação e do governo federal a energia elétrica gerada por Coremas.

A euforia progressista invadia a cidade de Sousa. A administração de Tosinho ganhou um diploma do IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal) conforme avaliação feita, como sendo uma das 10 gestões mais progressistas do país. Logo, a cidade de Sousa seria um dos municípios que estaria respondendo as estratégias de desenvolvimento da região Nordeste. *Letras do Sertão* não deixou passar despercebido tal fato.

⁵⁷ Ver nos anexos dessa dissertação a informação na íntegra veiculada pela Revista *Letras do Sertão* e que explica melhor esse percentual.

Como “instrumento a serviço do progresso de Sousa” a revista registrou da seguinte forma a avaliação do instituto.

Letras do Sertão em sua tarefa de publicidade e divulgação foge de qualquer preconceito político, para em traços largos focalizar o fato de um governo municipal que chega ao seu fim trazendo relevante bagagem de benefícios, todos de natureza pública, a ponto de competir e alcançar entre outros municípios do país um lugar de distinção, que muito honra ao seu povo e parabeniza ao seu operoso administrador (LETRAS DO SERTÃO, 1959, p.29).

Esse lugar de distinção que é mencionado no artigo citado diz respeito à posição da administração local na pesquisa do IBAM. Desta feita, aquilo que os editores da revista pleitearam desde o início de sua vida editorial no intuito de dotar a cidade de ares de modernidade, a partir de novas conquistas materiais concernentes com a época, ao que parece pouco a pouco fora se concretizando e o governo do prefeito Tosinho Gadelha caiu nas graças do corpo editorial do magazine por realizar alguns dos benefícios principais que a cidade necessitava na visão daqueles homens de letras.

Dessa forma, a questão da cultura política tangencia perfeitamente essa postura dos editores da revista com relação à administração municipal da cidade de Sousa, comandada àquela altura pelo senhor Tosinho Gadelha. Ao posicionarem-se acerca da operosidade administrativa do prefeito, os que compunham a revista estabeleceram relações e representações forjadas no contato entre o poder político e os diferentes grupos sociais. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes; o termo cultura política pode ser entendido como:

um sistema de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que determinado grupo (cujo também pode variar) atribui a uma dada realidade social em determinado momento do tempo (2005, p. 31).

Podemos dizer ainda, que os editores da revista, apoderando-se do poder da imprensa e até mesmo do poder simbólico que eles gozavam junto à parcela leitora da cidade, acabaram por apropriarem-se do conjunto simbólico que integra os valores culturais e indenitários de uma sociedade a fim de forjarem para eles uma correspondência com tais grupos, estabelecendo uma série de práticas de poder, de falas, de atitudes que pretenderam “cristalizar” a imagem de um determinado sujeito, no caso o prefeito, perante a sociedade,

para que o “povo”, sentisse-se atraído e identificasse-se com a “autoridade” que os representava, consolidando assim a cultura política local, elevando o nome da família Gadelha como sendo ícones do progresso da cidade.

Lembramos que o projeto de cidade moderna que na nossa visão fora elaborado pela revista é fruto das paixões políticas e também das visões de mundo de seus idealizadores, logo, uma vez coincidindo com a proposta do prefeito para o desenvolvimento da cidade, a cidade ideal implicitamente desenhada nas páginas de *Letras do Sertão* estaria a cada dia mais perto de se tornar real.

De 1959 a 1965 a SAELPA⁵⁸ eletrificou cerca de 50 municípios do interior do estado. Era fundamental para os planos de industrialização do estado e também para a modernização e dinamização da agricultura local a disponibilidade de energia elétrica. Já que Sousa melhorou seu potencial energético algumas casas comerciais já existentes ampliaram suas instalações e outras chegaram à cidade⁵⁹. As velhas geladeiras a gás foram substituídas; aparelhos elétricos em geral passaram a ser vendidos em Sousa, o que transmitia um ar de modernidade a casa daqueles que adquiriam os novos produtos.

A própria revista *Letras do Sertão*, na década de 1960, quando já era possível visualizar os reflexos dos investimentos feitos pelo poder público souse em infraestrutura, divulgou-se em forma de propagandas o novo cenário comercial e industrial de Sousa.

Relojoaria Sousa
F.A.SOUSA & CIA
Joias, relógios, canetas, peças e acessórios. Montagem de lentes para
óculos, prataria e artigos para presente.
Qualidade- garantia- facilidade
Estamos situados na Rua Cel. José Vicente, 42, fone 245, endereço
teleg. Fassousa.
Sousa Paraíba (LETRAS DO SERTÃO: 1962, p.02).

A propaganda fazia menção a uma relojoaria que fora empreendida na cidade no ano de 1960. Notamos que a Rua Coronel José Vicente começava a dividir espaço com outras artérias da cidade, como é o caso da Rua Coronel José Vicente, no bairro da estação. Além disso, notamos que o estabelecimento possuía linha telefônica e telegráfica para facilitar as transações comerciais.

⁵⁸ A sigla quer dizer Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba.

⁵⁹ A terceira fase da revista *Letras do Sertão* trás propagandas de alguns estabelecimentos comerciais que se empreenderam na cidade, sempre chamando atenção para a ideia do moderno.

O telefone chegou a Sousa no ano de 1959 junto com a energia elétrica. A empresa responsável pela montagem e instalação dos aparelhos e das linhas era a Siemens do Brasil. A grande maioria dos estabelecimentos comerciais de Sousa possuía telefone e procuravam divulgar tanto na imprensa souseense quanto na estadual seus serviços e produtos.

Vejamos outra propaganda veiculada na revista Letras do Sertão acerca dos novos estabelecimentos comerciais que foram empreendidos em Sousa.

Sinval Gonçalves Ribeiro
Estivas e cereais em grosso
Representante Exclusivo das Usinas Açucareriras: Olho D'Água-
Tanques- Santa Maria. E da Cooperativa dos usineiros de Pernambuco.
Depósitos às Ruas: Gualberto Filho, 3. Fone, 562
Av. Iracema, 7/9 (Estação). Fone, 503.
Sousa Paraíba (Letras do Sertão: 1962, p.03.).

Pelo que foi divulgado, a cidade de Sousa já possuía estabelecimentos que representavam grandes nomes do comércio e da indústria no país. O armazém de Sinval, como era conhecido o estabelecimento, possuía duas unidades, uma no centro e outra no bairro da estação, ou seja, em dois pontos estratégicos da cidade, onde o fluxo de pessoas era considerável.

A cidade de Sousa já contava também com um posto de gasolina representante da Texaco, com lojas de tecidos e de sapatos de famosas marcas do país, com barbearias e perfumarias que exibiam nas prateleiras grandes marcas, com distribuidoras de gás de cozinha representantes da Pibigás, bancas de revistas, dentre outras lojas que fortalecia a rede comercial da cidade.

A rua Dr. Silva Mariz, a famosa Rua da Ponte, passou a ser referência devido o número de armazéns que possuía. Era comum a presença diária de grandes caminhões a carregar e descarregar produtos dos mais diversos nos estabelecimentos comerciais ali existentes. Devido à importância comercial que aquela artéria foi adquirindo, a infraestrutura das avenidas que davam acesso a ela foi melhorada. Como exemplo, podemos citar a construção da ponte do Rio do Peixe na década de 1960, obra que canalizava as águas do rio facilitando o tráfego de pessoas e veículos já que antes isso só era possível através de canoas.

Além da maternidade Lídia Meira, no tocante a saúde foi empreendida em Sousa a Casa de Saúde Nossa Senhora dos Remédios. Sob a direção dos médicos Sinval Mendes, Clarence Pires, Orlando Xavier e Sales Pinto a Casa de Saúde oferecia serviços de Clínica médica,

cirurgias, partos, doenças de senhoras e raios-X. Tal empreendimento tendeu a diminuir a dependência que Sousa tinha da capital e de outras cidades para a realização de procedimentos médicos como os que eram oferecidos na Casa de Saúde.

A atividade comercial em Sousa tornou-se cada vez mais pungente. A rede empresarial da cidade chegou a indicar e ver eleito em anos posteriores um representante, trata-se de Sinval Gonçalves, cujos estabelecimentos já citamos anteriormente.

A atividade algodoeira em Sousa que já era fortalecida passou a engendrar ainda mais a economia, já que houve maior investimento em novas tecnologias. Desde 1956 que a usina Luís Oliveira e Filhos investiam na atividade algodoeira na cidade de Sousa, comercializando com Campina Grande e Mossoró, depois o grupo Gadelha montou sua indústria de beneficiamento comercializando com vários estados da federação e contribuindo com o sucesso de tal atividade na cidade de Sousa.

Os anos 1960 e 1970 marcam na história econômica da cidade de Sousa um momento de grande crescimento, tendo a cidade papel de destaque no estado e sendo responsável pelo terceiro lugar em arrecadação⁶⁰. A atividade algodoeira gerou a criação de outras fábricas na cidade, pequenas fábricas de malhas, de alimento para gado, dentre outras, sem falar de outros pequenos negócios que a cidade via crescer.

Um exemplo do que citamos acima foi o empreendimento das Malhas Gao, que pertencia ao grupo Oliveira, da indústria de produção e de distribuição das tortas de algodão para gado, pertencentes ao mesmo grupo. Os negócios do grupo Oliveira com o algodão durou bastante tempo.



⁶⁰ Retiramos essa informação tanto da obra de Julieta Pordeus Gadelha, que segundo ela, esses números haviam sido divulgados no censo econômico da década de 1970 como dos discursos políticos de agentes do poder que até os dias de hoje relembram tal posição que se difere da realidade econômica atual. Vale ressaltar que foi justamente na década mencionada que Sousa ganhou a Faculdade de Ciências Jurídicas sediada em um prédio cedido pela prefeitura municipal.

A Rua Padre Isidro de Sá, conhecida por Rua da usina, teve uma sociabilidade formada a partir da atividade algodoeira desenvolvida ali. Boa parte dos moradores da rua eram trabalhadores da usina, moravam em casas pertencentes ao grupo Oliveira e desenvolveram grande dependência política para com o grupo. Na rua, desenvolveram-se bares, restaurantes, lojas de roupa, festas folclóricas como o Arraial Luiz de Oliveira, em torno da importância econômica e cultural da usina para aquele setor, sem falar que foi uma das ruas beneficiadas com pavimentação asfáltica.

O crescimento da cidade de Sousa também se refletiu no incentivo a construção civil. As atas da câmara municipal de Sousa nos anos de 1960 trazem a informação de que o poder público municipal estaria isentando de impostos prediais por um ano aqueles que por ventura tivessem interesse de investir na construção civil⁶¹ em Sousa.

O crescimento da urbe também está relacionado à sua vida política. Geralmente, os grupos que assumiam o poder na cidade eram os mesmos que empreendiam e movimentavam o seu cenário econômico, sendo comum atrelar economia e política.

Com a criação da SUDENE os governos locais passaram a focalizar ainda mais a questão da industrialização como elemento propulsor do desenvolvimento econômico. Sousa despontava como um dos principais centros urbanos do interior do estado da Paraíba. Segundo o Censo Industrial da Paraíba do ano de 1960, Sousa era a segunda cidade do sertão em termos de atividade industrial, se destacando no número de estabelecimentos de produtos alimentares⁶² o que demonstra o forte papel da agricultura e do algodão para o desenvolvimento de Sousa.

Assim, percebemos, a partir das representações que a revista *Letras do Sertão* construiu sobre a cidade de Sousa no período correspondente ao desenvolvimentismo juscelinista, que as políticas desenvolvimentistas do governo federal deram seus frutos no interior do estado da Paraíba. Para a elite letrada que compunha o corpo editorial do magazine a cidade de Sousa estaria pronta para crescer junto com o Brasil, uma vez que realizou importantes conquistas que tenderam a fortalecer o comércio, a indústria e até mesmo a agricultura irrigada na cidade.

Como os ideais modernos da elite letrada que compunha *Letras do Sertão* de certa forma foram sendo concretizados em tal período, outras representações foram construídas sobre Sousa, desta feita, a cidade passou a ser representada não mais como cidade do futuro,

⁶¹ Dentre esses investimentos da iniciativa privada no tocante a construção civil pode ser exemplificado a partir da construção do luxuoso Gadelha Palace Hotel, do Cine Gadelha, de residências pomposas etc.

⁶² Ver tabelas nos anexos

mas, como cidade do presente, ou seja, Sousa era um dos municípios do Brasil que respondeu bem às expectativas desenvolvimentistas da nação.

Considerações finais

Nas últimas décadas do século XX a história atravessou profundas mudanças epistemológicas e metodológicas que tenderam a ampliar o ofício do historiador. A partir de então o estudo sobre cidades passou a contemplar aspectos do urbano nunca explorado antes, o que fez com que a história do urbano, tangenciasse temas dos mais diversos, dentre eles podemos citar o da modernidade urbana.

Ao escolher trabalhar com a modernidade urbana o historiador tem em suas mãos um amplo leque de possibilidades. A História Cultural, por exemplo, tem privilegiado os estudos das representações do urbano, o que permite não apenas estudar certos aspectos das cidades, mas, como tais aspectos foram vistos e representados pelo corpo social que “consome” a cidade.

Foi seguindo as trilhas abertas por tais mudanças epistemológicas que tratamos nesta dissertação da modernidade urbana tendo como objeto de estudo as representações que a *Revista Letras do Sertão* construiu sobre a cidade de Sousa em suas duas primeiras fases, nos anos de 1951-1963.

Vimos que o lugar social daqueles que compunham a revista tendeu a conferir aos mesmos, certa “autoridade” para projetarem uma cidade ideal, moderna e civilizada. Com isso, vimos que a revista de Letras da cidade de Sousa, extrapolou seu conteúdo literário e construiu em suas páginas um lugar especial para Sousa e para ela mesma.

Esse lugar especial, evidenciado por alguns artigos que tendiam a representar a cidade foi por nós identificado como sendo um projeto de cidade que, pretendia modificar os rumos e destinos de Sousa. Vimos também que é comum a imprensa formular certos projetos de cidade ou de nação tendo em vista o papel civilizador e doutrinário que ela sempre exerceu na vida social.

Ao revisitar a historiografia sousense, vimos como alguns trabalhos tratam da história de Sousa. Identificamos na grande maioria deles a falta de análises críticas mais apuradas, sem, contudo, querermos negar a importância de todos eles.

Ao analisar as representações que a revista construiu sobre Sousa a partir do projeto de cidade ideal que dissemos que ela possuía notamos que até 1954, a cidade era vista como sendo uma cidade carente em muitas áreas, apesar de possuir certos elementos do progresso. Nesse sentido, o discurso do corpo editorial do magazine, no conteúdo político que ela acabou

desenvolvendo, fora voltado para reivindicar melhorias na infraestrutura da cidade tendo em vista os ideais modernos dos anos 1950.

Esse discurso em tom de denúncia mudou consideravelmente de 1955 em diante. A partir de então a revista procurava demonstrar as melhorias que a cidade de Sousa estava experimentando principalmente na sua sintonia com o moderno. Essas melhorias eram simbolizadas pela aquisição de ícones do progresso como a luz elétrica, o abastecimento de água, a melhoria dos transportes, das comunicações, enfim, da aparência da cidade que passara a ser representada como cidade que progredia.

Dissemos também que tais representações redefiniram a imagem da cidade de Sousa, tendo em vista alguns artigos que foram veiculados na imprensa do estado da Paraíba acerca de Sousa e seu desenvolvimento nos anos 1950-60, enxergando em *Letras do Sertão* uma importante matriz para tanto.

Tentamos problematizar a natureza da modernização empreendida naqueles anos na cidade trazendo á tona um pouco do perfil político e econômico da urbe sousense. Em seguida vimos como Sousa fora adentrando nos ditames da vida moderna a partir da incorporação de alguns símbolos modernos em seu cotidiano desde os anos 1920, quando as cidades paraibanas atravessaram uma profunda onda modernizadora.

Demonstramos ainda como a cidade de Sousa respondeu as políticas desenvolvimentistas de JK a partir das representações de *Letras do Sertão* e também das conquistas que foram fruto daqueles anos, como é o caso da energia elétrica vinda de Coremas, do abastecimento de água da cidade, do fortalecimento comercial e industrial do município que se deu especialmente devido a modernização das técnicas agrícolas oriundas da energia elétrica.

Não esgotamos as possibilidades de trabalhar com a revista *Letras do Sertão*, pelo contrário, ainda existem inúmeras possibilidades de explorarmos seu conteúdo. Uma delas é a análise da terceira fase do magazine, já que o novo momento histórico que a nação vivia, representado pela ditadura militar influenciou sua terceira fase e modificou seu projeto de cidade moderna, suas formas de representar Sousa e até mesmo de conceber a modernidade.

Esperamos ter contribuído positivamente com a historiografia sousense e que novos olhares sejam lançados sobre a revista a fim de aprofundar, questionar e ampliar nosso olhar e a nossa versão da Sousa que emergiu nas páginas de *Letras do Sertão*.

Anexos

ANEXO 1 – Censo do município divulgado na revista Letras do Sertão com dados sobre a economia e a demografia do município no ano de 1954

I – CENSO DEMOGRÁFICO

População presente no Município, segundo o sexo, com a indicação da instrução para as pessoas de 5 anos e mais.

| POPULAÇÃO DE FATO | | | | | | | | |
|-------------------|-----------------|--------|----------|--------------------------|----------------------|----------|--------------------------|----------|
| Discriminação | Todas as idades | | | Pessoas de 5 anos e mais | | | | |
| | | | | Total | Sabem ler e escrever | | Não sabem ler e escrever | |
| | Total | Homens | Mulheres | | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| | MUNICÍPIO | 51.408 | 25.042 | | 25.466 | 41.912 | 6.414 | 5.596 |
| Cidade . . . | 4.555 | 2.104 | 2.451 | 3.834 | 871 | 1.011 | 868 | 1.084 |
| VILAS | | | | | | | | |
| Nazarezinho . | 600 | 282 | 318 | 485 | 74 | 74 | 156 | 181 |
| Santa Cruz . | 419 | 210 | 209 | 339 | 71 | 74 | 90 | 104 |
| São José da | | | | | | | | |
| Angê Tapada . | 689 | 344 | 345 | 573 | 94 | 104 | 194 | 181 |
| QUADRO | | | | | | | | |
| RURAL . . . | 45.145 | 23.002 | 22.143 | 36.681 | 5.304 | 4.333 | 13.357 | 13.687 |

3ª. PARTE — ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS — 1953

I — PRODUÇÃO AGRÍCOLA

| CULTURAS | Área cultivada (hectares) | Unidade de referência | Quantidade produzida | Valor total em Cr\$ |
|--------------------------|---------------------------|-----------------------|----------------------|---------------------|
| Abóbora ou jerimum . | 34 | fruto | 20.000 | 80.000,00 |
| Algodão (em cartão) . | | quilo | 4.608.000 | 34.560.000,00 |
| Arroz com casca . . . | 960 | quilo | 1.800.000 | 5.400.000,00 |
| Batata doce | 6 | quilo | 100.000 | 200.000,00 |
| Cana de açúcar | 245 | tonelada | 15.000 | 3.000.000,00 |
| Cana (forragem) | 6 | tonelada | 200 | 24.000,00 |
| Cebola | 2 | quilo | 4.950 | 34.650,00 |
| Feijão (macaxeira) . . . | 39 | quilo | 360.000 | 1.440.000,00 |
| Mamona | 14 | quilo | 5.000 | 12.500,00 |
| Mandioca (macaxeira) . . | 3 | tonelada | 25 | 62.500,00 |
| Mandioca brava | 12 | tonelada | 100 | 26.000,00 |
| Milho em grão | 1.500 | quilo | 1.116.000 | 3.348.000,00 |
| Tomate | 6 | quilo | 40.000 | 120.000,00 |
| Banana | 525 | carro | 480.000 | 12.000.000,00 |
| Cão | 27 | cento | 1.850 | 555.000,00 |
| Laranja | 15 | cento | 15.200 | 684.000,00 |
| Manga | 37 | cento | 70.600 | 3.177.000,00 |
| Ortiga (semente) | 3400 | quilo | 430.000 | 516.000,00 |
| Carneíra (côra) | 1.400 | quilo | 40.000 | 1.200.000,00 |

ANEXO 2- Dados econômicos sobre a produção de origem animal e a produção extrativa e de beneficiamento da cidade de Sousa

| | | | | |
|-------------------------|---------------|--|--|----------------------|
| Total geral Cr\$ | 38.069 | | | 66.439.650,00 |
|-------------------------|---------------|--|--|----------------------|

II — PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL

| Produtos | Unidade de referencia | Quantidade produzida | Valor total em Cr\$ |
|-----------------------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|
| Ovos (de galinha) | duzia | 120.000 | 720 000,00 |
| Leite de vaca | litro | 3.900.000 | 11 700.000,00 |
| Manteiga | quilo | 35 000 | 1.125.000,00 |
| Queijo | quilo | 40.000 | 1.000.000,00 |

Total geral Cr\$ 14.645.000,00

III — PRODUÇÃO EXTRATIVA E DE BENEFICIAMENTO

| Produtos | Unidade de referencia | Quantidade produzida | Valor total em Cr\$ |
|---------------------------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|
| Algodão em Pluma | quilo | 3.447.652 | 82 671.405,00 |
| Arroz beneficiado | quilo | 192 060 | 858.942,00 |
| Carôço de Algodão | quilo | 7.007.953 | 7.503 828,00 |
| Cal | quilo | 930 000 | 279 000 00 |
| Crueira de algodão | quilo | 29 838 | 146 000,00 |
| Fubá de milho | quilo | 14 940 | 45.408,00 |
| Panificação (produtos em geral) | quilo | 107 400 | 1 268 4 0,00 |
| Calçados | par | 3 165 | 198 810,00 |
| Piôlho de algodão | quilo | 54.689 | 112 563,00 |
| Móveis de Madeira | peças | 308 | 209 600 00 |
| Madeira para lenha | m3 | 20.000 | 1.000.000,00 |
| Óleo de carôço de algodão . . | quilo | 457 803 | 6.088 768 50 |
| Óleo de sementes de oiticica . | quilo | 92 355 | 904.050 90 |
| Torta de carôço de algodão . | quilo | 2 217.023 | 2 957.049,50 |
| Rapadura | quilo | 980.000 | 3 430 000,00 |
| Farinha de mandioca | quilo | 28 800 | 105 600,00 |
| Tijolhos de alvenaria | milheiro | 6.200 | 744.000,00 |
| Tôlhas de alvenaria | milheiro | 760 | 228 000,00 |
| Polvilho ou goma | quilo | 1.200 | 4.800,00 |

Total geral Cr\$ 108.756.224,90

ANEXO 3- dados sobre a produção de carne a produção pecuária e o número de transportes existentes em Sousa em 1954.

IV — PRODUÇÃO DE CARNE

| Especificação | Números de cabeças abatidas | Produção de Carne em Kgs. | Valor Total em (Cr\$) |
|-----------------------------|-----------------------------|---------------------------|-----------------------|
| Bovinos | 3 295 | 494 250 | 8 896.500,00 |
| Suínos | 1.628 | 97 680 | 1.465 200,00 |
| Ovinos | 4 140 | 62 100 | 745 200,00 |
| Caprinos | 2 481 | 29.772 | 297.200,00 |
| Total geral . . Cr\$ | 11.544 | 683.802 | 11.404.100,00 |

V — POPULAÇÃO PECUÁRIA

| ESPÉCIES | Quantidade | Preço Médio | Valor Total |
|-----------------------------|---------------|-------------|----------------------|
| Bovinos | 41.800 | 1.500,00 | 62 700.000,00 |
| Equinos | 6.300 | 1 400,00 | 8 820.000,00 |
| Asininos | 4 730 | 400,00 | 1 892 000,00 |
| Muare | 4 830 | 1 500,00 | 7.245.000,00 |
| Suínos | 10 290 | 400,00 | 4 116.000,00 |
| Ovinos | 8 610 | 150,00 | 1.291.500,00 |
| Caprinos | 13.440 | 130 00 | 1.747 200,00 |
| Total geral . . Cr\$ | 90-000 | | 87.811.700,00 |

VI — TRANSPORTE RODOVIÁRIO

| Veículos Motorizados | Quantidade | Veículos a Força Animada | Quantidade |
|------------------------------|------------|------------------------------|------------|
| Automoveis (inclus. jeeps) | 24 | Carroças p/ transporte | 40 |
| Caminhonetes | 18 | Carroções p/ transporte | 7 |
| Caminhões | 62 | Charretes | 3 |
| Tratôres | 14 | Carros de bois | 40 |
| Escavadoras | 3 | | |
| Total geral | 121 | Total geral | 90 |

Anexo 4- crônica sobre o centenário da cidade lida na rádio Borborema.

Bom dia para você, cidade de SOUSA

Epitácio Soares

(Crônica lida na Rádio Borborema, na data Centenária da cidade)

Estarão amanhã os sousenses abrindo as cortinas do passado para, recordar figuras e fatos de sua história, ao ensejo do centenário de sua cidade. Situada por um privilégio da Natureza numa orla encantadora do território paraibano, Sousa é por essa posição geográfica invejável cognominada a cidade sorriso. Sofrendo, com o todas as suas coirmãs sertanejas os influxos agressivos das secas, tem sido, apesar disso e talvez por isso, cenário das mais belas pugnas cívicas de todos os tempos. No arrolamento dos fatos paraibanos, a contribuição dos sousenses tem sido das mais valiosas. Debruçando-se sobre o seu passado, contemplando a paisagem distante, o historiador sousense consegue avistar nos largos horizontes de sua história verdadeiras figuras plutarquiâneas. Não lhe impediu a distância e deficiência dos meios de transportes, que ela tomasse parte em todas as lutas libertárias que se travaram na Paraíba, ao tempo do regime colonial e mesmo depois da nossa independência. Como um dos mais antigos núcleos populacionais da província, venceu a fereza do índio indomável e a hostilidade dos elementos naturais. Teve os seus heróis e os seus mártires, homens de espíritos rijos como o próprio ambiente que os formou. No panorama intelectual do Estado, não tem sido menor a cooperação dos sousenses. Romancista do quilate de Inez Mariz, tribuno como o Genesio Gambarra, um dos maiores artistas da palavra no seu tempo e, ainda agora, sabe Deus com que dificuldades, mantêm os filhos do Rio do Peixe, acesa a mesma chama de idealismo literário publicando mensalmente "Letras do Sertão", um dos mais bem feitos cadernos literários que conhecemos. É essa cidade de gloriosas tradições que estará amanhã festejando

seu primeiro centenario. Mãe, pode-se assim dizer de muitas das demais cidades sertanejas que nasceram sob a egide de sua proteção, Sousa pode sentir orgulho do seu passado. E é como sertanejo e como paraibano, na oportunidade dessa consagração cívica da família sousenses que eu lhe dou este bom dia cordial. Bom dia para você, cidade de Sousa...

ANEXO 5- exemplo do posicionamento da Igreja Católica sousense
acerca de temas como os ideais da sociedade capitalista

EM BUSCA DE FELICIDADE

FREI TARCISIO ARRUDA O. CARM.

Podemos ignorar a felicidade que buscamos.

O grande psicólogo, Sto. Agostinho, costumava dizer que lhe era familiar falar do tempo, mas se lhe perguntassem o que era, não o saberia dizer.

Analogando, o mesmo se poderia dizer da felicidade, respeito àquêle que se esquece de filosofar sobre sua natureza e seu objeto.

Parece, á primeira vista, um paradoxo querer estabelecer tal analogia. Do tempo falamos — da felicidade, porém, andamos à procura. Como do tempo, assim da homba atômica, do relativismo de Einstein, é compreensível o falar-se, mesmo supondo a ignorância. Não assim, porém, a respeito do que buscamos. Sendo racionais, não agimos sob o impulso de um determinismo físico: para atuar, agir, precisamos conhecer. É isto verdade. Há, no entanto, possibilidade de alguém não ignorar o que busca, mas ignorar o “buscado”. Em um laboratório de pesquisas, p. ex., um cientista pode ignorar um remédio, apesar de andar à sua procura. Da mesma forma pode acontecer com a felicidade (e aqui estabelecemos a analogia), quando alguém desconhece seu objeto e, consequentemente, seu paradeiro.

Neste artigo, o primeiro dentre de alguns que desejo publicar, querendo Deus, ocupar-me-ei dessa ignorância existente em torno do nosso verdadeiro “buscado”. Nasce o desejo da beatitude, do conhecimento de nossa própria indigência, aliado ao de um bem que, existindo fora de nós, julgamo-lo destinado a encher nosso vazio, importante é saber, em primeiro lugar, de que espécie é essa nossa indigência. Da resolução desse quesito, depende o conhecimento do bem que à procura andamos.

Spencer, representando a escola naturalista, pensou acertar, ao reduzir o tudo de que carecemos, nestas poucas palavras: “conservação e manutenção, divertimentos e prazeres”. Em nada difere o ponto de vista materialista, que valoriza a vida no seu aspecto puramente físico. Para o socialismo e comunismo, a nossa fome é do igualitarismo. Com o psicanalismo de Freud, com o existencialismo de J. P. Sartre e com o anarquismo das correntes liberais, entramos no pansexualismo, encontramos a existência definida em seus elementos mais acidentais. Todas essas correntes do pensamento amorfo, caótico, amoral e anárquico, arvoradas em sistemas filosóficos, dão, de si, basta prova à confirmação da tese, que propus: “PODEMOS IGNORAR A FELICIDADE. APESAR DE BUSCÁ-LA”.

Nossa indigência é de ordem espiritual; o bem que buscamos escapa-nos aos sentidos. A felicidade tal como deseja nossa natureza racional, consiste na plena satisfação de nossas aspirações mais nobres, na quietude perfeita e perene de nossas faculdades espirituais. Assim a concebemos e buscamos: como um fim absolutamente último, pois ninguém deseja ser feliz para realizar alguma coisa a mais. Considerada dentro desta perspectiva — a verdadeira e real, porque sentida universalmente — a beatitude não é suscetível de ser possuída com um bem ter-

reno e temporal, como blasonam os naturalistas e demais. Tal bem é, de si, inapto; reconhece-o peremptoriamente a própria natureza. Vemos isto claramente manifesto no imenso abismo a mediar entre o desejo e a posse, na inquebrantabilidade do desejo, que conosco nasce, vive e morre, chegando até, em seu paroxismo, a inspirar o suicídio — a violência do homem frente aos obstáculos impeditivos da felicidade que cobiça. Esta verdade leva-nos a compreender por que a felicidade não advém, como geralmente se crê, pela riqueza ou poder, ou honra ou saúde etc.. Tratam-se evidentemente, de meios. Apesar de ser isto tão claro teoricamente, nem sempre, porém, o tem sido na prática. A ambição desmedida do dinheiro por exemplo, apesar de ter sua explicação psicológica, retrata bem esse procedimento ilógico comum a muita gente. Tenta-se encontrar na extensão o que se não logrou achar na intensidade. O mesmo se observa em relação ao poder, onde sua sede cria os déspotas, os teóricos do domínio universal. Assim se diga da honra, que em todo os tempos tem gerado seus Eróstratos, da liberdade sexual irrestrita, criando escolas públicas de pervertidos, sanguinários, sexopatas etc. etc.

O que mais porém, está em aberta contradição com as teorias adversas, que estamos ponderando, é, justamente, a consideração da natureza universal do próprio desejo, que está a requerer um bem similar, universal portanto. Os naturalistas e demais, apresentam como objeto da felicidade, bens que, na questão ventilada, não possuem caráter universal, bens que, positivamente rejeitados, não sufocam o desejo da beatitude, bens, finalmente, que nem mesmo eles estão a desejar como fim absolutamente último. Encarar, portanto, a felicidade dentro de uma perspectiva terrena, temporal, finita, é incompatível com os nossos próprios desejos. Concebê-la dentro deste panorama, seria defini-la como um oásis, mas efeito de miragem — inspirando-nos desejos e tão só desejos. Para terminar, sirvo-me da palavra de Cristo à Samaritana, mulher que personifica, vivamente, o comum da humanidade, sempre atarefada, como Marta, com muitas coisas, menos com a única necessária, a qual busca, mas ignora seu paradeiro. “Se tu conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: dá-me de beber, tu certamente lhe pedirias, e ele te daria duma água viva... Todo aquele que beber desta água (refere-se àquela que em seu cântaro tem a samaritana) tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe der, nunca jamais terá sede ” (João IV 10 e 13). A água é aqui a figura das coisas terrenas, que, longe de sedarem nossa humana inquietude, nos causam ansiedades, trabalhos e penas. Ora, como a samaritana, sendo o nosso desejo voltado à fonte que nos sacie para sempre, necessário é não sermos teimosos, e começarmos a explorar essa fonte.

ANEXO 6- Matéria publicada em Letras do Sertão sobre a inauguração da luz pública onde aparece com detalhes a parte que coube ao município, ao governo do estado e ao governo federal

A Inauguração ===== ===== da luz Pública

Constituiu um acontecimento notável em nossa cidade a inauguração da luz pública

O dia 29 de setembro do corrente ano, ficará lembrado na alma sousense como uma data marcante e triunfal na vida de seus habitantes.

Há muito que a população vinha carecida de uma iluminação que bastasse a cidade, as suas residências, as suas fábricas enfim os clubes e teatros, tudo que dá vida e alegria ao espírito

Com a presença do Comandante Amaral Peixoto, Ministro da Viação, dr. Pedro Gondim, Governador do Estado, autoridades civis, militares, religiosas e o povo, realizou-se a inauguração da luz, serviço público de grande envergadura, empreendido pelo prefeito Municipal, ajudado pelo exm^o Sr. Presidente da República, que tudo fez para que a energia elétrica de Caramuru pudesse chegar à nossa cidade.

Com a luz pública de que dispõe agora a cidade, esta vem de oferecer as maiores possibilidades de progresso e, de certo, a a indústria tomará grande impulso

Já estamos apreciando a alegria de nossa gente com as suas ruas bem iluminadas, os logradouros públicos oferecendo aprazíveis possibilidades de reuniões e amáveis passeios

A cidade tomou outra feição moderna e tudo indica que o seu futuro será de prosperidade, graças a esse imenso melhoramento público, empreendido pela atual administração municipal.

LETRAS DO SERTÃO que prima por registrar fatos e interesses de projeção em prol do progresso da cidade, consigna em suas páginas esse acontecimento de singular expressão histórica para um povo, bem assim para uma administração municipal que teve de enfrentar o problema com bastante coragem, devotação e empenho.

Aqui ficam os nossos parabéns ao sr. Prefeito Municipal Felinto da Costa Gadelha, por esse melhoramento tão importante à vida de nossa cidade.

ANEXO 7- censo industrial da Paraíba que coloca a posição de alguns municípios do estado da Paraíba e dentre eles Sousa.

| MUNICÍPIO | Nº E | | PO | | VP | | VTI | |
|-------------------------|-------|-------|--------|-------|-----------------------------------|-------|-----------------------------------|-------|
| | Abs. | % | Abs. | % | Cr\$ 1.000 (valores correntes) | % | Cr\$ 1.000 (valores correntes) | % |
| Estado | 1.157 | 100,0 | 17.215 | 100,0 | 8.849.143 | 100,0 | 3.368.116 | 100,0 |
| Campina Grande | 212 | 18,3 | 3.004 | 17,4 | 2.250.695 | 25,4 | 513.351 | 15,2 |
| João Pessoa | 186 | 16,0 | 1.858 | 10,7 | 945.684 | 10,6 | 457.594 | 13,5 |
| Santa Rita | 60 | 5,1 | 1.952 | 11,3 | 604.053 | 6,8 | 274.011 | 8,1 |
| Patos | 67 | 5,7 | 655 | 3,8 | 693.471 | 7,8 | 206.337 | 6,1 |
| Sousa | 42 | 3,6 | 385 | 2,2 | 749.410 | 8,4 | 204.605 | 6,0 |
| Rio Tinto | 6 | 0,5 | 4.136 | 24,0 | 1.349.296 | 15,2 | 973.177 | 28,8 |
| Bayeux | 21 | 1,8 | 548 | 3,1 | 268.279 | 3,0 | 85.271 | 2,5 |
| Total destes municípios | 594 | 51,3 | 12.538 | 72,8 | 6.860.888 | 77,5 | 2.714.346 | 80,5 |

Fonte: IBGE. *Censo Industrial da Paraíba*, 1960.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de *et alli*. *A Paraíba no Império e na república: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 79-131.

ARAÚJO, Railane Martins de. O governo Pedro Gondin e o teatro do poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações. Paraíba, 2010, mestrado em história UFPB-PPGH.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural e História das ideias – Diálogos Historiográficos. In: GEBRAN, Philomena (Org.). *História Cultural: várias interpretações*.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural e História das ideias – Diálogos Historiográficos. In: GEBRAN, Philomena (org.). *História Cultural: várias interpretações*.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural e História das ideias – Diálogos Historiográficos. In: GEBRAN, Philomena (org.). *História Cultural: várias interpretações*. Goiânia: E.V., 2006.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Companhia das letras 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989 (Col. “Memória e Sociedade”).
Brum, Argemiro:

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988. Carvalho, José Murilo de.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes de Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. Chagas, Valdeci Ferreira:

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Lisboa: Delfi, 1988 (Col. ("Memória e sociedade")).

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo: Nobel, 1988 (Col. Espaços). Goiânia: E.V., 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3. ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LEITÃO, Deusdedit. *O inventário do tempo: memórias*. João Pessoa: Edições Empório dos livros, 2000.

LIMA, Damião de. *Impactos e repercussões sócio econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande*. Tese de doutorado, USP, 2004.

LUCA. Tânia Regina de. Fontes impressas: histórias dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. Autêntica, 2009.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Signos em confronto: o arcaico e o moderno na Princesa (PB) na década de 1920*. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

OLIVEIRA, Francisca Bezerra de (orgs.). *Ensaio: abordagens teórico-metodológicas em pesquisa*. Campina Grande: EDUFCG, 2005, p. 78-100.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005 (p.111-153).

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007 [2000] (Col. “Espaços da Memória”).

ROCHE, Daniel. *O povo de Paris: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2004.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003 [1995] (Col. “Primeiros Passos”).

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (História da vida privada no Brasil; 3).

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. *Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1999

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. Quando o historiador encontra a cidade. In: FORTUNATO, Maria Lucinete;

SILVA, Josinaldo Gomes da. *Imagens do moderno em Patos (1934-1958)*. Paraíba, 2011, mestrado em história UFCG 2011.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A cultura histórica em representações sobre territorialidades. *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, DH/PPGH/UFPB, n. 16, jan./jun. 2007, p. 33-46.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. Cristiano Pimentel: cidade e civilização em crônicas. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de *et alli*. *A Paraíba no Império e na república: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 133.